



UCP EDITORA

O COMPORTAMENTO HUMANO

Motricidade, Treino e Corpo Expressivo

Jorge Araújo



O Comportamento Humano

Coordenação Alexandre Palma, Alfredo Teixeira
Coleção Cátedra Manuel Sérgio – Desporto, Ética e Transcendência
Conselho Científico
e Editorial Antonio Sánchez Pato – *Universidad Internacional de La Rioja*
João Eleutério – *Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa*
Katia S. M. Mortari – *Grupo de Estudos e Pesquisa em Motricidade Humana da Universidade Estadual de Londrina*
Luísa Ávila da Costa – *Faculdade de Desporto da Universidade do Porto*

Título O Comportamento Humano
Motricidade, Treino e Corpo Expressivo
Autor Jorge Araújo
Coleção Cátedra Manuel Sérgio – Desporto, Ética e Transcendência

© Jorge Araújo
© Universidade Católica Editora

Revisão editorial Débora Morais
Capa Ana Luísa Bolsa | 4 ELEMENTOS
Fotografia da capa Deutsche Fotothek (europeana.eu)
Paginação Magda M. Coelho
Impressão e acabamento Sersilito-Empresa Gráfica, Lda.
Depósito legal 0
Tiragem 500 exemplares
Data março 2023

DOI <https://doi.org/10.34632/978972540920613>
ISBN 9789725409206
ISBN e-Book 9789725409213

Universidade Católica Editora,
Sociedade Unipessoal, Lda.
Palma de Cima 1649-023 Lisboa
Tel. (351) 217 214 020
uceditora@ucp.pt | www.uceditora.ucp.pt

Licença: Este trabalho encontra-se publicado com a Licença Internacional
Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0



O Comportamento Humano

Motricidade, Treino e Corpo Expressivo

Jorge Araújo

UCP 
EDITORA

Índice

Agradecimentos	9
Nota de Abertura por José Constantino	11
Prefácio por José Paiva	13
Introdução	17
 Capítulo I	
Um Ponto de Partida	28
1. O treino na área comportamental	28
2. A relação entre treinador e treinados	32
3. Um paradigma para o treino na área comportamental: Uma «receita mágica»?	36
4. A dimensão pedagógica do treino na área comportamental	39
 Capítulo II	
O Novo Paradigma da Motricidade	42
1. Um corte epistemológico	42
2. Corpo e Mundo	47
3. Na via de uma nova ideia de comportamento.	48
 Capítulo III	
A Construção do Comportamento	52
1. A estrutura do comportamento	52
2. Capacidade expressiva	55
3. Da estrutura à textura	57
4. A experiência do comportamento	58
 Capítulo IV	
A Via Fenomenológica da Descrição do Comportamento: Uma Abordagem Merleau-Pontyana	60
1. Uma nova abordagem	60
2. O fenómeno do comportamento	63
 Capítulo V	
O Comportamento Perceptivo	65
1. O vivido do comportamento	65
2. O comportamento perceptivo enquanto saber prático	69
3. Corpo perceptivo e motor	71

4. A base motora do comportamento	72
Capítulo VI	
O Comportamento, o Hábito e o Esquema Corporal	80
1. Um envolvimento ativo que <i>percebe</i>	80
2. Corpo vivido	82
3. O conceito de esquema corporal	88
4. O hábito do comportamento	94
5. O esquema do comportamento	100
Capítulo VII	
O Corpo Expressivo	108
1. Motricidade e envolvimento no mundo	108
2. O anonimato do corpo	113
3. Expressão do mundo	116
4. O comportamento como «expressão do mundo»	118
5. Corpo expressivo	119
Capítulo VIII	
Intrecorporalidade e Comunicação Intersubjetiva	122
1. Um mundo com outros	122
2. O comportamento e a questão do outro	126
3. Relações intercorporais	132
Conclusão	
1. Filosofia do comportamento de Merleau-Ponty	139
2. Dinamismo vivido e dinamismo interpelante do mundo	143
3. Como ensinar e treinar atletas e quadros de empresas	151
4. Como desprender do corpo objetivo e reencontrar o corpo vivido	154
5. Síntese final	156
<i>Excursão I</i>	
Fenomenologia da percepção e fenomenologia da vida: Uma breve incursão pelo projeto de Renaud Barbaras	161
<i>Excursão II</i>	
O milagre da comunicação e da linguagem:	171
Segundo Paul Ricoeur, as línguas não falam, só as pessoas	171
Bibliografia	175

*O destino de cada homem é ao mesmo tempo o seu maior prazer.
E todo o ser é feliz quando satisfaz o seu destino, isto é, quando segue
a encosta da sua inclinação e da sua necessidade essencial,
quando se realiza, quando está a ser o que é na verdade.*

José Ortega y Gasset, *O que é a Filosofia?*, Edições Cotovia

*Toda a filosofia obriga a olhar as coisas como que de um ponto elevado,
para que o olhar possa abarcar o essencial – do passado ao presente,
apontando talvez algum dealbar do futuro.*

Fernando Savater, *O Valor de Educar*, Publicações Dom Quixote

*A originalidade de Merleau-Ponty será a de reconhecer que o corpo
próprio, enquanto essencialmente distinto do corpo objetivo, não significa
apenas o corpo que sinto meu, nem apenas o espaço subjetivo de sensações
corporais, mas também e, fundamentalmente, a minha experiência pré-reflexiva global
de ser no mundo... experiência vivida... corporalizada e caracterizada
por um silencioso comprometimento motor no mundo.*

Luís Umbelino, «Filosofia do corpo e inventário da dor: (II)», *Revista Filosófica de Coimbra*

*As novas ciências da mente necessitam ampliar os seus
horizontes para abarcar tanto a experiência humana vivida como
as possibilidades de transformação inerentes à experiência humana.*

Varela, Thompson, Rossh, *De Cuerpo Presente*, 17.

Agradecimentos

Ao Professor Doutor Luís António Umbelino, pela imediata compreensão das limitações do treinador candidato e a empatia com que soube contornar as respetivas dificuldades. Nomeadamente, pela paciência sempre manifestada perante a indisciplina – pressa de chegar ao fim! – do candidato.

Ao Professor Doutor Manuel Sérgio, filósofo e amigo, pela inspiração e pelo incentivo constante ao desenvolvimento desta tese de doutoramento.

Ao Professor Doutor José Pedro Paiva, pela disponibilidade e amizade demonstradas.

Ao Doutor José Manuel Constantino, pela ajuda e apoio dado.

À Cristina Pimenta, pela contínua influência e apoio na concretização de mais um projeto de vida. Através das suas palavras e, principalmente, do seu incentivo diário ao longo de mais de 40 anos, ajudou-me na incessante busca de contribuir para uma nova forma de Pensar e Intervir como um Treinador.

À Sofia Jorge Araújo, pela dádiva contida na sua figura incontornável de professora e investigadora na área da genética na Universidade de Barcelona, mas principalmente pelos meus queridos netos Manuel e Maria.

Ao José Miguez, pelo apoio enquanto meu *treinador do treinador* que possibilitou o que viria a ser o meu futuro despertar filosófico.

À Sara Carolina, pelo contributo das suas revisões e correções gráficas.

Ao Alfredo Melo de Carvalho, pelo despertar social, político e, inclusive, filosófico do então jovem profissional de Educação de Física.

Ao saudoso José Teotónio Lima, pelo exemplo profissional e influência constante ao longo de muitos anos.

Ao Júlio Garganta, pelos seus contributos escritos e intervenções públicas.

O Comportamento Humano: Motricidade, Treino e Corpo Expressivo

Ao Jorge Henriques e ao António Henriques, companheiros desportivos e empresariais sempre presentes.

Ao Vitor Sousa, pelo exemplo constante de dedicação à nossa Team Work Consultores.

Ao Nuno Capela e a todos aqueles que ao longo dos últimos 25 anos me ajudaram a criar, a defender e a divulgar o conceito e a metodologia de treino na área comportamental, «Pensar e Intervir» como um Treinador.

Nota de abertura

Jorge Araújo é uma das pessoas, e não são muitas, que em Portugal pensou sempre o desporto para além do jogo. E, quando abandonou a carreira de treinador e optou pela de consultor comportamental, serviu-se dos seus muitos anos de profissional de desporto e condutor de homens em situação competitiva, como principal ferramenta de trabalho.

O trabalho de doutoramento, que apresentou numa fase já avançada da vida, faz a síntese entre o treino desportivo e a gestão comportamental inspirado no pensamento marcante da fenomenologia de Merleau-Ponty.

O desafio é intelectualmente estimulante. Para a ciência do treino e para o pensamento filosófico do comportamento humano.

O autor desfaz o dualismo cartesiano do «corpo motor» e do «corpo espiritual», defendendo o «corpo total» que encerra comportamentos que, tendo na base o movimento, suscitam o aparecimento de sentidos e condutas que só entendíveis na globalidade da sua construção.

O corpo é só um: o que corre, que salta, que nada, que lança, que luta, que dança, que joga ou que brinca é o mesmo que dá ordem à mão para escrever, para pintar ou para tocar. O que se desafia a si próprio, procurando através de uma constante superação responder à velha questão ontológica de saber aquilo de que ele próprio é capaz. De se transcender. O corpo é o ponto de partida e de chegada do comportamento humano. O que é distintivo é apenas o meio concreto em que ocorre a sua expressão.

O diálogo do treinador que interroga a filosofia não é menos estimulante do que as questões que a filosofia coloca ao treinador. E desta dialética entre duas realidades – a do desporto e a da filosofia – emerge um pensamento singular, que o autor provoca, desafia e desenvolve.

O Comportamento Humano: Motricidade, Treino e Corpo Expressivo

Sei que a arte de duvidar é uma virtude pouco apreciada. Mas essa é a função de quem estuda e de quem investiga. De questionar o que damos por inquestionável.

Michel Foucault dizia que «existem momentos na vida onde a questão de saber se se pode pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê, é indispensável para continuar a olhar ou a refletir».

Jorge Araújo prova-o com este seu trabalho.

José Manuel Constantino
Presidente do Comité Olímpico de Portugal

Prefácio

No *Sermão do Fogo* (1995), Agustina Bessa-Luís, com a sua formidável capacidade de escutar, dissecar e entender os mais recônditos meandros do comportamento humano das suas personagens, que com tanta sensibilidade e sabedoria de vida engendrava, escreveu: «Tal é a alma do homem – duvida sempre da simplicidade dos factos sucedidos no âmbito do seu próprio ser; o natural não acontece senão no reino bruto, a razão não nos incita ao que é natural, mas ao que é possível.»

Recordo aqui esta períclope do livro de Agustina – onde ela acutilantemente evidencia que uma conduta racional é obrigatoriamente tisnada pela busca de pragmatismo –, porventura, porque há pouco se cumpriu e foi celebrado o centenário do seu nascimento e, seguramente, porque o empenho que ela sempre dedicou à compreensão da «alma do homem», ou seja, ao âmago do seu comportamento, está, de certo modo, alinhado com os propósitos de Jorge Araújo, o autor do livro que o leitor agora segura nas mãos e se prepara para ler.

A partir do conceito de comportamento desenvolvido pelo filósofo francês Maurice Merleau-Ponty, numa pesquisa enquadrada no âmbito académico de uma tese de doutoramento em Filosofia, ou seja, da arte de pensar criticamente e de forma complexa o Mundo, também Jorge Araújo ousou, sem recear os desafios da exigente tarefa e seguindo trilhos abertos pelo seu orientador científico, pensar a «experiência pré-reflexiva global de ser no mundo... experiência vivida... corporalizada e caracterizada por um silencioso comprometimento motor no mundo».

A prossecução deste chamamento interior, chamemos-lhe assim, após uma rica e longa excursão de vida, abraçada pelo autor deste livro, não espanta quem conhece o «Prof.», como coloquialmente me habituei a tratá-lo desde os meus tempos de jovem praticante de basquetebol. O «Prof.», expressão que

resultava do reconhecimento de um misto de sabedoria, admiração e respeito, sempre sobressaiu no meio desportivo e, mais tarde, empresarial, pela sua postura reflexiva, analítica, portadora de uma visão transformadora e aberta à renovação. Como é sabido, Jorge Araújo dedicou a maior e boa parte da sua vida a treinar o comportamento motor de jovens e adultos basquetebolistas com enorme e indelével sucesso. Mais tarde, numa outra fase da vida, transferindo e adaptando muito do que aprendera nos campos de basquetebol e nas complexas dinâmicas pessoais envolventes, com olho de lince construiu um conhecimento que passou a aplicar na motivação de equipas empresariais, sobretudo atuando entre as suas lideranças. Novamente com indiscutível êxito. Numa palavra, o «Prof.» distinguia-se. E fascinava e continua a surpreender pelo seu desassombro em querer perceber o mundo. Esta conduta sempre teve nele algo de insaciável, de imparável, talvez voraz. Não surpreende, por conseguinte, que neste livro, resultado de um esforço que também pode ser interpretado como um natural ponto de chegada de uma odisseia pessoal, como o corolário de uma aventura de vida, tenha escrito que a sua experiência existencial esteve focada em «reaprender a ver mundo», numa dinâmica através da qual foi «criando novos sentidos e significados».

Sempre a reaprender o mundo. Atitude sábia. Até descobrir, com Merleau-Ponty, que os gestos do corpo não se confinam a um processo mecânico provocado por estímulos exteriores. Conforme observa Jorge Araújo, naquele que é o argumento central aqui defendido, o comportamento motor é «uma experiência global de pertença a um meio envolvente; uma nova noção de corpo e de mundo que coloca em questão um corpo que não é apenas corpo físico, mas antes do mais, necessariamente *vívido*». Assim sendo, concluirá, através do raciocínio fundado na experiência empírica que foi construindo, que treinar com êxito o corpo implica uma abordagem holística que tem obrigatoriamente de convocar os sentimentos, as emoções, os sentidos, em suma, a vida.

Esta perspetiva, muito bem desenvolvida e demonstrada nas páginas deste livro que convido o leitor a percorrer, comporta riscos e, no limite, até pode parecer aterradora. Se tudo é treinável, e se há quem o saiba aplicar, é a essência da dignidade humana que pode ficar em causa ou, pelo menos, seriamente restringida. O reduto essencial da humanidade de cada um e de todos é o livre arbítrio. Foi assim que pensaram alguns gregos e romanos, abrindo caminho para que, mais tarde, humanistas italianos, entre os séculos xiv-xvi,

Prefácio

nisso insistissem. A liberdade é a capacidade que todos temos de, com o nosso corpo vivido no mundo (gloso novamente o que neste livro se sustenta), decidirmos, escolhermos, nos transformarmos no que verdadeiramente almejamos. A liberdade é a raiz de toda a criatividade e dos traços mais incisivos, sejam eles sublimes ou de inaudita e violenta desumanidade, que a espécie humana tem deixado no mundo.

Qual a margem de liberdade que nos resta se toda a nossa educação e experiência de vida for assumida como uma aprendizagem passível de ser treinada? Este livro não responde a esta questão. Não procura suscitá-la, não sendo sequer esse o seu propósito. Mas é com ela que também desejo estimular o leitor a entendê-lo e, através dele, a pensar. Porque, para retornar aos termos de Agustina com que abri este prefácio, um livro não nos incita apenas ao que é «natural», isto é, ao que dele se poderia esperar, mas apenas ao que nele e por ele é «possível».

José Pedro Paiva
Professor na Universidade de Coimbra
Coimbra, 1 de novembro de 2022

Introdução

*A Filosofia não descobre fatos desconhecidos.
Tenta sim fazer despertar o que se encontra, entretanto adormecido,
nos fatos pretensamente conhecidos desde sempre.¹*

O comportamento humano constituiu desde muito cedo na minha vida profissional um misto de paixão e mistério. Tanta paixão que, mais do que um treinador desportivo reconhecido pelas suas intervenções operacionais e de âmbito técnico e tático, sempre me caracterizou o facto de quase todas as equipas que dirigia demonstrarem, principalmente, um enorme empenho e entusiasmo ao serviço dos seus objetivos comuns. Quanto ao mistério gradualmente nele encontrado, o facto incontornável de me ir apercebendo ano após ano que, ao contrário do que tanto procurava (e que por vezes imaginava possível!), não existiam «receitas» que, uma vez aprendidas, representassem uma solução definitiva. Pelo contrário! Cada contexto e circunstância em que decorria o meu trabalho, cada grupo de jogadores ou quadros de empresas me impunham um comportamento que nada, ou muito pouco, se relacionava com situações de sucesso anteriores. Para além desta complexa caminhada em que, quanto mais experiências adquiridas, maiores eram as dúvidas que me assaltavam, uma preocupação de fundo, um objetivo principal se impunha: ser útil no sentido de uma aquisição e partilha de conhecimento continuadas, que pudessem inserir o treino desportivo e comportamental na verdadeira ciência do homem, retirando-os do reducionismo biológico em que, no geral, iam ficando retidos.

¹ Cornelius Castoriadis, «Le dicible et l'indicible», in *L'ARC*, n.º 46 «Merleau-Ponty» (Paris: Duponchelle, 1971), 71.

Emergiu assim, com naturalidade, em setembro de 2016, a necessidade de me candidatar na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra a uma tese de doutoramento então designada «Motricidade e Corpo Expressivo», por fim aprovada no início do ano 2022 com louvor e distinção.

Este livro conjuga afinal dois momentos decisivos deste meu caminho intelectual. A investigação efetuada durante alguns anos no âmbito das neurociências e de alguns autores marcantes, como Damásio, Varela ou Gallagher, com o que me foi possível por fim aprofundar a nível filosófico, através das obras de Manuel Sérgio e Merleau-Ponty – com a ajuda, entre outros filósofos, de Renaud Barbaras e Paul Ricoeur.

Como treinador desportivo e, posteriormente, comportamental a nível empresarial, desde muito cedo procurei compreender o sentido derradeiro do comportamento de atletas e quadros de empresas. Tomando como base os fundamentos teóricos da minha área de formação, a educação física, tinha por objetivo exercer um tipo de trabalho prático que fosse acompanhado e justificado por sólidas orientações teóricas².

Trilhei então caminhos de estudo e investigação dominados pelos ensinamentos de um paradigma de cientificidade que concebia o corpo como objeto exterior de estudo objetivo. Era esse, afinal, o paradigma predominante à época da minha formação inicial. Na base de tal paradigma, subsistia um conceito fisiologista (naturalista) de corpo; no respetivo núcleo, trabalhava-se à luz do desenvolvimento de um conhecimento científico especializado que pretendia estudar o corpo – referencial primeiro – a partir de investigações parcelares das respetivas partes.

Cruzavam-se, neste horizonte, dados de biologia, anatomia, fisiologia, psicofisiologia, psicologia, etc., e acreditava-se que o comportamento, dilucidado cientificamente na observação desse corpo objetivo, era apenas mais um objeto de estudo que poderia ser trabalhado, moldado e rentabilizado.

² Júlio Garganta, «Atrás do palco, nas oficinas do Futebol», in *Futebol de muitas Cores e Sabores: Reflexões em Torno do Desporto mais Popular do Mundo*, orgs. J. Garganta, J. Oliveira e M. Murad (Porto: Campo das Letras, 2004), 227-234.

«O papel do treinador não deve ser entendido nos limites restritos do “técnico”, do instrutor ou do adestrador, pois dele se espera que seja capaz de liderar o processo global de evolução dos jogadores a seu cargo, induzindo a transformação e o refinamento dos respetivos comportamentos e atitudes. Acresce que a sua filosofia de actuação não pode dispensar a intenção de criar uma dinâmica positiva na colectividade onde trabalha, de forma a favorecer o desenvolvimento de uma cultura desportiva e a melhoria das respectivas condições materiais e humanas.»

Introdução

Este paradigma, a que aqui apenas aludo de forma genérica, foi profundamente abalado pela obra filosófica de Manuel Sérgio: no contexto adverso daquele paradigma científico que norteava as investigações em educação física, Manuel Sérgio defendeu uma nova noção de motricidade e de comportamento, um conceito complexo de corpo retirado da moderna fenomenologia. No centro destas suas ideias, surgia a tese de que a verdadeira referência do comportamento não deveria ser o corpo entendido como referencial exclusivamente fisicalista, mas sim a pessoa integral, desvendada além de todos os dualismos.

Na área da educação física, tratava-se assim de propor uma verdadeira transição teórica revolucionária³. Transformação que Manuel Sérgio propunha então à luz de uma história filosófica longa, mas tão nova para um investigador da área da educação física; naturalmente, as suas opiniões tiveram um forte impacto sobre a minha forma de pensar.

Indicava-me, afinal, a necessidade de alargar o estudo da própria noção de comportamento para lá dos quadros estritos do horizonte naturalista. Tal ideia nova reclamava, na perspectiva de Manuel Sérgio, a investigação de uma outra ideia de corpo e corporeidade, uma ideia mais fundamental: a ideia de uma corporeidade vivida, experienciada, exercida. Um comportamento que, afinal, não mais poderia ser entendido como dado observável num corpo disponível, mas antes como realidade vivida, integral, incarnada de um sujeito pessoal.

O que, no entender de Manuel Sérgio, já se encontrava desvendado pelas análises fenomenológicas de Merleau-Ponty, nomeadamente as suas célebres análises do comportamento perceptivo. «A percepção não é para ser pensada com um certo diletantismo, porque se trata de um ato vinculante, entre um corpo e um objeto, com tal estrutura e força, que somos do objeto e nos confundimos com o corpo... Merleau-Ponty resumiu assim o conceito de percepção, perceber é tornar presente qualquer coisa com a ajuda do corpo.»⁴ Citando Merleau-Ponty, destacava assim Manuel Sérgio o tema do comportamento

³ Manuel Sérgio, *Um Corte Epistemológico, da Educação Física à Motricidade Humana* (Lisboa: Instituto Piaget, 1999), 10. O prof. Doutor Trovão do Rosário, no Prefácio deste livro, diz num determinado momento: «Manuel Sérgio considera a transição harmoniosa e que as actividades que têm sido integradas na educação física são, todas elas, objectos de estudo da motricidade humana.»

⁴ Sérgio, *Um Corte Epistemológico*, 127.

perceptivo, referindo em particular o célebre cubo que, de acordo com o filósofo francês, resumia bem o fundo desta questão: «É de lembrar neste passo o exemplo do cubo que Merleau-Ponty refere. Quando vemos um cubo não nos assalta qualquer dúvida: é um cubo mesmo! Todavia nunca vemos simultaneamente as suas seis faces. A percepção de um objeto não se limita àquilo que vemos. Nela se incluem as condições que me levam a pensar que me encontro diante de um cubo. Por isso a importância da perspectiva, como suporte indispensável da representação. Sem intenção e perspectiva nada de válido acontece na vida.»⁵

As ideias de Manuel Sérgio não foram então pacíficas no horizonte da educação física. Ainda hoje não o são e pode dizer-se que o paradigma de uma conceção naturalista de corpo objetivo, embora moribundo, continua a persistir na minha área de estudos inicial – e, por vezes, igualmente, na minha atual área profissional comportamental. Um corpo separado e passível de ser reduzido às respetivas partes, como se a *res extensa* cartesiana pudesse dar conta de toda a experiência humana de corpo.

Não possuindo então todos os instrumentos teóricos que me permitissem compreender integralmente o que Manuel Sérgio propunha, decidi pelo que me pareceu uma possibilidade importante: a de procurar um alargamento teórico com base nos ensinamentos das modernas neurociências. Embora pensasse que tal estudo me daria a chave de compreensão do comportamento, rapidamente entendi que considerar o cérebro como base para compreender o corpo em ato me parecia ainda uma forma de redução do corpo a uma das suas partes materiais. Mas da neurobiologia das emoções e da motivação avançavam promessas fascinantes que não me deixavam indiferente.

Ao reler alguns dos textos que, entretanto, fui escrevendo, tomei consciência de que afirmava, sem me dar conta, mais do que aquilo que pretendia encontrar nesse horizonte teórico. Por exemplo, no meu livro *Pensar e Intervir como um Treinador*⁶, ao mesmo tempo que continuava a procurar respostas no horizonte das neurociências, defendia já que o ensino e o treino no âmbito dos desportos coletivos deveria assentar na vivência da situação real de jogo, com a presença do treinador, observando a prática e ajudando os atletas a refletir sobre aquilo que a ação concreta e os erros entretanto cometidos iam

⁵ Manuel Sérgio, *O Futebol e Eu* (S. Pedro do Estoril: Prime Books, 2015), 145.

⁶ Jorge Araújo, *Pensar e Intervir como um Treinador* (Porto: Team Work Edições, 2012).

requerendo. Era esta noção de vivência que, progressivamente, me foi surgindo como mais decisiva e, também, mais difícil de perceber integralmente através de uma perspectiva na terceira pessoa (é o cérebro que... etc.).

Afinal, trabalhava com pessoas, com seres humanos e não simplesmente com cérebros. E a figura de Manuel Sérgio de novo se me tornou presente. Esta evidência, no entanto, haveria ainda de se fortalecer para me fazer mudar de horizonte teórico.

Em *Tudo se Treina*⁷, livro que publiquei em 2014, preocupava-me a questão de saber conviver com as nossas emoções; falava, nesse contexto, do ato de treinar as inteligências física, mental, emocional, social e espiritual no sentido de serem adquiridos hábitos comportamentais. Em particular, reconhecia a importância da empatia e da resiliência necessárias para que, em contextos coletivos de trabalho, se atingissem os objetivos a que cada um se propunha numa dada organização. Mas a pergunta sobre o que significa ter várias inteligências, a questão sobre a origem e a base da empatia e das emoções, não me deixava sossegado com as respostas que já possuía. Perguntava-me, novamente, qual a base da vivência, o que significa viver uma situação e o que quereria realmente dizer viver uma situação com o corpo que sou.

A tentativa de resposta à questão *As Emoções e os Sentimentos também se Treinam?*⁸ conduziu-me à ideia de que não mais se poderia conceber a emoção de um lado e o comportamento de outro, mas sim comportamentos com base nas emoções que os órgãos dos sentidos nos provocam. O que implicava formar (educar/treinar), explorando a capacidade de adaptação contida na nossa plasticidade cerebral e, principalmente, fazendo ressaltar a importância das experiências de vida e da complementaridade entre razão e emoção.

Uma vez mais, brotava uma dúvida teórica: o que é efetivamente esse comportamento? Será a plasticidade cerebral a explicação de toda a realidade do que é o comportamento? E a vivência integral da corporeidade? E as estranhas sincronizações familiares que, sem consciência, me parecem unir corporalmente às coisas e aos outros?

⁷ Jorge Araújo, *Tudo se Treina* (Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2014).

⁸ Jorge Araújo, *As Emoções e os Sentimentos também se Treinam?* (Porto: Team Work Edições, 2015).

Mais recentemente, em *O Treino do Treinador*⁹, defendi que os treinadores profissionais se deveriam comportar de forma emocionalmente positiva, consoante o contexto e a circunstância da sua relação com o respetivo meio profissional. Para o conseguirem, deveriam fazer-se acompanhar pelo *treinador do treinador*, que observasse, questionasse e desse *feedback*, ajudando-os a refletir sobre o impacto dos seus comportamentos e a melhorar a respetiva eficácia relacional. Situação que, ao longo da minha experiência profissional¹⁰, tive oportunidade de experimentar.

Mesmo assim, algo resistia à minha investigação: o sentido mais profundo e radical de um comportamento vivenciado, intersubjetivo, concreto, pessoal. A minha atenção à necessidade de fundamentação teórica da prática do treino na área comportamental foi, deste modo, sendo gradualmente definida por uma tentativa de alargamento dos respetivos pressupostos orientadores. Nomeadamente, associando a experiência de um certo modelo de treino de alto rendimento desportivo ao contexto da prática profissional no âmbito empresarial.

Um longo percurso no final do qual verifiquei que as questões fundamentais não tinham ainda sido por mim formuladas; e que, por essa razão, estava longe de poder enfrentar as respostas mais radicais, mais profundas e complexas: o que é o comportamento? Será o comportamento uma realidade estritamente neurobiológica? Encontra-se a sua explicação no cérebro ou, ao contrário, é

⁹ Jorge Araújo, *O Treino do Treinador* (Porto: Team Work Edições, 2016).

¹⁰ Durante alguns anos, o Prof. Doutor José Miguez, Psicólogo das Organizações e então professor na Faculdade de Psicologia do Porto, deu-me um apoio decisivo para me levar a compreender as dificuldades contidas no facto de o meu sucesso passar por interpostas pessoas. No meu trabalho, por muito que fosse o meu saber e experiência – como quem jogava eram os jogadores e não eu – importava acima de tudo aquilo que eu fosse capaz de levar os jogadores a fazer. Mais do que um líder, entendido como aquele que através do seu exemplo arrasta atrás de si os seus colaboradores, gradualmente foi-me demonstrado pelo «treinador do treinador» que me pertencia a iniciativa da comunicação a estabelecer com jogadores e dirigentes e que só o seu envolvimento pessoal e respetiva responsabilização e interesse pelo processo global poderia conduzir ao sucesso. A minha autoridade, mais do que imposta, tinha de ser reconhecida e aceite! No início da sua ação, o Prof. Doutor José Miguez começou por assistir, sem comentar, à generalidade das minhas intervenções junto da equipa. Um dia, a propósito das reuniões de análise que habitualmente promovia após cada jogo, disse-me: «Tens de deixar de ter sempre razão quando falas aos jogadores! As tuas opiniões são demasiado contundentes e provocam nos jogadores, pela força que evidenciam, uma evidente perturbação. Perante as tuas razões, não lhes resta outro caminho senão constatarem as suas debilidades e sentirem-se frustrados e pouco confiantes. Mais do que seres brilhante nas tuas intervenções, necessitas garantir que a mensagem que pretendes transmitir seja recebida e assimilada, levando os jogadores a concluírem por si próprios o que pretendes que façam.»

o cérebro já uma resposta ou resultado do comportamento? Que corpo é o corpo do comportamento humano? O que significa *intervir* sobre o comportamento? Sobre o que se intervém, quando se afirma treinar comportamentos?

No momento em que formulei estas questões, constatei os limites das minhas abordagens e compreendi, finalmente, a que ponto havia sido importante o conjunto de propostas filosóficas de Manuel Sérgio: ao propor-nos refundar a ciência da educação física como *ciência do homem integral*, apontava-nos afinal o caminho para uma *filosofia do comportamento integral*.

Manuel Sérgio dizia que, para filosofar sobre o desporto, ninguém melhor do que um agente do desporto. Palavras que me pareceram nesse momento especialmente dirigidas a mim próprio. Para Manuel Sérgio, o fenómeno desportivo era o lugar por excelência para pensar e investigar o comportamento humano; mas esta investigação deveria ser complexa e interdisciplinar, pois de nenhum outro modo se poderia, aliás, compreender a complexidade do ser humano. Tal como nos ensinaram os gregos e que a modernidade por vezes pareceu esquecer, nenhum *homem da prática* pode deixar de ser um *homem da teoria*¹¹. Recentemente, Manuel Sérgio afirmou:

¹¹ Julgo justificar-se citar aqui as palavras que Manuel Sérgio me dirigiu, quando convidado para elaboração do *Prefácio* de um livro que pretendi publicar (não publicado, entretanto), com o título *O Treinador e a Filosofia*: «Para filosofar sobre o desporto, ninguém melhor do que um “agente do desporto”. Quero eu dizer: para fundamentar os juízos de valor filosóficos, necessários se tornam os juízos de realidade tecnocientíficos. Quando Jorge Araújo, o autor deste livro, com um currículo magnífico ao nível do basquetebol português e da cientificação do treino desportivo e de um incomparável (em língua portuguesa, sem dúvida) trabalho interdisciplinar Desporto-Gestão, pensa a sua especialidade, está a produzir cultura e, ao produzir cultura, produz necessariamente filosofia, dado que a filosofia se define *por uma tradição de reflexão intelectual crítica, diante dos conhecimentos espontâneos* [...]. No seu último livro, aliás, com verdadeiro ímpeto interventor, afirma Jorge Araújo: “Assumindo que, para além da técnica, da tática, da preparação condicional e do futebol jogado, uma equipa profissional exige estar em permanentes ‘cuidados intensivos’, relativos à sua inteligência mental (foco e concentração nas tarefas), inteligência emocional (controlo da ansiedade e empatia individual e coletiva), inteligência espiritual (disponibilidade para se superar) e inteligência social (o todo é maior do que as partes).” Ao dizer isto, no seu livro *O Treino do Treinador*, ele faz filosofia, pois que esta se caracteriza *pela insistência que põe em mostrar como as ciências são construídas pelos humanos e para os humanos, no entender de Prigogine e Stengers* [...]. Demais, segundo José Barata-Moura: “Ao pensar de um filósofo, qualquer boa questão não pode deixar de se apresentar como revestindo-se de atualidade”. Este livro (indispensável a um treinador desportivo, competente e honesto) é o texto-síntese de um admirável percurso desportivo, que é também o resumo de uma vida, inteiramente e com brilho inusitado, dedicada ao serviço de um Desporto, claramente respaldado naqueles princípios sem os quais impossível se torna viver humanamente, já que se fundamenta numa visão humanista do Homem, da Vida, da Sociedade e da História. Para Jorge Araújo, não há *Desporto pelo Desporto*, para ele,

«Na minha tese de doutoramento, velha de 33 anos, já eu escrevia: Ninguém, razoável, duvida: definir o Homem é um risco. Risco em toda a pluralidade da palavra. Na verdade, como fixar com exatidão a subjetividade humana?... E não poderá mesmo, em novo risco de audácia, dizer-se que o homem é um mistério, pois que existe uma parte de si mesmo que não cabe

o Desporto justifica-se porque a sua prática deverá significar uma homenagem ao que de Belo e Bom a existência humana tem... Só que este livro diz mais: sublinha que a filosofia do desporto deverá alicerçar-se em quem conhece o Desporto. Para mim, não há filosofia, sem tecnociência, como não há teoria sem prática, como não há espírito sem matéria. Foi este o meu maior drama, quando ousei dedicar-me à crítica desportiva: tive rapidamente a consciência de que me ocuparia de uma axiologia assente num desconhecimento quase total da respetiva ontologia, quero eu dizer: de forma provocatoriamente interpelativa, falava de um “dever-ser” sem conhecimento do “ser”, pois (esta frase é minha, há muitos anos) “quem não pratica não sabe”.... Quando, em colaboração com o Prof. Henrique de Melo Barreiros, tentei criar o paradigma científico da Faculdade de Motricidade Humana, através de um “corte epistemológico” que ultrapassava o biologismo do INEF e do ISEF e se centrava no ser humano no movimento intencional da transcendência, logo percecionei que a pessoa humana é um conceito híper-complexo para poder ser enunciado num só conceito... Digamos em poucas palavras: o ser humano não é tanto um facto, é fundamentalmente um valor. E é o homem, como valor incomensurável, a ideia que toma corpo, ao longo da obra de Jorge Araújo, licenciado em Desporto e conceituado treinador de basquetebol que não só faz, mas sabe pensar (e com mestria) o que faz. Daí, o já ter sido “treinador do treinador” de alguns técnicos da alta competição desportiva e com resultados que deveriam estudar-se, com grande rigor e interesse, nomeadamente na universidade. Jorge Araújo merece uma homenagem sincera do desporto português, pelo treinador que é e pela filosofia que defende e... não só neste livro! *Não me procurarias, se antes já não me tivesses encontrado*, disse-o Pascal. Quando o Jorge Araújo me convidou a prefaciar este livro (o que muito me honrou, francamente) ele antecipava, com toda a certeza, que eu iria acentuar, uma vez mais, como já o faço há muitos anos, que o problema hermenêutico fundamental do Desporto não se põe tanto na relação Desporto-Biologia, mas na relação Desporto-Pessoa e que importa, por isso, superar uma hermenêutica puramente passiva, no contexto das ciências contemporâneas, de uma Educação Física, que merece respeito, pelo seu passado, mas já definitivamente sepulta. O intento audaz e perfeitamente atual de Jorge Araújo de formular uma nítida mensagem aos treinadores desportivos e aos licenciados e mestres e doutores em Desporto que o Desporto precisa da Filosofia (como a Filosofia precisa do Desporto) nem todos o subscrevem. Quando comecei a dizer isto mesmo, logo me deitaram um olhar lateral e suspeito os ferozes capatazes de um hábito (hábito só, sem o mínimo de espírito crítico) de pensar a prática desportiva. Mas o tempo é o grande mestre, já rezava Ésquilo.» (Manuel Sérgio, *Prefácio* s/ed.) Ao sustentar que deveríamos ter uma filosofia própria de pensar e intervir, Manuel Sérgio incentivou-nos, em simultâneo, a assumirmos uma cultura inerente aos valores que queríamos ver praticados, evidenciando-o (quanto possível!) não só através da quantidade de saber que possuíamos, mas principalmente da sabedoria que íamos adquirindo. O que subentendeu desde logo a responsabilidade que endereçou à generalidade dos treinadores portugueses, para que fossem capazes de pugnar por um futuro diferente (para melhor!), como também partilhar com a generalidade dos outros treinadores um futuro onde ficasse bem expressa essa diferença. E, tudo isto, sem nunca perdermos uma fundamental ligação à prática, descobrindo novos caminhos filosóficos, numa busca que pudesse servir de motivo de reflexão generalizada.

nas nossas categorias intelectuais e pragmáticas, mas tão real que antes de ser pensada já a experimentámos? Que o homem tem um sabor experiencial da realidade, antes de ter dela um conhecimento conceptual – parece inteiramente certo!»¹².

Entre o conjunto de autores com os quais Manuel Sérgio sustentou a sua investigação, alguns pareciam ocupar um lugar de fundamento; como se as suas doutrinas marcassem pontos de inflexão e fundamentação a partir dos quais se tornava forçosa uma nova forma de pensar.

Tal como já o referi anteriormente, Maurice Merleau-Ponty foi um deles. «Os trabalhos de Merleau-Ponty (1908-1961), titular da cadeira de Filosofia do Colégio de França, a partir de 1952 até à sua morte em 1961, são hoje uma das referências sem a qual a filosofia do corpo, a fisiologia da percepção e da ação, a psicologia do desenvolvimento e a modelização *in vivo* dos gestos, não poderiam ter constituído os seus campos atuais de investigação.»¹³

Nos textos deste autor, Manuel Sérgio havia encontrado uma conceção original, inovadora e incontornável de motricidade, capaz de permitir pensar todo um novo paradigma de pensamento sobre o fenómeno do comportamento humano. Em certa medida, Manuel Sérgio anteviu o que recentemente Terezinha Petrucia da Nóbrega sustentou assim: «Ao criticar as compreensões do corpo preconizadas pelo empirismo e o intelectualismo, Merleau-Ponty disse-nos que na perspetiva fenomenológica, o corpo não é compreendido nem como um objeto nem como um modo do espaço objetivo, tal qual é concebida pela fisiologia mecanicista»¹⁴.

Merleau-Ponty demonstra que, sob o conceito de motricidade não se encontra uma simples realidade mecânica que se explicaria pelo sistema do estímulo/resposta. O comportamento não é o nome de um órgão ou sistema de órgãos, não é o resultado estrito de processos neurobiológicos, mas antes o nome de uma realidade invisível: a correlação entre corpo (entendido como

¹² Manuel Sérgio, «Há desporto sem valores?», Espaço Universidade, *site* jornal *A Bola*, 18 de junho de 2018. Disponível em: <https://www.abola.pt/Outras/Noticias/Ver/736014>

¹³ Alain Berthoz e Bernard Andrieu, «Introduction», in *Le corps en acte : Centenaire Maurice Merleau Ponty* (Nancy: Presses Universitaires de Nancy, 2010), 5 e 6.

¹⁴ Terezinha Petrucia da Nóbrega, «Le corps comme œuvre d'art : notes sur une ontologie sensible chez Merleau-Ponty», in *Le corps en acte : Centenaire Maurice Merleau Ponty* (Nancy: Presses Universitaires de Nancy, 2010), 274.

corpo de alguma coisa) e mundo (entendido como mundo para um dinamismo corporal). E é sobre tal correlação que tudo o mais de comportamental se constrói e configura. A nova noção de corpo e de mundo desafia a ideia de supremacia do corpo meramente físico, pensando-o, antes de mais, na dimensão do necessariamente *vivido*. E é esta dimensão vivida que, justamente, para lá das tentativas de biologização, naturalização ou cerebração, me pareceram poder orientar uma nova fundamentação da noção de comportamento. Afinal, é treino comportamental o que faço. Como é *vivido* o modo como agimos e intervimos no mundo através de atitudes e comportamentos envolvidos num contexto de sentidos, emoções e sentimentos.

Aristóteles afirmava que «a inteligência consiste não só no conhecimento, mas na destreza de aplicar os conhecimentos na prática»¹⁵. Ortega y Gasset dizia, com razão, que «a filosofia não é uma ciência porque é muito mais»¹⁶. Manuel Sérgio, defendendo que a ciência manifesta dificuldades inultrapassáveis ao tentar perceber tal totalidade, tornou claro que «a ciência não chega para explicar uma lágrima humana. Assim se compreende que a vocação humana não seja só para racionalizar, mas para viver»¹⁷.

Considera este autor que, «para escapar à preguiça da razão, urge enfrentar um problema com que a filosofia sempre se debateu: o da distância entre pensamento e realidade, entre a linguagem e as coisas»¹⁸. Argumentando que tal objetivo se cumpriria na «passagem do paradigma cartesiano ao paradigma da complexidade, obriga ao corte epistemológico, que é a passagem da educação física (ginástica, jogos e desportos) à ciência da motricidade humana»¹⁹; ciência da motricidade humana (CMH), a que não serão estranhas as concepções de comportamento vivido, motricidade, corpo vivido e experiência integral de que nos fala, entre outros, Merleau-Ponty.

No contexto global de influências sergianas, Merleau-Ponty emergiu como a figura central no meu projeto de refundar teoricamente a prática do treino comportamental. Também aqui haveria que fazer uma transição semelhante

¹⁵ Aristóteles, Proverbia.net, Aristóteles, 384 AC-322 AC, Filósofo grego.

¹⁶ Ortega y Gasset, *O que é a Filosofia?* (Lisboa: Edições Cotovia, 1995), 38.

¹⁷ Sérgio, *Um Corte Epistemológico*, 20.

¹⁸ Sérgio, *Um Corte Epistemológico*, 18.

¹⁹ Sérgio, *Um Corte Epistemológico*, 21.

Introdução

à operada por Manuel Sérgio no seu campo disciplinar: passar da *educação física do comportamento* para a *filosofia global da motricidade humana* corporalizada e em situação. E ressaltando um detalhe importante: trata-se de fundamental e, portanto, Merleau-Ponty aparecerá neste trabalho como interlocutor privilegiado na procura das bases mais radicais do comportamento vivido ou exercido em ato.

Capítulo I

Um Ponto de Partida

*Como garante o corpo a implementação do seu cérebro?
Paradoxalmente, parece que a sua atividade se desenvolve no
desconhecimento do autor e antecipa a aparição da experiência consciente.
A consciência de ser autor de uma ação corporal não seria uma ilusão?*²⁰

1. O Treino na área comportamental

Mas o que é, afinal, treinar na área comportamental?

Quer na família ou na escola, a um nível desportivo ou empresarial, treinar na área comportamental corresponde a um conjunto de ações e estratégias que visam melhorar competências, modificar e diferenciar atitudes e comportamentos no sentido do objetivo comum contido na prática social de determinados princípios e valores²¹.

²⁰ Bernard Andrieu, «Le corps dans l'acte de son cerveau», in *Le corps en acte : Centenaire Maurice Merleau Ponty* (Nancy: Presses Universitaire de Nancy, 2010), 189.

²¹ Júlio Garganta, «Dos constrangimentos da acção à liberdade de (inter)acção, para um Futebol com pés ... e cabeça», in *O Contexto da Decisão: A Acção Tática no Desporto*, Duarte Araújo, ed. (Lisboa: Visão e Contextos), 179-190.

«Os jogos desportivos colectivos configuram situações de participação simultânea e espaço comum, propiciando actividades férteis em acontecimentos cuja frequência, ordem cronológica e complexidade não podem ser determinadas antecipadamente. Como consequência, torna-se importante desenvolver competências que transcendam a execução propriamente dita e valorizem as capacidades relacionadas com as estratégias cognitivas que guiam a captação de informação e a tomada de decisão. Parece assim justificar-se que jogo e treino sejam perspectivados como sistemas acontecimentais dinâmicos, a partir do reconhecimento da importância das interacções dos jogadores/equipas para agirem eficazmente em situações de elevada instabilidade e variabilidade.»

Trata-se de uma atividade que pressupõe informação e formação contínua e que se pretende organizar como referência para orientar comportamentos perante situações esperadas; mas também – e talvez fundamentalmente – face a situações e contextos inesperados e/ou adversos²².

O treino comportamental, enquanto prática, pode igualmente entender-se como exercício – ou experiência – que desenvolve respostas adequadas a solicitações variadas do meio; seja esse meio genericamente entendido em termos quotidianos, em termos de prática desportiva, ou em termos de desempenho profissional em contexto empresarial. E a referência fundamental de quem treina na área comportamental deve ser sempre uma atividade ou contexto profissional concretos, que se entende poder ser favorecido ou melhorado por alterações de certas práticas, inerente ao modo como se lida com esse contexto ou situação.

Da nossa longa experiência profissional como treinador de atletas e treinadores profissionais de basquetebol e de futebol de alto rendimento, bem como de quadros de empresas, podemos retirar um ensinamento importante: é fundamental reforçar laços de compromisso emocional²³. Quando partilhadas, as emoções desencadeiam sempre decisivos processos de reflexão. É por isso importante que a comunicação se aprofunde e que, em cada momento, – lembrando como exemplo a nossa prática desportiva – consigamos saber o que cada jogador, treinador ou quadro de empresa está a sentir, periodicamente inquirindo: o que podemos melhorar? Estamos a ser eficazes face aos objetivos a alcançar? Somos competentes? Estamos organizados? Sentimos alinhamento ao redor dos processos a utilizar e das regras sociais a cumprir? Demonstramos foco e atenção nas tarefas individuais e coletivas?²⁴

Toda esta partilha ao redor do que cada um sente no contexto de determinadas dinâmicas de grupo regula emoções e estabelece compromissos. Cria, afinal, um processo socio-afetivo que favorece e reforça uma relação emocional positiva que funciona como eventual transformadora de comportamentos. O motor de tal transformação é, neste caso, a criação, o fortalecimento e a partilha de objetivos comuns de ação; algo possível de incentivar,

²² Ken Robinson, *O Elemento* (Porto: Porto Editora, 2010). À medida que transpomos novas etapas da vida, precisamos continuar a desenvolver a nossa criatividade e inteligência.

²³ Araújo, *O Treino do Treinador*, 141.

²⁴ Araújo, *O Treino do Treinador*, 141.

por exemplo, através do que habitualmente se designa no desporto de alto rendimento como *rituais coletivos* («gritos de guerra», reuniões antes e depois de jogos e treinos, etc.)²⁵.

À situação concreta unimos, portanto, a atenção aos objetivos comuns de uma dada organização ou grupo. O problema é que não é fácil ser eficaz nesta tarefa. Não há fórmulas mágicas que a concretizem. Por essa razão, o treino comportamental não pode deixar de começar por uma tentativa do *treinador* se *colocar no lugar do outro*, o que requer uma espécie de transferência ou de descentramento, expressões célebres do contexto psicanalítico. Os problemas e as dificuldades dos outros requerem um grau de partilha importante, sem o qual não seriam compreendidos. O treino comportamental exige, por isso, do treinador, a capacidade de encontrar na sua própria experiência as mesmas debilidades que são diagnosticadas em dadas circunstâncias concretas.

Em termos gerais, entendemos que somos todos influenciados pela presença do outro. No contexto do treino comportamental, esse outro, quando é o caso do treinador reclamado para tentar alterar uma situação concreta de forma rápida e operativa, será, antes de mais, aquele que concretamente aborda a situação a partir de um ponto de vista que permite diagnosticar os comportamentos que vêm *travando* a melhoria de determinado contexto de trabalho. Treinador que deve, pois, tornar-se um *outro*; focado no comportamento cuja alteração pode repercutir-se sobre a transformação favorável de todo um contexto já determinado de um ponto de vista comportamental, nas respetivas tensões, mútuas influências, afinidades, desacordos, etc. Dito de outro modo, um dado comportamento pode permitir perceber um companheiro de trabalho como *ameaça*, assim como outro comportamento pode, mais ou menos irrefletidamente, levar-nos a *simpatizar* com outro. Acontecendo que, em muitas circunstâncias, os próprios são alheios às repercussões dos seus comportamentos porque não os *sabem conscientemente*. Aqui reside, afinal, uma das dificuldades centrais e que origina a necessidade da presença de um treinador comportamental em determinados contextos. No entanto, a experiência *ensinou-nos* que existem dimensões do comportamento totalmente *invisíveis, inconscientes* e que *acontecem* das formas mais inesperadas. O que nos permite perguntar: e nessas situações, com que espécie de matéria trabalha exatamente o treinador

²⁵ Araújo, *O Treino do Treinador*, 142.

comportamental? Trabalhará com algo psiquicamente inconsciente? Ou com algo corporeamente impensado?

Como nota o neurocientista António Damásio²⁶, está demonstrado que sempre que se aproxima de nós alguém que não conhecemos, expressando determinadas emoções negativas, sentimos uma ameaça; mas, se acaso expressa emoções positivas, reagimos através de uma imediata aceitação ou aproximação. Diz-se, então, que referimos tais contactos, normalmente, de forma intuitiva, *avaliando* inconscientemente (as famosas *primeiras impressões*) aqueles com quem nos relacionamos. Nas experiências empáticas, procuramos nós próprios imediata *aceitação* e, se formos tratados com justiça, sentimo-nos recompensados e imediatamente procuramos replicar esse comportamento. Se, pelo contrário, formos vítimas de qualquer injustiça, o comportamento que inicia a nossa *resposta* a tal circunstância prolongará porventura um sentimento de fuga ou revolta, de confronto ou de medo. Tais dinâmicas, digamos assim, são o contexto – visto mais de perto – de intervenção do treinador comportamental (o *coach*); mas não iludem a questão fundamental de procurar determinar qual é a base em que assenta tal tecido intersubjetivo e emocional do comportamento.

Se, como argumenta Damásio, «está aqui a grande novidade evolutiva das culturas humanas, a possibilidade de negar a nossa herança genética e exercer o controlo firme sobre o nosso destino»²⁷, o trabalho do treinador comportamental estaria então ligado, precisamente, a essa possibilidade de controlar e transformar – no contexto imediato da prática profissional – o sentido e a direção da nossa ação; e, no entanto, a prática do treino comportamental apresenta-se plena de exemplos em que, aplicados todos os princípios e regras pré-determinadas cientificamente, a ação não se modifica, o comportamento não se transforma e as situações nem sempre são alteradas.

O que justifica concluir que talvez então a noção de comportamento com a qual se trabalha nestes contextos reclame uma análise mais

²⁶ António Damásio, *O Sentimento de Si* (Lisboa: Publicações Europa-América, 2003), 62. «A redução seletiva da emoção é tão prejudicial para a racionalidade como a emoção excessiva. Não parece que a razão tenha qualquer vantagem em funcionar sem a ajuda da emoção. Pelo contrário, é provável que a emoção ajude a razão, sobretudo no que diz respeito aos assuntos pessoais e sociais que envolvem risco e conflito.»

²⁷ António Damásio, *A Estranha Ordem das Coisas* (Lisboa: Temas e Debates – Círculo de Leitores, 2017), 311.

aprofundada, não só científica, mas acrescentando um fundamental aprofundamento filosófico.

2. A relação entre treinador e treinados

Se o treino comportamental intervém sobre determinados aspetos e dimensões das próprias relações intersubjetivas, então – como vimos tentando afirmar – uma parte do sucesso do treino na área comportamental depende do modo como a própria relação intersubjetiva se estabelece entre treinador e treinados. Estes últimos devem reconhecer naquele um aliado, alguém em quem podem confiar, alguém a quem podem recorrer.

O treinador, por seu turno, deve fomentar essa proximidade sob a forma de um comportamento capaz de suscitar naqueles com quem trabalha a confiança de que carecem. E, principalmente, desenvolvendo exercícios de entreajuda, de partilha e de discussão de objetivos comuns, uma reflexão partilhada sobre valores e tradições, treino da criatividade e inovação, análise de autocrítica, incentivando procedimentos de autoavaliação, etc.

Para quem treina na área comportamental é fundamental saber transmitir, ensinar, formar, aconselhar e informar. Devem por isso constituir preocupações centrais não só a importância da relação a estabelecer com aqueles que se treina, mas também o estilo de comunicação que se utiliza.

O treino comportamental requer tempo, reflexão e análise. É feito de avanços e recuos, e depende de uma visão estratégica quanto ao que se pretende alcançar numa organização a curto, médio e a longo prazo. Embora possa parecer uma afirmação ingénua, não podemos deixar de parte a importância de que é essencial a mobilização da motivação.

Por esta razão, o treinador comportamental deve implementar na sua prática uma visão otimista em relação às capacidades daqueles que treina, em especial a preocupação de partilhar a vulgarmente designada *visão estratégica*.

Conforme a nossa experiência profissional, cedo nos apercebemos que a melhor forma de compreender a tarefa de treinador comportamental deveria ser a de estabelecer como respetivo exemplo paradigmático o caso do treinador desportivo de alto rendimento. Em certo sentido, o treinador comportamental tem o seu modelo e referência no trabalho daquele que, como muitas vezes ouvimos dizer, *prepara equipas para vencer* através da rentabilização

Um Ponto de Partida

dos melhores comportamentos de cada atleta à sua disposição. É o treinador desportivo quem primeiro exercita e aplica tais princípios de treino de comportamentos ao orientar e liderar a complexidade das próprias relações humanas no contexto específico do desporto – contexto desgastante, com elevados níveis de pressão e exigência, em particular se pensarmos no caso extremo do desporto de alto rendimento.

Seja-nos permitido reproduzir aqui a seguinte – e relativamente longa – passagem de uma entrevista à *Harvard Business Review* de sir Alex Ferguson, famoso treinador escocês de futebol profissional: «Nunca permitimos uma má sessão de treino. Aquilo que vemos nos treinos manifesta-se no campo de jogo. Assim, cada sessão de treino tinha a ver com qualidade. Não admitíamos faltas de concentração. Tratava-se de intensidade, concentração, velocidade, um elevado nível de desempenho. Isso, esperávamos nós, tornaria os nossos jogadores melhores a cada sessão. Eu tinha de elevar as expetativas dos jogadores. Estes nunca podiam ceder. Eu dizia-lhes sempre: Se cederes uma vez, cedees duas. E a minha ética de trabalho e a minha energia parecem ter-se espalhado por todo o clube. Eu era o primeiro a chegar de manhã. Nos últimos anos, muito do meu pessoal já lá estava quando eu chegava, às sete da manhã. Acho que eles compreenderam por que razão eu chegava cedo – sabiam que havia um trabalho a fazer. Havia aquele sentimento, se ele é capaz, eu também sou. Dizia sempre à minha equipa que trabalhar arduamente toda a vida é um talento. Mas esperava ainda mais das estrelas da equipa. Esperava que trabalhassem ainda mais arduamente. Dizia-lhes: vocês têm de mostrar que são a nata dos jogadores. E era o que eles faziam. É por isso que são estrelas – estão preparados para trabalhar mais. Superestrelas com egos não são o problema que as pessoas podem pensar. Eles precisam de ser vencedores, porque isso lhes massaja os egos, e farão o que for necessário para vencer. Costumava ver o [Cristiano] Ronaldo [um dos melhores avançados do mundo, que joga agora no Real Madrid], Beckham, Giggs, Scholes e outros a treinar durante horas. Tinha de os mandar para dentro. Batia na janela e dizia-lhes: Temos um jogo no sábado! Mas eles queriam tempo para treinar. Percebiam que ser jogador do Manchester United não é um trabalho fácil.»²⁸

²⁸ Alex Ferguson, «Ferguson's Formula by Anita Elberse», *Harvard Business Review*, outubro 2013.

Existem nesta longa citação vários aspetos esclarecedores acerca do modo como o treino comportamental pode ser concretamente dimensionado.

Em primeiro lugar, quando Ferguson afirma «que nunca permitimos uma má sessão de treino e que aquilo que vemos nos treinos manifesta-se no campo de jogo», confirma que os comportamentos podem ser direcionados, trabalhados, transformados em determinadas situações (treinos), desde que estas não se descolem da realidade ou contexto concreto de referência.

Em segundo lugar, ao testemunhar igualmente que a «sua ética de trabalho pareceu ter-se espalhado por todo o clube», reforça a importância da dimensão intersubjetiva do comportamento, ao mostrar que o exemplo de quem se respeita contribui para a ação. Por outro lado, confirma a importância, para um treinador, de estabelecer objetivos que possam ser assumidos como comuns, e que esses objetivos se tornam realmente mobilizadores da ação quando são assumidos individualmente.

Em terceiro lugar, ao fazer notar que «dizia sempre à sua equipa que trabalhar arduamente toda a vida é um talento», comprova que a mobilização da motivação e a partilha de valores positivos, operando emocionalmente, são elementos decisivos do treino de comportamentos. Identifica portanto, como fundamental²⁹

²⁹ Como um exemplo deste tipo de apoio o Prof. Doutor José Miguez, então professor da Faculdade de Psicologia do Porto, partilhou connosco, através de um texto que nos entregou, reflexões importantes (no início da disputa de uma das finais onde a equipa que treinávamos, o F. C. Porto, acabou por se sagrar campeão nacional): «1. A principal função do treinador é saber gerir paradoxos em situações com um grau de imprevisibilidade terrível. Não existem duas situações iguais, o que funciona agora otimamente, pode ser um “buraco” no momento seguinte. Exemplos: A equipa que mais e melhor surpreender o adversário começa cada jogo da final em vantagem, pois marca o ritmo e obriga a outra a tentar adaptar-se. Mas isso não é suficiente, pois se esta consegue adaptar-se, ganha ela por sua vez vantagem através de um processo com fortes repercussões psicológicas (a que recupera ganha força anímica e confiança ao conseguir resolver um problema, a que vê os seus trunfos perderem efeito, se não encontra rapidamente soluções alternativas, perde força anímica e confiança). A história desta final do *play-off* vai ter muito deste cenário de “parada-resposta”, em que as fases positivas no interior dos jogos e de jogo para jogo, introduzem também elementos negativos que importa saber gerir. 2. As análises que possamos fazer sobre os factos são potencialmente falsas e geradoras de enviesamentos na delineação das estratégias, pois têm tendência a “fechar-nos” o campo de análise e a perdermos capacidades de intervenção, “bloqueando-nos” quando a situação futura “cai fora” do mundo que construímos. Ao centrar a estratégia seguinte da equipa, nas situações que funcionaram bem no jogo anterior, correm-se riscos enormes, porque não só os jogadores do jogo anterior “não são os mesmos” do próximo jogo, como também a equipa adversária não é estúpida e naturalmente vai-se preparar para “impedir” o que funcionou bem na outra equipa (os vídeos são para isso que servem!). Importa, pois, que o treinador, para além de melhorar e afinar o que funcionou bem, também seja capaz de “prever” quais as acções que dentro da “gramática do basquetebol” serão mais viáveis

uma verdadeira dimensão emocional³⁰ de partilha e de incentivo³¹ e acrescenta um detalhe importante: tal partilha torna-se fundamental quando cada um individualmente compreende que os objetivos comuns são sempre *maiores* do que os desejos particulares.

Dito de outro modo, os seres humanos não reagem mecanicamente, mas sim de modo complexo e global – razão pela qual a eficácia do treino na área comportamental depende da capacidade que os respetivos treinadores têm (ou não têm!) para mobilizar global e integralmente atletas (ou quadros de empresa), para que assumam como seus os desafios contidos na atividade das suas equipas³².

que venham a ser utilizadas pela equipa adversária e preparar antídotos para essas acções se elas vierem a acontecer. 3. O próximo jogo será certamente, pela facilidade e/ou dificuldade, diferente do previsto. Prepara-te assim e aos jogadores para serem capazes de gerir o francamente imprevisível. Não faças dos jogadores aplicadores “cegos” da estratégia engendrada pelo *expert* (ler esperto!) do treinador. Mais do que estratégias globais tipo “quartel-general numa guerra clássica”, importa preparar “mini-soluções” (instrumentos) para serem interpretados e utilizados pelos jogadores, numa vasta panóplia de soluções *versus* soluções possíveis, tipo “grupo de combate” numa guerra de guerrilha. E as ocorrências da final então disputada, vieram confirmar, em absoluto, como foi importante esta antevisão traçada pelo “treinador do treinador”! As “paradas e respostas” sucederam-se e culminaram, no quarto jogo, com o lance que decidiu a final a nosso favor do modo mais “imprevisível” possível! A quatro segundos do final do jogo, recuperamos a posse da bola com o jogo empatado (o adversário podia ter ganho o jogo na posse de bola que lhe pertenceu a 24 segundos do final). Uma recuperação da posse da bola que só foi possível porque, na preparação feita antes do jogo, tínhamos treinado a solução defensiva adequada para o caso daquela situação acontecer. Mas, a partir daí, nada aconteceu como previsto. Durante o desconto de tempo solicitado, após a recuperação da posse da bola, decidimos o que fazer nos quatro segundos que restavam. Mas, ao retomarmos o jogo, foi de imediato visível que o adversário antecipara as nossas intenções. E ali estava o treinador, impotente, “entregue” à capacidade e criatividade individual do jogador com bola! Como o “treinador do treinador” tinha razão quando escreveu, *Não faças dos jogadores aplicadores “cegos” da estratégia engendrada pelo expert (ler esperto!) do treinador!*»

³⁰ Daniel Goleman, *Trabalhar com Inteligência Emocional* (Lisboa: Temas e Debates – Círculo de Leitores, 1999). A inteligência emocional é exercida em quatro domínios, autoconsciência, autogestão, consciência social, gestão das relações e segundo dois tipos de competências, pessoais e sociais.

³¹ Richard Davidson, *The Emotional Life of your Brain* (Londres: Hodder & Stoughton General Division, 2012). A cognição não é tão lógica como durante muito tempo se pensou e nem as emoções são sempre tão ilógicas. As mentes têm pensamentos bem como emoções e o estudo de qualquer deles, sem considerar o outro, nunca será totalmente satisfatório.

³² António Damásio, *O Livro da Consciência* (Lisboa: Temas e Debates – Círculo de Leitores, 2010), 345. «Um maior controlo sobre os caprichos do comportamento humano só poderá advir de uma acumulação de conhecimento e da análise de factos descobertos. Dedicar tempo a analisar factos, a avaliar o resultado de decisões e a ponderar os desenlaces emocionais dessas

Em *Tudo se Treina*, afirmamos que «apesar das diferenças genéticas que nos caracterizam à nascença, todos temos um potencial bem evidente para alcançar aquilo a que nos propusermos»³³.

Mas a questão de fundo não era então ainda respondida: o que é realmente o comportamento de que aqui se fala?

3. Um paradigma para o treino na área comportamental: Uma «receita mágica»?

Qual é (afinal!) o grande desafio com que se deparam os treinadores e, nomeadamente, os treinadores comportamentais? Generalizou-se a ideia de que o fundamental seria o facto de serem capazes de alcançar os melhores resultados possíveis e cumprir todos os objetivos propostos para um determinado contexto temporal. Mas será efetivamente só isso?

Sabemos que a figura do treinador pode ser, só por si, importante. A sua reputação, os seus sucessos, a afirmação social, desportiva ou empresarial já alcançada, permitem-lhe, ao falar às equipas, aos jogadores ou aos quadros da empresa resultados com repercussão mobilizadora da respetiva motivação. Afinal, nada de novo: a figura do outro a quem procuramos para nos aconselhar (para nos confessar, para nos «curar», etc.) oferece exemplos claros do que fica dito, tão antigos como a própria cultura humana.

E existe a palavra *também*. E o sentido do que se transmite, que não deve procurar apenas influenciar e persuadir, mas *tocar* emocionalmente e transformar. No fundo, tal como o dizemos no contexto do treino, mobilizar a motivação e, principalmente, a capacidade de superação³⁴ pode fazer-se

decisões é o melhor caminho a tomar para construir o guia prático também conhecido como sabedoria. Com base na sabedoria podemos deliberar e ter a esperança de orientar o nosso comportamento de acordo com a estrutura das convenções culturais e das regras éticas que formaram a nossa biografia e o mundo em que vivemos. Podemos também reagir a essas convenções e regras e enfrentar o conflito que é desencadeado quando discordamos delas e até mesmo tentar modificá-las.»

³³ Araújo, *Tudo se Treina*, 29.

³⁴ Jim Loehr e Tony Schwartz, *The Power of Full Engagement* (Nova Iorque: Free Press, 2003). Com uma aproximação científica bastante fundamentada, os autores deste livro defendem que o nosso empenho ao serviço de objetivos comuns depende acima de tudo de uma correta gestão das nossas energias positivas.

Um Ponto de Partida

de múltiplas formas e por diversos meios. O que, obviamente, não é fácil de assumir, pois obriga a reconhecer na prática do treinador uma insegurança incómoda e fundamental: algo sempre escapará a qualquer fórmula de treino comportamental. Não há receita mágica que possa, à partida, resumir ou controlar um fenómeno assim indefinido e volátil – um fenómeno assim humano, enfim, como é o comportamento individual em contexto profissional.

Em termos gerais, todos gostamos de cooperar, *de fazer parte*, de sentir orgulho de pertença; mas igualmente de competir. Por essa razão, estamos sempre a compararmo-nos com aqueles que nos rodeiam e interpretamos as suas atitudes e comportamentos com base nas crenças e valores que adquirimos até esse momento.

Numa realidade social complexa, imprevisível e com contextos e circunstâncias permanentemente diversificados, sentimo-nos obrigados a enfrentar situações que muitas vezes nos conduzem a insucessos inesperados. Na constante tentativa de sermos flexíveis e capazes das adaptações necessárias, precisamos de apoio, acompanhamento, retorno, palavra e diálogo. O que nos permite identificar estar aqui, precisamente, o centro da intervenção do treinador comportamental (*coaching*): antecipar causas de insucesso, criar algo comportamental novo e diferente, que possa constituir um contributo para a comunidade de que fazem parte aqueles que treinam. Treinar o espírito de exploração e inovação, o risco do diferente, a capacidade de sair de zonas de conforto: tudo pode ser importante para esse desiderato³⁵. Também pode ajudar a criação de uma maior sensibilidade para com as emoções individuais e a respetiva aceitação e integração nas dinâmicas coletivas das equipas e das organizações. Conseguir conviver com as suas emoções tal como potenciar

³⁵ Daniel Pink, *A Nova Inteligência: Treinar o Lado Direito do Cérebro é o Novo Caminho para o Sucesso* (Alfragide: Academia do Livro, 2009). O sucesso pessoal e profissional futuro pertencem a um novo perfil de pessoas: os *designers*, os inventores, os criativos, contadores de histórias. Ou seja, pessoas imaginativas, intuitivas, capazes de gerar empatia e emoções. «Aprendendo a fazer, fazendo e treinando como se joga»: treinar em contextos e circunstâncias o mais idênticos possível à realidade a que se destinam. E tudo se treina e em tudo se melhora, desde que se assuma como nossos os desafios contidos em qualquer processo de mudança comportamental. E se envolvam emocionalmente líderes e liderados com os objetivos respetivos de mudança. Veja-se Eduardo Punset, *Viagem ao Poder da Mente* (Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2010). Este autor defende que «o cérebro está preparado, embora não lhe agrade, para mudar de opinião; que construímos o futuro em torno do passado; que nem todos os sistemas irracionais da mente são válidos; que estamos programados mentalmente para sermos únicos e que nisso reside, talvez, a explicação para a capacidade infinita dos seres humanos para serem felizes».

as emoções dos outros, pondo-se no seu lugar, sem egoísmos, e resistindo aos apelos constantes da sua zona de conforto.

Pode ainda sustentar-se que determinadas reações individuais negativas (ansiedade, frustração, inveja, desconforto, etc.) afetem o ambiente de trabalho, a coesão e o desempenho profissional. E tal justifica a defesa de que as organizações, desportivas ou empresariais, devem permanecer em *cuidados intensivos* relativos às relações saudáveis, ao foco e à concentração nas tarefas, ao controlo da ansiedade e à empatia individual e coletiva, à disponibilidade para se superar e à capacidade de trabalho em equipa que reconheça o todo como maior do que a soma das partes³⁶.

Mas, tal como já ficou bem expresso, por vezes as emoções *escapam* ao controlo e *conduzem* a reações inesperadas; e só *convivendo com elas* se torna possível potenciar com a maior eficácia possível as emoções dos outros; tal como mobilizar a sua capacidade de motivação e superação e a de todos aqueles com quem se relacionam³⁷. Ora, está hoje suficientemente bem

³⁶ Em termos comportamentais é complexa e difícil a defesa simultânea do interesse individual e dos objetivos comuns apontados pelo coletivo. Ao aderir ao objetivo de servir, mais do que servirmo-nos, fazemo-lo sempre sob enormes pressões emocionais e significativos estados de fadiga. Não basta, portanto, apenas saber o que fazer, é preciso vivenciar, experimentar como fazer. No treino de atitudes e comportamentos não se trata de simplesmente expressar intenções, mas sim de, através de uma prática diária onde as emoções ditam as suas leis, conseguir ir além de «fazer de conta» e praticar (treinar), aprendendo com os erros e melhorando de forma continuada.

³⁷ Nenhum ser humano é um ser passivo perante a realidade que o rodeia. Pelo contrário, confronta-a e aprende com ela através das diversificadas experiências que lhes vão permitindo existir num universo de continuado intercâmbio de experiências sensíveis com os outros seres. O que fundamenta de modo decisivo que pais, professores, treinadores e líderes de empresas necessitam assumir a importância do ensino e treino comportamental. Antecipando e corrigindo eventuais reações emocionais que prejudiquem o interesse coletivo e assumindo que as emoções e os sentimentos constituem algo com que convivem a cada momento das suas vidas (Giovanni Frazzetto, *Como Sentimos: O que a Neurociência nos Pode – ou não – Dizer sobre as nossas Emoções*, Lisboa: Bertrand Editora, 2014) e a que devem atribuir a importância necessária. Provocam-lhes sensações agradáveis ou desagradáveis e, principalmente, «escapam» muitas vezes ao seu controlo, «conduzindo-os» a reações absolutamente inesperadas. O que implica que se justifique insistir que só «convivendo» com as suas emoções serão capazes de potenciar com a maior eficácia possível as emoções dos outros, tal como mobilizar a sua capacidade de motivação e superação e a de todos aqueles com quem se relacionam. Precisam, por isso, de adquirir hábitos entendidos como socialmente positivos, através da educação e do treino a que forem sujeitos, naturalmente condicionados pelo ambiente social em que se integram. Tendo enorme importância as oportunidades e experiências vividas, a paixão com que se entregam à busca da melhoria pretendida e, principalmente, a presença e a qualidade do apoio de quem os mobiliza no sentido de enfrentarem a mudança necessária como um desafio pessoal. Tal como conseguir dar um sentido de direção à sua vida, com a ajuda de alguém que lhes pergunte ou chame a atenção

esclarecido científica e filosoficamente que tudo isto que se referiu se pode treinar³⁸. Uma afirmação certamente genérica, mas que suscita uma dupla questão decisiva: o que é que, assim, efetivamente se faz quando se treina e o que é que assim efetivamente se treina?

4. A dimensão pedagógica do treino na área comportamental

O que se faz no contexto do treino comportamental poderia ser dito assim: mobiliza-se a capacidade de um sujeito corporalizado para agir, motivado por dimensões de sentido que escapam aos modelos causais e estritamente físico-fisiológicos explicativos da ação. De algum modo, aquilo que *se treina* é algo que *se aprende* a fazer de outro modo; temos assim uma dimensão pedagógica implícita no treino comportamental, ou seja, dizer que o comportamento *se treina* é o mesmo que dizer que o *comportamento se aprende*. Manuel Sérgio di-lo de modo significativo: «O treino será tanto mais pedagógico quanto mais se transformar num espaço aberto ao diálogo e à reflexão crítica, entre os vários elementos que compõem a mesma equipa. Assim, o treino deverá comprometer-se com a criação de estruturas mentais e uma fenomenologia da imaginação [...] que permitam uma rutura com o reducionismo antropológico racionalista e com todos os sistemas, em que a voz do treinador, ou o querer do dirigente, desponhem sempre como indiscutíveis, indubitáveis, adialéticos.»³⁹ Mas o que significa, exatamente, para Manuel Sérgio afirmar que o treino é, ou pode ser, uma pedagogia? É este o ponto aqui decisivo e que já aflorámos ao sugerir, acima, que nestas matérias e nestes contextos não há *fórmulas mágicas*, ou seja, não há solução que dependa da aplicação mais ou menos automática de um qualquer princípio ou exercício.

Não se treina ou ensina *um corpo*, mas alguém que é o que é corporeamente; não se treina ou ensina um músculo, um movimento dentro de um espaço, mas ensina-se um sujeito integral, pessoal, incarnado, que age com o seu corpo, que pensa com o seu corpo, que é com o seu corpo e, assim, com

para o porquê de determinados comportamentos ou, por vezes, lhes diga pura e simplesmente como fazer e apoie através de uma Liderança e *Coaching* continuados.

³⁸ Araújo, *Tudo se Treina*, 29-31.

³⁹ Manuel Sérgio, *Alguns Olhares sobre o Corpo* (Lisboa: Instituto Piaget, 2003), 65.

o *seu* espaço, tempo e circunstância. É isso mesmo que Manuel Sérgio nos propõe: «O treino desportivo será pedagógico quando nele se realçar o consentimento informado dos atletas e a dimensão relacional da competência do treinador, tendo presentes os limites éticos das suas funções. O atleta-peça-função deixou de fazer sentido em sociedades democráticas numa nova ética cívica. O seu rendimento, as suas *performances* hão-de radicar, também, nos quatro pilares da educação do futuro: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos, aprender a ser.»⁴⁰

Ao contrário do que tantas vezes foi defendido, desde logo, no âmbito desportivo (e ainda por vezes continua a ser!), para se saber de um determinado desporto é preciso saber mais do que desse desporto, das suas regras e das dinâmicas. Como diz Manuel Sérgio, qualquer desporto «é motricidade humana, não é tão só uma atividade física e, assim, tudo o que é humano está nele»⁴¹.

Ainda a propósito do trabalho intensivo que os treinadores desenvolvem na análise de treinos e jogos, através do apoio das conquistas da tecnologia, Manuel Sérgio pergunta: «porque não fazemos o mesmo, sem pedantismo, tentando penetrar no âmago da nossa consciência, com a câmara lenta da reflexão filosófica?»⁴² O que se reforça aqui é a ideia de que «o homem é mais do que o homem que a ciência proclama lá da *turris eburnea* do seu geométrico saber»⁴³.

No desporto, como na empresa e na vida, *ser* e *comportar-se* equivale a ser bem mais do que aquilo que individualmente sou. Vulgarmente chamamos a este facto *superação*; o que queremos dizer é que será sempre algo exterior aos limites físicos do nosso corpo individual que completará a integralidade de cada um dos meus atos: sou corpo, logo, sou o que faço; sou o que faço, logo, sou espaço, sou outro, sou circunstância. É, neste sentido, que uma *Ciência da Motricidade Humana* será sempre uma *Ciência do Homem* integral e concreto, não podendo «também prescindir da filosofia, dado que não pode esconder nunca que é um verdadeiro projeto antropológico. O conhecimento (e a motricidade revela-o radicalmente) não é um puro exercício da razão, mas

⁴⁰ Sérgio, *Alguns Olhares sobre o Corpo*, 66.

⁴¹ Sérgio, *O Futebol e Eu*, 246.

⁴² Manuel Sérgio, *Textos Insólitos* (Lisboa: Instituto Piaget, 2008), 134.

⁴³ Sérgio, *O Futebol e Eu*, 387.

uma relação entre a razão e a vida, entre o corpo e o mundo»⁴⁴. O que significa que uma nova ciência da Motricidade Humana constitui, assim, a base em que deve assentar uma verdadeira ciência do homem, na qual a motricidade humana se refere à ação e à relação, em busca da transcendência e do desenvolvimento humano. Mas não só, pois também contribui para uma constante dinâmica comportamental. Reconhecendo que a Ciência da Motricidade Humana deve ser entendida, por direito próprio, como par privilegiado da antropologia, Manuel Sérgio argumenta que é este projeto que «refere a primordial capacidade do ser humano de se sentir num todo integrado, vibrando em comum, sentindo em uníssono, experimentando coletivamente»⁴⁵. O que nos apareceu como revolucionário do paradigma clássico que se refira à designação de Educação Física.

Manuel Sérgio, ao referir que o seu *método integrativo* proporcionava condições para «um pensamento complexo, multidimensional»⁴⁶, apelava a uma dimensão do nosso pensamento que, justamente, procurava fundamentar a noção de comportamento a partir da sua dimensão vivencial. A promessa de Manuel Sérgio de uma possibilidade de, filosoficamente, «unir dialeticamente o conhecimento científico ao mundo da vida»⁴⁷ foi assim uma referência decisiva: o fundo vivido do comportamento aparecia-nos, deste modo, pela primeira vez, desvendado na via de uma investigação do próprio «diálogo homem-mundo»⁴⁸; e, neste contexto, a expressão *a motricidade humana, ou seja, o corpo em ato*, parecia resumir todo o essencial.

⁴⁴ Sérgio, *Alguns Olhares sobre o Corpo*, 34.

⁴⁵ Sérgio, *Alguns Olhares sobre o Corpo*, 109.

⁴⁶ Sérgio, *Alguns Olhares sobre o Corpo*, 51.

⁴⁷ Sérgio, *Alguns Olhares sobre o Corpo*, 53.

⁴⁸ Sérgio, *Alguns Olhares sobre o Corpo*, 54.

Capítulo II

O Novo Paradigma da Motricidade

*No movimento intencional específico da motricidade humana,
há toda a dimensão do humano.*⁴⁹

1. Um corte epistemológico

Tal como temos vindo a salientar, Manuel Sérgio alargou o horizonte epistemológico das chamadas ciências do desporto e da educação física. Citando Trovão do Rosário, «Manuel Sérgio anuncia a inevitável, a incontornável, mudança de paradigma; cumprindo o dever de estar à altura da cultura do seu tempo, diz com firmeza, mas sem arrogância, que a mudança de paradigma criou um corte epistemológico e da educação física passou à motricidade humana»⁵⁰.

A partir da publicação do seu livro *Um Corte Epistemológico, da Educação Física à Motricidade Humana*, nada mais seria igual na então designada Educação Física nacional, pois substituíam-se o paradigma e, com ele, as próprias instituições mudavam de designação. Caso mais saliente será o do Instituto Superior de Educação Física (ISEF) que, sob a influência dos estudos de Manuel Sérgio, será então rebatizado, com um profundo significado científico, por Faculdade de Motricidade Humana da Universidade Técnica de Lisboa.

Note-se como no centro de tal alteração, é o conceito de comportamento que resume a novidade do novo paradigma. Mas, de que ideia de comportamento estávamos – e estamos – assim a falar? Desde logo, uma ideia suficientemente forte para sustentar a passagem do paradigma cartesiano para o paradigma da complexidade, de que falava Manuel Sérgio. É este «o corte

⁴⁹ Sérgio, *Alguns Olhares sobre o Corpo*, 109.

⁵⁰ Sérgio, *Um Corte Epistemológico*, 10.

O Novo Paradigma da Motricidade

epistemológico, que é a passagem do *paradigma cartesiano ao paradigma da complexidade*, que obriga ao corte *epistemológico* que é a passagem da educação física – ginástica, jogos e desportos – à *ciência da motricidade humana* (CMH), integrando o desporto (e a gestão do desporto), a dança, a ergonomia, a reabilitação, o jogo desportivo, a motricidade infantil, etc.»⁵¹.

Não se tratava, como é óbvio, de hostilizar a Educação Física enquanto tal, mas antes, propunha Manuel Sérgio, uma necessária mudança de abordagem, mais alargada, mais abrangente, mais integradora e sobretudo multidisciplinar. Os seus textos foram sempre, a este respeito, esclarecedores e mobilizadores. Repetiu vezes sem conta que, sem uma ciência da Motricidade Humana, a Educação Física não teria sentido, sendo igualmente verdadeiro que sem a *Educação Física a Ciência da Motricidade Humana* não teria história.

Mas consideremos mais de perto o que Manuel Sérgio então entendia por *motricidade humana*. A novidade da sua abordagem era a evidente dimensão antropológica abrangente com a qual *carregava* tal conceito: a motricidade deveria entender-se como fenómeno que conjuga, através do seu sentido e significado mais profundos, simultaneamente, *a sensibilidade* e *a inteligibilidade*, *a corporeidade* e *a mente* (digamo-lo assim para já). Afirma-o em vários momentos da sua obra. Talvez a seguinte (longa) citação o ilustre convenientemente: «O homem para compreender e compreender-se, pergunta. Não digo se pergunta bem ou mal, afirmo tão só que pergunta... Assim, a pergunta pelo fundamento e sentido da vida manifesta: que a transcendência sendo incognoscível, inapropriável, faz parte da nossa constituição essencial. A essência do ser humano é abertura ao infinito, é ânsia de conhecer (e amar) sem limites, como sinal de que não há imanência que não viva uma intuição específica da transcendência. No Homem, o ser e o conhecer, sem limites, formam uma unidade originária, na virtualidade para a transcendência. O que é o Homem? Uma questão prévia: para analisar a motricidade há que procurar uma definição global do homem? Desde que me deitei ao estudo da motricidade humana, nunca me resignei a uma intenção epistemológica, pois sempre me esforcei por imbuir as minhas palavras de uma intenção ontológica, dado que a motricidade humana antes de ser um objeto do conhecimento, integra a intencionalidade do sujeito.... Se toda a motricidade humana se compreende pela sua intencionalidade, de toda a hermenêutica da conduta emerge uma

⁵¹ Sérgio, *Um Corte Epistemológico*, 21.

energia, um anseio para a transcendência, que se torna por demais manifesto. Quando alguém diz com segurança “eu quero”, há nesta sua afirmação uma energia operante que se converte em projeto, muito anterior à conduta e que lhe dá sentido. E é o corpo que oferece o espaço e é o corpo que fala e é o corpo que revela e desvela os possíveis desta subida para a transcendência... O homem é o único ser que tem consciência de si mesmo, como ser genérico e ser finito. E, consciente de que é finito e com vontade imparável de superar o que é com uma nítida vocação de transcendência; com uma força espontânea e fascinante de fazer da transcendência uma afirmação da liberdade e dignidade humanas; reivindicando que é, pela transcendência, que se constrói o homem novo. O que é o homem? É um ser aberto à transcendência e, como tal, um ser prático... Com a ciência da motricidade humana, verifica-se uma revolução copernicana, que se expressa num eu que não se fecha na circularidade da imanência porque é um corpo sujeito, aberto à transcendência.»⁵²

Manuel Sérgio ajudou-nos assim a perceber que, ao contrário do que até àquele momento nos tinham ensinado, o humano não era um objeto disponível à análise objetiva, nem o corpo humano era uma matéria inerte e passiva. Em termos epistemológicos, o conhecimento do corpo não poderia, portanto, continuar a ignorar a dimensão vivida do corpo e, assim, o que do corpo apenas aparece (e é verdadeiro) no próprio modo de ser corporal de alguém que persevera no seu próprio movimento.

Entre o *corpo que somos* e o *meio ambiente* que nos envolve, estabelece-se afinal uma interação, uma interdependência que não é descoberta na exterioridade da mecânica corporal, mas apenas no vivido de uma relação de copertença que o corpo, justamente enquanto vivido, parece conhecer desde sempre.

Manuel Sérgio argumenta que, à luz do paradigma anterior da educação física, o comportamento humano apenas se poderia compreender se monitorizado objetivamente, como se o seu único critério fosse o movimento objetivo da mudança de lugar efetuado pela fisiologia corporal. Mas, o comportamento é primeiro uma realidade experimentada, vivida, exercida pelo corpo que é vocação de mundo. É isto o mais importante. E uma vez mais dizemos: tal tese muda tudo. «Aliás, a lógica da motricidade humana é a opção da transcendência, a passagem numa ascese da vontade humana do determinismo

⁵² Sérgio, *Um Corte Epistemológico*, 223-226.

à liberdade. E assim, a consciência da incompletude não é sinal de deficiência, mas condição indispensável de desenvolvimento humano.»⁵³ Dito de outro modo, trata-se aqui de assumir até ao fim que o corpo propriamente humano é uma dupla transcendência: por um lado é corpo sujeito e, por outro, revela a intencionalidade com a qual envolve o tempo e o espaço, coexiste e interage com os outros corpos e tudo aquilo que o rodeia. Segundo Manuel Sérgio, «O ser humano é interdependente e autónomo, em busca permanente do que não tem, do que não é. A aspiração à transcendência, à superação é própria de um ser que é síntese de ato e potência, de ordem e desordem, de repouso e movimento, de essência e existência. E assim, matéria, vida e consciência não são substâncias distintas mas modos diversos da temporalização e corporalização da complexidade humana. A motricidade humana, de onde nascem o desporto, a dança, a ergonomia, a reabilitação, etc., é indiscutivelmente uma ciência do homem, ao lado da história, da antropologia, da psicologia, da medicina, etc.»⁵⁴.

Fenómenos como o das *primeiras impressões*, das *ações inconscientes* ou das *sintonias intersubjetivas* comprovam o plano pré-reflexivo da vivência corporal, importante no contexto do treino comportamental. Aliás, Merleau-Ponty estudará tal plano com as noções renovadas de *esquema corporal* e de *hábito*. Sobre estes temas voltaremos à frente neste trabalho.

Manuel Sérgio estendeu a sua abordagem filosófica ao treino desportivo, nomeadamente ao do futebol profissional. «Se a verdade é o todo, como queria Hegel, a verdade do treino é a experiência da complexidade humana. Por isso não há um treino paradigmático que não tenha em conta o contexto, o global, o multidimensional, o complexo.»⁵⁵ Defendia, afinal, um modelo de conhecimento integrador, uma Ciência da Motricidade Humana, estudando o corpo vivido em ato. «A motricidade revela que, todas as nossas escolhas, se fundamentam num estado somático específico. De facto, o corpo sabe mais do que a mente. O inconsciente é o pensar do corpo, que a mente não conhece. No movimento intencional, específico da motricidade humana, há toda a

⁵³ Sérgio, *Alguns Olhares sobre o Corpo*, 35.

⁵⁴ Sérgio, *Alguns Olhares sobre o Corpo*, 40 e 41.

⁵⁵ Sérgio, *Alguns Olhares sobre o Corpo*, 61.

dimensão do humano. Há nela a apreensão sensível do mundo, indispensável ao viver originário e englobante.»⁵⁶

Para Manuel Sérgio, «a motricidade humana é a base para a determinação da essência do Homem»⁵⁷. Assume assim a ciência da motricidade humana um estatuto ontológico. «Desde a educação física de raiz cartesiana e empirista, até à ciência da motricidade humana, onde a fenomenologia e a hermenêutica predominam e, portanto, onde se reconhece a primazia do *intencional* e do *sentido* sobre o meramente físico e reflexivo.»⁵⁸ Insistindo em como é decisivo «que não se esqueça o diálogo entre a prática e a teoria, entre o saber abstrato e o saber experimental, em ordem à criação de paradigmas que sirvam às coisas e às pessoas concretas»⁵⁹.

Através de todas as suas preocupações humanistas, Manuel Sérgio vai ainda mais longe e defende que «ao fim do racionalismo uniformizador corresponde um mundo onde se pretende que possam conviver, em harmonia, todas as pluralidades e criatividades de carácter humanizante»⁶⁰. Em sua opinião, o ser humano «é corporeidade e por isso é movimento, expressividade e presença»⁶¹ tal como «nenhuma ciência, nenhuma área curricular existe independentemente da prática e de um conceito mais vasto de cultura»⁶². Este é um ponto determinante que influenciou muito a nossa decisão de, nesta investigação, defender uma noção de comportamento que derive de uma «epistemologia crítica, uma teoria que seja discernimento, ponderação, movimento, corporeidade e ação»⁶³. Dito de outro modo, o quadro reflexivo que aqui pretendemos desenvolver é o da reflexão filosófica integradora sobre uma noção vivida de comportamento.

⁵⁶ Sérgio, *Alguns Olhares sobre o Corpo*, 109.

⁵⁷ Sérgio, *Um Corte Epistemológico*, 22.

⁵⁸ Sérgio, *Um Corte Epistemológico*, 22 e 23.

⁵⁹ Sérgio, *Um Corte Epistemológico*, 50.

⁶⁰ Sérgio, *Um Corte Epistemológico*, 49.

⁶¹ Sérgio, *Um Corte Epistemológico*, 39.

⁶² Sérgio, *Um Corte Epistemológico*, 51.

⁶³ Sérgio, *Um Corte Epistemológico*, 74.

2. Corpo e mundo

Consideremos um exemplo elucidativo, em reforço de tudo aquilo a que Manuel Sérgio se refere. A seguinte declaração de Greg Louganis, campeão olímpico de saltos acrobáticos para a água (quatro medalhas de ouro e uma de prata): «Um salto acrobático para a água deve ser tão emocional quanto um poema. Danço e faço acrobacias desde que tinha um ano e meio e subi a um palco pela primeira vez aos três anos. Todas estas artes comunicam sem palavras, apenas com o corpo por forma a expressar uma emoção, uma ideia, um pensamento.»⁶⁴

Fica bem evidente nas palavras de Greg Louganis que, tal como também defende Manuel Sérgio, a motricidade humana conjuga, através do seu sentido e significado, simultaneamente, o corpo e o mundo. Relação entre corpo e mundo que, no contexto de uma antropologia do comportamento marca porventura o respetivo plano mais fundamental. Dito de outro modo, a defesa de Manuel Sérgio de um ser humano global complexo e multidimensional, enquanto motor de uma mudança de paradigma, representa ou repercute-se na necessidade de analisar, de modo novo, alguns conceitos chave, dos quais se destaca, desde logo, o próprio conceito fundamental de corpo. Este é um ponto crucial, que permite compreender a influência que, no horizonte daquele corte epistemológico, representará, para o pensamento de Manuel Sérgio, a figura e os ensinamentos do filósofo francês Maurice Merleau-Ponty. É deste filósofo a sugestão de estudar o comportamento a partir de *uma outra maneira de ser corpo* (como veremos: uma maneira que não é a do corpo objetivo; uma maneira que só pode ser a do *corpo vivido*). De certo modo, tudo é dito por esta afirmação. Uma ciência da Motricidade Humana deveria ser um *saber* sobre o modo de ser humano cuja realidade experienciada depende da realidade vivida – e não objetificada – do corpo próprio. Poderíamos dizer o mesmo de outro modo: um tal *saber* da Motricidade Humana interligaria a motricidade com o sentido da própria vida, tal como pode ser vivida por alguém.

Neste sentido, torna-se claro que na base da posição de Manuel Sérgio se encontra, entre muitas outras influências, a tese merleau-pontyana de uma

⁶⁴ «Greg Louganis: “Saltar para a água é como poesia”. Uma paixão que lhe mudou a vida», *Record*, 23 de julho de 2017. Disponível em: <https://www.record.pt/record-mais/detalhe/greg-louganis-saltar-para-a-agua-e-como-poesia>

pertença corporal ao mundo: somos seres no mundo e do mundo, porque somos corpo e espaço. Os conceitos integradores, quer de *corpo vivido*, quer de *comportamento vivido*, são, pois, decisivos no quadro da mudança paradigmática indicada por Manuel Sérgio – a mesma mudança que agora nos sugere que, neste trabalho, voltemos uma vez mais aos conceitos fundamentais da filosofia do comportamento de Merleau-Ponty. Afinal, este filósofo convence-nos de que o nosso comportamento não é um processo mecânico provocado por estímulos exteriores, mas sim uma experiência global de pertença a um meio envolvente.

3. Na via de uma nova ideia de comportamento

Ao investigar o comportamento humano, pareceram-nos fundamentais as sugestões teóricas propostas por Merleau-Ponty, tal como nos apareciam mediadas pela figura e análises de Manuel Sérgio. Em particular, eram os primeiros trabalhos do filósofo francês que se indicavam como importantes nos textos de Manuel Sérgio; e, de facto, considerámos suficientemente radical a proposta que nesses livros encontrámos de reinterpretação da noção de comportamento à luz de uma investigação fenomenológica; onde se descreve o fenómeno do comportamento não a partir de um corpo físico, nem a partir de uma deslocação desse corpo num espaço extenso, mas enquanto relação entre uma lógica do corpo mundanizado e do mundo corporalizado.

O exemplo do comportamento percetivo, como é bem sabido, será, no contexto da obra de Merleau-Ponty, decisivo: a percepção forma um verdadeiro sistema onde a motricidade do corpo e a espacialidade atuam mutuamente como um todo. Tal pode ser confirmado, por exemplo, pela análise do designado *esquema corporal*, que, como veremos mais à frente, Merleau-Ponty redefina de modo decisivo: o *esquema corporal* é entendido por Merleau-Ponty como sistema dinâmico em que os sentidos correspondem uns aos outros e todos às interpelações do mundo.

Neste sentido, traduz de forma cabal a própria estrutura essencial da motricidade corporal, que não mais se pode pretender encontrar do lado dos mecanismos de um corpo físico, mas apenas do lado do modo como a totalidade do corpo e a dimensão englobante do mundo mutuamente se convocam, interpelam e tomam a carga. Há, assim, uma verdadeira circularidade entre

O Novo Paradigma da Motricidade

processos corporais e processos mundanos, centrada na complementaridade dos nossos sentidos e do mundo, e em que o corpo, a experiência do movimento e a percepção emergem da motricidade numa profunda relação circular entre o corpo como um todo e a totalidade (em ausência, como veremos) do meio ambiente.

No fundo, o corpo (vivido), a percepção e a motricidade, encaradas globalmente e numa interação e complementaridade constantes, revelam o seguinte: que o comportamento, redefinido a partir do conceito merleau-pontyano, é um modo de sintonização com tudo o que nos rodeia. É corporal e depende de experiências anteriores sedimentadas, estando por essa mesma razão muito para além da simples destreza mental, técnica, morfológica ou fisiológica.

O comportamento humano – eis o que pretendemos estudar aqui – é a capacidade experimental que tem na sua base um corpo vivido: um sistema sensorio motor (visual, vestibular, propriocetivo, cinestésico), regulado inconscientemente e sobre o qual se estrutura uma corporeidade atual em que assentam as decisões fundamentais do nosso quotidiano.

Ser corpo no mundo significa assim sermos coniventes, comprometermo-nos, coexistirmos com tudo o que nos rodeia e a motricidade merleau-pontyana resume essa possibilidade. «Enquanto “veículo do ser no mundo” o corpo é originariamente exercido, mas não percebido como objeto intencional. De algum modo, permanece como que fenomenologicamente escondido no seu perseverar dinâmico, desse modo permitindo visar imediatamente as tarefas e comportamentos a realizar. Dir-se-ia que o corpo, enquanto vivido, se “percebe” apenas a experienciar; a perceber; a pertencer por conviência (e nisto será essencialmente distinto dos restantes objetos do mundo), e não como algo estritamente experienciado ou a experienciar, nunca como algo concebido ou a conceber expressamente.»⁶⁵

É assim, sobre esta base radical, que assenta este livro sob o título *O comportamento humano, uma relação, uma experiência*. Sem ela, o comportamento não se desvenda realmente. A nenhum outro nível se fundamenta mais radicalmente a que ponto o comportamento humano se encontra no *entre* que liga o vivido do corpo e o vivido do mundo e dos outros.

⁶⁵ Luís Umbelino, «Filosofia do corpo e inventário da dor: (I) Elementos para uma fenomenologia da experiência do membro-fantasma», *Revista Filosófica de Coimbra*, n.º 51, 2017, 147.

Com exemplos vários a comprová-lo: o invisual que integra corporalmente a sua bengala, e cuja ponta ganha a sensibilidade necessária como se tivesse sido incorporada, é emblema do comportamento no seu fundo; o automobilista⁶⁶ que a conduzir o seu carro numa passagem estreita demonstra ter incorporado as extremidades do veículo, a um tal ponto que as dimensões do carro estão perfeitamente integradas no seu próprio corpo, igualmente descreve o plano mais profundo do comportamento. O mesmo se dirá do caso do pianista que, mesmo perante um piano que nunca utilizou antes, o *habita* rapidamente a ponto de parecer, após alguns minutos de utilização, sempre o ter utilizado. Inclusive cada um de nós, que, ao levantarmo-nos durante a noite num quarto às escuras, nos orientamos para sair do quarto como se estivéssemos a ver normalmente, exercemos desse modo o próprio tecido do comportamento.

No âmbito do treino na área comportamental, nada se resolve, portanto, mudando apenas o *sujeito* (o ser humano), ou o *objeto* (o mundo, os estímulos, etc.): necessitamos, pois, de considerar, em simultâneo, os fios com que cada um deles se une mutuamente.

Veja-se, por exemplo, numa modalidade desportiva como o basquetebol, o que acontece quando se trava uma luta de ressalto defensivo, na procura da recuperação da posse da bola. Ao contrário do que tantas vezes aconteceu (e ainda por vezes persiste!), esta ação não pode ser explicada simplesmente de um ponto de vista físico, técnico, morfológico ou fisiológico. Quem disputa o ressalto, ao focar-se na importância de recuperar a posse da bola, desencadeia de forma pré-reflexiva (inconsciente) a ação motora que tem de desenvolver, a partir naturalmente da prática anterior que teve daquela execução motora (ou falta dessa prática, no caso de atletas mais inexperientes), processo igualmente latente no respeito das regras do jogo, das dimensões da bola, da altura da tabela e do cesto, etc., tudo contribuindo para a execução respetiva (saltar e apanhar a bola, em luta contra a oposição dos adversários com que então se confronte).

⁶⁶ Umbelino, «Filosofia do corpo e inventário da dor: (I)», 150: «Considere-se um exemplo prosaico para esclarecer o que aqui está em questão: conduzir um automóvel através de um caminho estreito entre duas outras viaturas estacionadas. É comum em tal circunstância e sem hesitar (sem pensar) o condutor “saber que passa”, “saber que cabe” e avançar; o curioso é que por vezes se encolhe dentro do carro ao transitar entre os obstáculos. Acontece neste exemplo que o automóvel, objeto exterior para o corpo atual, deixou de ser para o corpo habitual esse objeto [...], ao contrário prolonga-se e expande-se ao ponto de transformar o automóvel numa *potência voluminosa, na exigência de um espaço livre*.»

O Novo Paradigma da Motricidade

Ainda numa referência a uma modalidade desportiva, o futebol, interpretando Merleau-Ponty, diz-nos Etienne Bimbenet: «O futebolista não representa o terreno de jogo como um objeto, ou seja como “o termo ideal que pode dar lugar a uma multiplicidade de visões perspectivas” mas visa-o como “o termo imanente das suas intenções práticas”; a sua consciência abre-se sobre um meio composto exclusivamente de pontos de passagem e de desdobramento da sua ação, confundindo-se com a própria ação. Encontramos no futebolista esse entrelaçar de que o comportamento animal fornece o paradigma, o da ação e o do meio percebido. O futebolista não dá portanto senão uma indicação longínqua respeitante à percepção incipiente e parece mesmo que só a descrição simplesmente empírica revela os seus limites.»⁶⁷

Para Merleau-Ponty, temos assim um corpo com uma dimensão anónima e pré-pessoal da sua corporeidade, sujeito a continuadas experiências intersubjetivas e intercorporais. Uma corporeidade dinâmica e complexa, capaz de incorporar não só o espaço que o rodeia, como também, e principalmente, todo o tipo de experiências entretanto decorrentes.

Relacionamo-nos com o mundo através do nosso corpo e de forma intersubjetiva e pré-intencional (anónima e pré-pessoal), em profunda partilha de experiência e afetividades. Habitamos o mundo segundo um modo de pertença a que também podemos chamar de habituação (habitação), através de uma forma de familiarização a que o corpo se habitua. Um modo mundano de ser corpo, que conhece e reconhece os desafios com que se vai confrontando, conforme a humanidade de tudo aquilo com que se vai deparando. Adquirindo um saber anónimo, vulgarmente designado como hábitos adquiridos (voltaremos a este assunto), por via da incorporação e anexação de tudo o que nos rodeia. E, por isso mesmo, Merleau-Ponty foi o nosso mestre de caminho. Não só por considerar a natureza essencial da experiência humana, mas, também, por ter atribuído uma importância fundamental à dimensão vivida do comportamento.

⁶⁷ Étienne Bimbenet, *La Structure du Comportement : Merleau-Ponty*, Chap. III, 3 – «L'Ordre Humain» (Paris: Ellipses, 2000), 39.

Capítulo III

A Construção do Comportamento

Mais de cinquenta anos depois da redação das obras A Estrutura do Comportamento e Fenomenologia da Percepção, o projeto permanece em aberto e os avanços ao nível da investigação atribuem à obra de Merleau-Ponty um carácter premonitório. O projeto de Merleau-Ponty sustenta-se em poucas palavras: o sistema, eu – outro – o mundo. Trata-se de pensar a partir do corpo... E a não possibilidade de separar estas três palavras eu – outro – o mundo acontece graças à experiência, à percepção e à consciência.⁶⁸

1. A Estrutura do comportamento

No seu livro, *A Estrutura do Comportamento*⁶⁹, Merleau-Ponty resume o objetivo principal de «compreender as relações da consciência e da natureza, orgânica, psicológica ou mesmo social»⁷⁰. Tal problema não estaria então bem resolvido, a ele havendo que regressar uma vez mais. As soluções tradicionais do idealismo e do empirismo, na verdade, não chegam a formular convenientemente a questão, pois partem da consciência e não se percebe como chegam a conceber a natureza enquanto tal, pois sobrevalorizam a natureza e tornam-se incapazes de dar conta da especificidade da consciência.

Para Merleau-Ponty, o ponto de partida teria de ser outro: não o da separação dos polos em questão, mas o da junção. Ou seja, ou há algum tipo de *realidade*, algum tipo de *fenómeno* em que consciência e natureza se encontram misturados, ou é impossível resolver a questão colocada. Ora, para

⁶⁸ Denis Cerlet, «Le corps en mouvement comme lieu de constitution du temps», in *Le corps en acte : Centenaire Maurice Merleau Ponty* (Nancy: Presses Universitaires de Nancy, 2010), 172.

⁶⁹ Maurice Merleau-Ponty, *La Structure du Comportement* (Paris: PUF, 1942).

⁷⁰ Merleau-Ponty, *La Structure du Comportement*, 1.

A Construção do Comportamento

Merleau-Ponty, essa circunstância não apenas existe como é fundamental: trata-se do comportamento. No comportamento, a consciência ou a significação do mundo e a natureza ou o ambiente envolvente misturam-se, sobrepõem-se e encaixam-se⁷¹. E tal circunstância é tão concreta no animal como no ser humano. Não podemos assim atribuir uma dominância à biologia da ação humana, nem idealizar a consciência, nem seguir o caminho do idealismo transcendental nem o do realismo empírico. Igualmente há que superar as psicologias científicas. De facto, para Merleau-Ponty, não fazia sentido considerar o organismo humano como se de um teclado de um piano se tratasse, sobre o qual atuariam os estímulos externos, pois é o próprio organismo humano que, simultaneamente, influencia e se deixa influenciar pelo meio ambiente em que se insere.

Mas o que é um *organismo* e o que é um *ambiente adequado*? Um *ambiente adequado* é o meio envolvente de um determinado organismo que, em termos espaciais e temporais, se integra e se estabelece com esse mundo que o envolve numa profunda correlação. Diríamos que um *ambiente adequado* é algo como que uma unidade vivida por um organismo, uma totalidade de pertença e envolvimento que contribui para o próprio modo de ser do organismo. Já o *organismo* não pode ser entendido como o significado naturalista de uma realidade biológica definida; um organismo (que só é o que é num meio ambiente) é a continuação do meio ambiente, ou a parte do meio ambiente que o significa enquanto tal através do modo como o habita.

Compreende-se assim porque Merleau-Ponty escolheu o termo *estrutura* para título da sua obra: o comportamento não se resume a uma soma de reações mecânicas desencadeadas por estímulos propriocetivos e extero-cetivos isolados. Estes estímulos são como que integrados através de uma inteligibilidade ligada interiormente à situação vivida. O que permite definir o comportamento como uma estrutura constituída pelo modo de pertença do organismo ao meio e do meio ao organismo – ao corpo de cada animal ou de cada ser vivo – que o habita. A totalidade do corpo de cada organismo parece assim envolver-se com o mundo em que se integra e este mundo, por sua vez, exprime-se com base nas leis interiores do organismo, aos níveis físico, vital e

⁷¹ Merleau-Ponty, *La Structure du Comportement*, 5. «Mon comportement apparaît comme orienté, doué d'une intention et d'un sens.»

humano. «É portanto no organismo que teremos de encontrar o que faz de um estímulo complexo algo mais que a soma dos seus elementos.»⁷²

O nosso comportamento que, a nível arqueológico, é igualmente o nome do modo como o dinamismo corporal se completa nas articulações do meio e o meio trabalha já, desde sempre, nos movimentos do corpo; evidenciando, ao mesmo tempo, uma nova concepção de mundo e uma nova concepção de corpo. Ambos definitivamente afastados das teses idealistas e empiristas. O corpo é, pois, uma vocação do mundo envolvente e o mundo envolvente é um arranjo que se termina no dinamismo do corpo.

O mundo natural oferece amplos exemplos do que fica dito: se imaginarmos a imagem de um leão a correr para caçar a sua presa e perguntássemos onde começa e acaba o leão e começa e acaba o meio ambiente do leão, a resposta seria impossível: o leão em movimento é o seu meio ambiente todo. Para Merleau-Ponty, tanto o nosso comportamento é resultado de influências externas, como também, e em simultâneo, tais influências só se tornam possíveis através da total abertura e convivência com que o nosso corpo vivido se disponibiliza para o que o rodeia. Num claro contraponto em relação ao naturalismo científico vigente (e começando a antecipar já neste livro o que viria a ser a sua futura *Fenomenologia da Percepção*), Merleau-Ponty argumenta que constituímos o nosso próprio meio ambiente a partir da nossa ação e movimentos; sendo que estes são, por seu turno, já sempre *trabalhados* pelas condições e referências do meio envolvente.

Afirmá-lo implica, desde logo, ultrapassar a própria teoria psicológica que tomou o comportamento por sua designação: o behaviorismo. Para Merleau-Ponty, com toda a evidência, o comportamento não é um encadeamento de reflexos – como, por exemplo, Pavlov então defendia. E muito menos poderá ser entendido como «o envelope de uma consciência»⁷³. Ao contrário, Merleau-Ponty parte de uma concepção não causal do comportamento, concebendo-o de modo a resumir a intencionalidade do organismo e o carácter plástico do meio ambiente, tal como se manifesta no movimento do organismo⁷⁴.

⁷² Merleau-Ponty, *La Structure du Comportement*, 12.

⁷³ Bimbenet, *La Structure du Comportement*, 27.

⁷⁴ Merleau-Ponty, *La Structure du Comportement*, 14. «Puisque tous les mouvements de l'organisme sont toujours conditionnés par des influences externes, on peut bien, si l'on veut, traiter le comportement comme un effet du milieu.»

A Construção do Comportamento

Num primeiro momento, o filósofo francês julga encontrar um caminho nas propostas da escola alemã de Psicologia da *Gestalt*: a tese segundo a qual reagimos como um todo sensorial ao conjunto orientador formado pelo que nos rodeia será, a este respeito, importante para o nosso filósofo. Mas seria, porventura, necessário ir mais longe no momento de aplicar estes pressupostos ao comportamento humano. Desde logo, haveria que considerar a que ponto tal forma do comportamento é questão de uma realidade fenoménica do mundo que apenas existe nos movimentos do organismo; ou de uma realidade fenoménica do organismo que apenas existe nas orientações e coordenadas do meio ambiente. Neste sentido, haveria que investigar radicalmente a que ponto e, exatamente em que sentido, o corpo é o necessário intermediário do aparecer do mundo em redor; a que ponto o corpo esboça os primeiros significados do mundo e, por outro lado, a que ponto o mundo e os seus arranjos trabalham desde sempre os movimentos de cada corpo concreto. Em resumo: o comportamento humano não é exclusivamente subjetivo, nem estritamente objetivo: comportamento é o nome de uma interação, de uma forma de copertença entre o homem e o mundo. Isto mesmo se torna particularmente manifesto no comportamento percetivo.

2. Capacidade expressiva

De facto, o exemplo da perceção de um rosto é tomado por Merleau-Ponty como referência decisiva. «O corpo humano possui uma capacidade expressiva natural que o torna imediatamente legível por outros corpos humanos: a sua fisionomia, os seus gestos, a entoação da sua voz, ou ainda as suas diferentes expressões faciais, que não apenas identificam a vida que existe naquele que habita o respetivo corpo, como também as suas intenções e desejos.»⁷⁵ Mas como se começa a perceber um rosto como tendo uma expressividade natural? A que corresponde tal expressão? E como se explica a perceção de algo como uma expressão?

A referida expressão deve ser entendida enquanto uma expressividade corporal e facial, verdadeiro *centro de ação* a partir do qual conseguimos antecipar

⁷⁵ Bimbenet, *La Structure du Comportement*, 38.

a intencionalidade significativa daqueles com quem nos relacionamos. Um modo de perceber os outros verdadeiramente autêntico e alternativo.

Para Merleau-Ponty, a percepção é assim a capacidade de atribuir significado às pessoas e às coisas do mundo e de as viver enquanto realidades. É como corpo que compreendemos o mundo e que estabelecemos com ele uma relação estreita, numa verdadeira sabedoria comportamental que não é possível de explicar exclusivamente pela via física, fisiológica, neurológica ou sociológica. «Impõe-se um regresso às bases da experiência sensível, indispensável antes de qualquer redução teórica.»⁷⁶ No fundo, a percepção é uma experiência corporal, originária, como também o é o movimento. E tudo o que percebemos e sentimos apresenta-se com um determinado sentido, associado a experiências anteriores. Em cada momento que tentamos perceber algo, as experiências antigas estão sempre presentes, podendo ser utilizadas ou não, pois perceber é descobrir um sentido nas coisas.

Afinal, tudo o que diz respeito ao corpo tem um significado existencial e tudo o que diz respeito à nossa existência tem uma manifestação corpórea. «Uma cara é um centro de expressão humana, um envelope transparente das atitudes e desejos de alguém, um lugar de aparição, um ponto de apoio material de uma imensidão de intenções.»⁷⁷

Para Merleau-Ponty, a associação entre percepção/ação constitui uma verdadeira consciência aberta ao mundo, que se manifesta através da motricidade e sua constante intencionalidade, apreendendo o mundo em que nos inserimos através do nosso corpo vivido e fenoménico.

Fica, deste modo, claro que «a percepção não pode mais ser a tomada de posse das coisas»⁷⁸. A percepção resume a dimensão de entrelaçamento entre corpo e mundo: ela é um «entrelaçar da consciência e da natureza»⁷⁹ do agir e do mundo. E, para estudar a percepção, requer-se agora uma radicalização da análise, capaz de investigar as estruturas mais arqueológicas do comportamento, tal como se manifestam no próprio ato perceptivo. A investigação

⁷⁶ Lionel Naccache, «L'introspection de la perception visuelle : mythe et réalité», in *Le corps en acte : Centenaire Maurice Merleau Ponty* (Nancy:, Presses Universitaires de Nancy, 2010), 26.

⁷⁷ Bimbenet, *La Structure du Comportement*, 10.

⁷⁸ Merleau-Ponty, *La Structure du Comportement*, 288. «Le monde se dédouble : il y aura le monde réel tel qu'il est hors de mon corps, et le monde tel qu'il est pour moi.»

⁷⁹ Bimbenet, *La Structure du Comportement*, 28.

fenomenológica que Merleau-Ponty dedicará à percepção será a tentativa de cumprir tal desiderato.

3. Da estrutura à textura

Os paradoxos da nossa existência desenvolvem-se através da experiência do mundo: nos nossos comportamentos e nas nossas relações com os outros. A noção de ação é o comportamento. Agimos com o nosso corpo: comportamo-nos. «É ilusório pensar fazer um discurso científico sem ter em conta a base primitivamente subjetiva na qual se enraíza todo o ato de conhecimento, quer dizer, sem perceber que tal discurso de vocação objetivante não será menos o objeto de uma percepção necessariamente e sistematicamente enraizada na experiência subjetiva dos indivíduos que a manipularão.»⁸⁰

Comportar-se é, então, pertencer com o corpo ao mundo que envolve e situa o corpo. Não, seguramente, um corpo que seria objeto entre objetos, mas um corpo que participa do meio que o envolve como se o conhecesse desde sempre. O mesmo é dizer que tal corpo é, no seu dinamismo de pertença ao que o envolve, princípio de expressão dinâmica disso a que pertence. Assim, poderia argumentar-se que o mundo é o que é no modo como se manifesta a esse corpo expressivo. E esta correlação entre corpo e meio ambiente é realmente: «Este plano mais arqueológico da vivência corpórea do mundo que indicia, segundo Merleau-Ponty, uma familiaridade tácita que, em relação às coisas, lugares e corpos do mundo, parece ser desde sempre desenrolada pela motricidade corporal.»⁸¹

É certo que sentimos imensas dificuldades em representar a realidade em que nos inserimos. Mas é essa a nossa condição originária: a de uma pertença cega, tácita, irrefletida ao mundo. Tal pertença ou familiaridade tácita, para ser estudada, reclama uma abordagem fenomenológica e não já estritamente psicológica, como é o caso de *A Estrutura do Comportamento*. O diálogo corporalizado com o mundo envolvente, resumido no conceito de comportamento e de meio ambiente, remete para a investigação do plano mais originário do

⁸⁰ Naccache, «L'introspection de la perception visuelle», 25.

⁸¹ Luís Umbelino, «Filosofia do corpo e inventário da dor: (II) Anonimato, alteridade e relação intercorporal segundo M. Merleau-Ponty», *Revista Filosófica de Coimbra*, n.º 52, 2017, 296.

vivido corporal, para o plano mais radical do respetivo modo de pertença ao que o envolve. Por isso a noção de motricidade será central no contexto de tal requerida aproximação fenomenológica.

4. A experiência do comportamento

Através de uma constante negociação corpo/mundo, movimentamo-nos e relacionamo-nos, interagindo e mantendo um contacto constante com as coisas e os outros. Somos seres ativos que se movimentam no mundo; *somos no mundo como corpo* – ser humano é *ser no mundo* – num mundo que não é primeiro algo que pensamos, mas algo que vivemos.

Existimos no mundo e para o mundo. Aliás, tal acontece desde que nascemos, pois, enquanto crianças, a expressividade dos outros, os objetos que manipulamos e as palavras que escutamos são vividas como realidades.

Sentimos, assim, ao longo da nossa vida, com um determinado significado e de modo relacionado com a utilidade possível daquilo que observamos ou com que contactamos. Estamos abertos ao mundo que nos rodeia e simultaneamente dentro desse mundo como sujeitos ativos que influenciam e são influenciados. Estabelecemos ligações com os outros e as coisas que nos rodeiam, reagindo através do nosso corpo todo, um corpo que somos nós a vivê-lo. Tal condição corporal é a nossa medida do *ser no mundo*. *Sendo no mundo*, deveria afirmar-se, como o faz Merleau-Ponty no prefácio da sua *Fenomenologia da Percepção*⁸², que não há homem interior, mas que tudo o que somos, e o melhor do que somos, se completa nas correspondências e interpelações do mundo. O nosso interior está todo no exterior – e esse exterior é o interior do mundo.

O comportamento, justamente, é o nome de tal circunstância.

Há aqui uma circularidade entre as experiências entretanto vividas e o nosso próprio corpo, que induz a aprendizagem e a sabedoria do corpo: uma aprendizagem comportamental. O mesmo é dizer que as nossas experiências são sustentadas pela plasticidade corporal, projetando-nos no mundo enquanto unidade vital, sensorial e dinâmica (como um todo), não fazendo

⁸² Maurice Merleau-Ponty, *Phénoménologie de la Perception* (Paris: Gallimard, 1945).

A Construção do Comportamento

sentido persistir na tese científica que perdurou durante anos e que reduzia a ordem humana ao físico, à fisiologia e à neurologia.

O corpo é um princípio de pertença e o mundo um conjunto de intensidades, o que significa, por exemplo, que na prática desportiva de onde provimos, os atletas fazem corpo com o terreno de jogo e com as intensidades do espaço. E o corpo e o espaço não têm uma relação neutra, pois o modo de ser corpo completa-se no mundo, do mesmo modo que o mundo ganha sentido no corpo. Em qualquer modalidade desportiva, o espaço de jogo *ensina* os jogadores a melhorar através da respetiva movimentação espacial. Ou, num *jogo-livre* (na rua), jovens e adultos quando se confrontam com o conhecimento puro das relações espaciais e se entrelaçam numa relação plástica, constantemente dialética, as circunstâncias e os contextos criados, ensinam o que fazer e a situação real correspondente ao jogo constitui um meio poderoso de aprendizagem e treino. O mesmo se pode afirmar em múltiplos exemplos do desporto: sempre que as equipas mudam do respetivo lado do campo, ou visitam campos adversários, de imediato, toda a perceção que os jogadores tinham do espaço que anteriormente ocupavam se modifica de forma drástica.

Devemos, por isso, aceitar que o corpo faz do humano, ao mesmo tempo, interioridade e exterioridade, sujeito e objeto, natureza e cultura, motricidade e espaço, expressando um comportamento percetivo que passamos agora a procurar aprofundar.

A realidade do comportamento aponta, portanto, para o plano de uma experiência pré-objetiva, anónima, pré-pessoal de incorporação do mundo.

«Merleau-Ponty colocou desde logo como constituintes essenciais dessa autêntica atividade percetiva, um outro constituinte que nos parece primordial: o primado da ficção na perceção, ou seja, a existência de atividades interpretativas que visam, não traduzir fielmente o que se destaca para nós quando percebemos, mas oferecer-nos as satisfações e o reconforto que só o reinado da significação é capaz de nos fornecer.»⁸³

Para este filósofo, os nossos sentidos não decalam pura e simplesmente a realidade exterior, abrem sim o nosso corpo para tudo o que o rodeia, numa comunicação continuada e mutuamente influenciadora. Vivemos assim uma «experiência percetiva», num verdadeiro círculo envolvente, sensorial e motor, numa convivência dinâmica capaz de interligar a ação humana com o mundo.

⁸³ Naccache, «L'introspection de la perception visuelle», 40.

Capítulo IV

A Via Fenomenológica da Descrição do Comportamento: Uma Abordagem Merleau-Pontyana

*O físico, o vital e o mental não representam três poderes do ser, mas três dialéticas.*⁸⁴

1. Uma nova abordagem

A. Berthoz afirmou com pertinência que o pensamento de Merleau-Ponty «é ainda hoje um instrumento importante para refletirmos e descobrirmos as bases neurais da percepção e da sua ligação com a ação»⁸⁵. Não é uma afirmação pequena: «Merleau-Ponty teve a intuição do carácter principalmente multimodal da percepção. A percepção não pode ser compreendida através de estudos separados dos diferentes sentidos [...]. A ação e o movimento são essenciais para perceber [...]. Merleau-Ponty mistura, no que designa como olhar, os mecanismos de controlo do olhar e da atenção. E tem razão pois as mesmas áreas do cérebro estão implicadas nos movimentos do olho e os deslocamentos da atenção [...]. A análise de Merleau-Ponty acerca da percepção da profundidade é muito interessante [...]. A percepção da profundidade resulta de um jogo subtil entre o contexto espacial e os objetos, procurando assim tornar o mundo mais coerente.»⁸⁶

Merleau-Ponty procura descrever todo o tipo de experiências vividas como *experiências do mundo*. Atribuindo assim um estatuto filosófico ao nosso

⁸⁴ Merleau-Ponty, *La Structure du Comportement*, 278.

⁸⁵ Alain Berthoz, «La conscience du corps», in *Le corps en acte : Centenaire Maurice Merleau Ponty* (Nancy: Presses Universitaires de Nancy, 2010), 22.

⁸⁶ Berthoz, «La conscience du corps», 10-13.

A Via Fenomenológica da Descrição do Comportamento

contacto com o mundo. Trata-se de desvendar as estruturas da realidade tal como são vividas, e o tema da percepção representa o caso exemplar de tal experiência. A percepção é, assim, para Merleau-Ponty, uma relação originária com o mundo e, neste sentido, uma experiência fundamental.

Para Merleau-Ponty, a percepção é o modo como a minha corporeidade me coloca no mundo: um comportamento em que o ser humano, como um *ser-no-mundo*, se encontra em permanente interação perceptiva com a realidade em que se insere. A ideia de que o comportamento nomeia o entrecruzamento entre corpo e mundo é significativa. O que se afirma deste modo é que o *fenómeno do comportamento* é uma realidade complexa que corresponde à mistura ou mútua oscilação do dinamismo do corpo e das interpelações práticas do mundo. E se acaso altero o meu comportamento, altero a realidade em que estou inserido, tal como se acontecerem alterações nessa realidade o comportamento se altera.

A percepção representa, neste sentido, a nossa abertura, a inserção ou a pertença ao *interior do mundo* como corpo. O corpo é, portanto, um *corpo perceptivo* neste sentido forte, pois é mediador das relações com o mundo, enquanto condição de possibilidade primitiva do meu modo próprio de *pertencer ao mundo*. Dito de outro modo, a percepção, tal como Merleau-Ponty a entende, resume o fundo do comportamento humano – enquanto este se define, nas suas estruturas mais fundamentais, como *forma de ser-no-mundo*, forma esta vivida, exercida corporalmente e que corresponde a uma certa forma de pertença: uma pertença que não exaure, mas que acompanha o dinamismo de envolvimento pelo qual o próprio mundo contribui para a *situação* do corpo.

Afirmar que o *corpo é perceptivo* equivale a dizer, desde logo, que não estamos, como corpo, no mundo à maneira dos objetos. O corpo coloca-nos no mundo como *mediadores do mundo*, ou seja, promovendo sempre um determinado tipo de organização significativa do que nos envolve. Esse corpo é o *corpo próprio* ou *corpo vivido*, que, na tradição da fenomenologia, se distingue, no seu modo de aparecer, do corpo estritamente concebido como um objeto físico. É de um modo vivido – e apenas deste modo – que o corpo é, como Merleau-Ponty afirma, o nosso único veículo de *ser-no-mundo*. «O corpo é o nosso meio geral para termos um mundo. Tanto se dedica aos gestos necessários para a conservação da vida e correlativamente coloca à nossa volta um mundo biológico; como na execução dos seus primeiros gestos e

passando do seu sentido próprio a um sentido figurado, manifesta através deles um sentido de significação nova.»⁸⁷

Deste ponto de vista, o corpo, enquanto sujeito da percepção e na medida em que percebe, não pode ser visto objetivamente, mas sim entendido como *ser no mundo*.

Onde existe corpo existem sempre histórias vividas em profunda relação com o mundo que antecede qualquer conhecimento intelectual – uma relação do *corpo próprio e vivido* com o mundo, cuja motricidade se apresenta com uma natureza essencialmente expressiva. O corpo é o sujeito da nossa relação perceptiva, que deve ser entendida como o movimento na direção do mundo em que nos inserimos; e que faz com que existam para nós as coisas e os outros com quem nos relacionamos. Esse modo de ser encarnado é o da pertença e ligação: nesta medida é uma ligação que poderíamos dizer comportamental. Uma fenomenologia da percepção resume, então, as estruturas mais fundamentais do próprio comportamento. Estruturas essas que a abordagem em *Estrutura do Comportamento* intuía, mas era incapaz de enfrentar: um mundo que não é o que penso, mas o que vivo; um modo de pertença que é o fundo sobre o qual assentam todos os nossos atos e onde a realidade nunca se tornará uma realidade acabada; um sentir que tem o mundo presente; uma visão que envolve o corpo que vê, abrange e *toca as coisas à distância*; uma corporeidade que é o modo fundamental do ser se situar no mundo.

Para Merleau-Ponty, o *vivido* não é um mundo interior à parte. A percepção é um outro nome para o contacto direto com o mundo que toma a forma de envolvimento ativo com tudo o que se encontra à nossa volta. Percebemos a partir de uma certa perspectiva e de um ponto de vista específico que nos é dado pelo nosso corpo; percebemos, portanto, em perspectiva sobre a base de um arranjo do mundo que se completa no nosso próprio *modo de ver*. Somos *seres no mundo*, não existimos separados das nossas experiências concretas, partimos delas, somos parte do mundo. E temos experiência desse mundo como seres reais que existem num tempo e num lugar.

Para Merleau-Ponty, a percepção não é conhecimento do mundo em sentido temático, mas sim o modo de acesso ao mundo sobre o qual aquele conhecimento tem necessariamente de se basear. O comportamento perceptivo

⁸⁷ Merleau-Ponty, *Phénoménologie de la Perception*, 182. «C'est le cas des habitudes motrices comme la danse. L'habitude n'est qu'un mode de ce pouvoir fondamental.»

A Via Fenomenológica da Descrição do Comportamento

abre uma camada primária do sentido que, sendo corporal, é no seu fundo um sentido *do mundo*, dito de outro modo, a percepção não é um ato teórico desencarnado.

O conhecimento começa na experiência perceptiva, porque é a percepção que *abre* para o mundo real. Antes de toda a teoria, já estamos envolvidos num mundo e o teste de todas as teorias deve ser encontrado nesse envolvimento com o mundo. De certo modo, tudo começa, então, com o comportamento: a nossa consciência expressa do mundo está enraizada numa consciência implícita, pré-reflexiva, não-verbal, que a percepção traduz em dinamismo corpóreo de envolvimento mundano. Tal dinamismo contribui para completar o modo como o mundo se manifesta. É esta, então, a primeira dimensão do significado do mundo, ou seja, o mundo é habitável pelo corpo. O *habitável* do mundo apenas existe no próprio modo como o corpo pertence ao aparecer englobante do mundo. Dito de outro modo, ao nível perceptivo mais fundamental, conhecemos por incorporação, por pertença dinâmica, por um certo saber prático do corpo. *Ter corpo* e *ser corpo* de alguma coisa é o mesmo e a designação de *comportamento perceptivo* é o outro nome de tal circunstância. Pode, então, argumentar-se que o *corpo perceptivo* é já uma *consciência do mundo* na medida em que resume, no seu próprio dinamismo motor de pertença, o esboço mais primitivo de significado (prático) do mundo. A motricidade do corpo, que resume o seu modo de ser comportamental, é o nosso *ser no mundo* e é através dela que nos envolvemos com o mundo. *Motricidade é comportamento, o corpo é a consciência e esta começa na motricidade.*

Eis, então, uma nova ideia de comportamento: pertença corporalizada, adesão pré-reflexiva (ou *olhar pré-objetivo*), motricidade *significante* (como se tratasse de uma relação *mágica*) do mundo. Ser corpo de alguma coisa – é isso, a percepção – é já, sempre, *ser lugar* onde algum aspeto do aparecer do mundo pode ter lugar.

2. O fenómeno do comportamento

Afinal, para todos nós, pode dizer-se, numa linguagem menos cuidada, mas não menos certa, que, literalmente, o mundo só *faz sentido* quando nele nos envolvemos através da nossa experiência perceptiva; ou seja, eis a nossa tese: *só faz sentido no nosso comportamento*. Tal experiência é, aliás,

paradigmática, pois demonstra claramente que a posse intelectual do mundo é um equívoco: um sujeito corporal pertence ao que o envolve, e porque aquilo a que pertence é o que envolve, tal sujeito nunca o poderia possuir. Temos um *corpo vivido que aprende e treina a sua motricidade*, no qual se nota desde o primeiro momento um certo sentido ou significado do próprio modo de aparecer do mundo.

De um modo ou de outro, «mergulho na espessura do mundo através da experiência perceptiva»⁸⁸. Tal permite-nos defender que o corpo é um modo de pertença e não de posse; a percepção enraíza-se corporalmente, é um modo de habitar. E assim, o que se habita será, em última análise, o «outro lado» dos poderes perceptivos do corpo. O *comportamento perceptivo* é, assim, um dado primitivo da nossa condição; é o que resume o facto de vivermos no mundo antes de refletirmos sobre ele. Como diz Merleau-Ponty, toda a reflexão nasce de um irrefletido que nutre.

⁸⁸ Merleau-Ponty, *Phénoménologie de la Perception*, 247.

Capítulo V

O Comportamento Perceptivo

*Sentir é esta comunicação vital com o mundo que o torna presente para nós como um lugar familiar onde se situa a nossa vida.*⁸⁹

1. O vivido do comportamento

Para Merleau-Ponty, viver está em primeiro lugar. Atribui assim prioridade fenomenológica à experiência contida na percepção do mundo vivido, que é sempre percepção de algo: «o mundo não é o que eu penso, mas o que vivo; estando aberto ao mundo, inquestionavelmente convivo com ele, mas não o possuo»⁹⁰.

Como tema central das investigações deste filósofo, o conceito de percepção foi evoluindo: perceber não é receber passivamente representações ou criar o mundo através de ideias, mas sim perceber estando no mundo, *sendo no mundo*, agindo sobre o mundo e recebendo, em simultâneo, a sua influência. «Não posso considerar-me como uma parte do mundo, como um simples objeto da biologia, da psicologia e sociologia. Não posso fechar-me no universo da ciência. Tudo o que sei acerca do mundo, mesmo através da ciência, sei segundo uma perspectiva própria ou uma experiência do mundo sem a qual os símbolos científicos não têm qualquer significado.»⁹¹

As construções da ciência são assim posteriores às nossas experiências vividas, perceptivas e corporalizadas porque o «mundo não é um objeto cuja lei de constituição tenho na minha posse, é sim o meio natural e o campo onde

⁸⁹ Merleau-Ponty, *Phénoménologie de la Perception*, 79.

⁹⁰ Merleau-Ponty, *Phénoménologie de la Perception*, 17.

⁹¹ Merleau-Ponty, *Phénoménologie de la Perception*, 8 e 9.

decorrem todos os meus pensamentos e as minhas percepções explícitas»⁹². Percepções que ocorrem a um nível pré-objetivo, o que obriga a redefinir a própria empresa fenomenológica de modo novo: «Procurar a essência do mundo não é procurarmos o que ele é enquanto ideia, depois de o termos reduzido a um tema de conversa, mas sim procurar o que ele é de facto para nós antes de qualquer tematização»⁹³.

Merleau-Ponty defendeu que, ao percecionarmos, estamos perante o paradoxo da imanência e da transcendência quando, por vezes, temos consciência de alguma coisa e, em simultâneo, não-consciência de alguns aspetos desse algo observado. Toda a consciência é sempre consciência de algo. Tal como as nossas experiências se complementam com as experiências dos outros. E ao pretendermos compreender o nosso sentir e conhecer, precisamos assim de aprofundar tudo o que respeita ao domínio do pré-objetivo. «O mundo fenomenológico é, não o ser puro, mas o sentido que transparece na interseção das minhas experiências e na interseção das minhas experiências com as dos outros, pela engrenagem de umas sobre as outras.»⁹⁴

Merleau-Ponty assumiu também que as análises clássicas falharam ao tentar explicar o fenómeno da percepção. Se persistirmos em tentar interpretar o que percebemos, fora do percebido, ou seja, de modo exterior à experiência vivida e concreta de ver, tocar, cheirar, ouvir e ter o gosto de algo, confundimo-nos naturalmente no que respeita à interpretação dessas nossas ditas sensações. Ao percecionarmos o que nos rodeia não formatamos o que vemos como poderia ou deveria ser. Experimentamos sim essa realidade tal como se apresenta. Merleau-Ponty escreve o seguinte a este respeito: «O sensível é o que apanhamos com os sentidos, mas sabemos agora que este com não é meramente instrumental, que o nosso aparelho sensorial não é um condutor e que, mesmo na periferia a impressão fisiológica está envolvida com relações que foram anteriormente consideradas centrais»⁹⁵.

⁹² Merleau-Ponty, *Phénoménologie de la Perception*, 11.

⁹³ Merleau-Ponty, *Phénoménologie de la Perception*, 16.

⁹⁴ Merleau-Ponty, *Phénoménologie de la Perception*, 20. «La plus importante acquisition de la phénoménologie est sans doute d'avoir joint l'extrême objectivisme dans sa notion du monde ou de la rationalité.»

⁹⁵ Merleau-Ponty, *Phénoménologie de la Perception*, 33. «Le physiologiste a pour son compte à se débarrasser du préjugé réaliste que tous les sciences empruntent au sens commun et qui les gêne dans leur développement.»

O Comportamento Percetivo

Temos consciência do próprio corpo através da experiência no mundo, tal como temos consciência do mundo através do nosso corpo. «O sentido e a estrutura do percebido não são mais para nós o resultado de eventos psico-fisiológicos.»⁹⁶ O que nos coloca a questão relativa ao que, verdadeiramente, influencia a presença ou a ausência de uma percepção. «A presença ou a ausência de uma percepção não são efeito de uma situação factual exterior ao organismo, mas representam o modo como o organismo antecipa tais estímulos e se relaciona com eles.»⁹⁷

Para Merleau-Ponty, já o dissemos, o corpo é o nosso *veículo de estar no mundo*. Mas é ainda preciso perceber bem a que *corpo* se refere o filósofo. Refere-se seguramente ao corpo que nos coloca no mundo, ou seja, a um corpo cujo modo de ser é o da pertença ao que o envolve; refere-se então a uma *estrutura originária* que se concretiza numa forma de dinamismo: um dinamismo de pertença ao que se manifesta *ao corpo*. Um tal corpo não é um objeto no mundo: é mundo; apenas por isso pode frequentá-lo, habitá-lo e, nesse mesmo dinamismo, começar a significar o mundo de modo prático. Há, pois, que afirmar que somos um corpo que significa o mundo antes, ou *por debaixo*, do sujeito tematizador.

É neste sentido de análise que Merleau-Ponty defendeu de modo radical o primado fenomenológico do entrelaçamento *vivido* entre corpo e mundo. Que este entrelaçamento seja a forma mais radical de remeditar a noção de comportamento que desvendou na sua primeira obra é o que justifica agora a nossa incursão pela *Fenomenologia da Percepção*.

Contrariando o que durante muito tempo foi entendido, o nosso comportamento não é um processo mecânico provocado por estímulos exteriores, pois estamos perante uma experiência corporalizada global e aberta ao mundo. Na opinião de Merleau-Ponty, a ciência moderna menosprezou por vezes tudo aquilo que no corpo humano transcende a sua mera função de suporte físico, nomeadamente, no que respeita à dimensão vivida sempre presente no decurso das várias facetas da experiência humana, e também quando aquele modelo científico sobrepôs o primado do objeto à anterioridade do vivido, defendendo um corpo objeto em detrimento de um corpo vivido⁹⁸.

⁹⁶ Merleau-Ponty, *Phénoménologie de la Perception*, 87 e 88.

⁹⁷ Merleau-Ponty, *Phénoménologie de la Perception*, 103.

⁹⁸ Merleau-Ponty, *Phénoménologie de la Perception*, 111. «Le corps est le véhicule de l'être

Para Merleau-Ponty, uma análise aprofundada do *comportamento perceptivo* invalida tais abordagens, pois o comportamento humano é uma relação corporalmente estabelecida com um mundo envolvente e interpelante; e isto subvertendo claramente as tradicionais alternativas entre *psíquico* e *orgânico*⁹⁹. A superação destas alternativas fere igualmente de dúvida o modelo determinístico de comportamento (ainda atualmente existente!), que assenta sobre uma concepção estritamente causal e exterior entre estímulo e resposta.

O *comportamento perceptivo*, mais uma vez, parece confirmar o contrário: que a *resposta* é já sempre preparada pelos *estímulos* (e, portanto, não é realmente uma resposta, mas uma correspondência dinâmica significativa – no sentido de *dar* ou descobrir significado) e o *estímulo* é já sempre trabalhado do lado da *resposta* (não sendo, portanto, realmente um *estímulo*, mas o *outro lado* da resposta). O comportamento não pode assim ser exclusivamente explicado pelas leis da física, da química, da fisiologia ou da psicologia. Para Merleau-Ponty as relações dos seres humanos com o meio ambiente não são mecânicas, mas sim dialéticas¹⁰⁰.

Não somos uma máquina corpórea e não existe qualquer separação entre sujeito e meio exterior, sendo o corpo o nosso sustentáculo e um todo no centro da nossa existência. O comportamento depende mais do seu significado vivido do que das propriedades materiais dos estímulos recebidos¹⁰¹. Ou seja,

au monde, et avoir un corps c'est pour un vivant se joindre à un milieu défini, se confondre avec certains projets et se engager continuellement.»

⁹⁹ Durante muitos anos do nosso exercício profissional, era sobre o corpo objetivo que treinadores desportivos e comportamentais pretendiam intervir. Mas, tal como dizemos no nosso livro *O Treino do Treinador* (p. 141), jogadores e dirigentes são seres humanos que pensam, interpretam e se emocionam. Com formas diferentes de reagir e se comportarem e que exigem ser trabalhados como um todo. Requerem ser envolvidos e responsabilizados no sentido de se empenharem o mais possível no processo de aprendizagem e treino, através das diferentes formas de comunicação utilizadas pelo treinador, cuja qualidade urge melhorar dia a dia. Por eles e para eles, importa que o treinador os ajude a especificar os objetivos individuais que devem perseguir. Dando-lhes retorno (*feedback*) permanente relativo ao que estão a fazer bem ou mal e ajudando-os a perceber como corrigir eventuais erros ou modificar hábitos antigos, reconhecendo os seus esforços e apoiando a sua cada vez maior responsabilização na definição das suas carreiras e encontro de formas de auto preparação.

¹⁰⁰ Veja-se o caso da sensação: não existem sensações absolutamente isoladas ou isoláveis e que toda a sensação é espacial e temporal; não apenas quinestésica (toque, sentir), como também cinestésica (equilíbrio, orientação espacial) e que a sensação deve ser compreendida numa estreita relação com a percepção e o movimento.

¹⁰¹ Merleau-Ponty, *La Structure du Comportement*, 265. «Ce qui définit l'homme n'est pas la

O Comportamento Percetivo

como nota Merleau-Ponty: «Eu percebo com o meu corpo ou com os meus sentidos, meu corpo e meus sentidos sendo precisamente esse conhecimento usual do mundo, essa ciência implícita ou sedimentada»¹⁰².

Temos assim uma experiência existencial focada em *reaprender a ver o mundo*, durante a qual vamos criando novos sentidos e significados; fazemo-lo como *corpo vivido* ou corpo próprio que deve ser entendido de modo preciso. Merleau-Ponty argumenta o seguinte a este respeito: «O corpo próprio está para o mundo como o coração para o organismo: mantém de forma continuada o espetáculo visível, anima-o, alimenta-o interiormente, forma com ele um sistema»¹⁰³.

Tentemos explicitar o que o filósofo pretende «dizer» deste modo.

2. O comportamento percetivo enquanto saber prático

A experiência vivida é um *saber prático*, carregado de significado mundano e intersubjetivo, no sentido em que se realiza no mundo. Enquanto seres humanos, estamos sempre em situação e *projetamo-nos no mundo* através do nosso corpo vivido, percetivo, dinâmico. Como defende o filósofo, se acaso necessito de fazer um movimento com a minha mão, através de um deslocamento complexo, não recorro a *memórias* visuais ou motoras do movimento da minha mão. «Cada momento do movimento abraça toda a extensão e, em particular, o primeiro momento, a iniciação cinética inaugura a conexão de um aqui e um ali, de um agora e de um futuro que os outros momentos irão limitar o desenvolvimento.»¹⁰⁴

O dinamismo do corpo é uma forma de *habitar*. E é com a noção de *habitar* que devemos compreender o conceito fundamental de hábito que, segundo Merleau-Ponty, «exprime o poder que temos de expandir o nosso ser no

capacité de créer une seconde nature, - économique, sociale, culturelle, - au-delà de la nature biologique, c'est plutôt celle de dépasser les structures créées pour en créer d'autres.»

¹⁰² Merleau-Ponty, *Phénoménologie de la Perception*, 285

¹⁰³ Merleau-Ponty, *Phénoménologie de la Perception*, 245.

¹⁰⁴ Merleau-Ponty, *Phénoménologie de la Perception*, 175. «Je ne suis pas dans l'espace et dans le temps, je ne pense pas l'espace et le temps, je suis à l'espace et au temps, mon corps s'applique à eux et les embrasse.»

mundo»¹⁰⁵. Quando utilizamos o teclado de um computador, fazemo-lo sem andar constantemente em busca das teclas necessárias. Temos o *hábito* de o fazer através de um saber adquirido previamente pelas nossas mãos e dedos. «Quando me sento diante da minha máquina, estende-se um espaço motor sob as minhas mãos onde irei escrever o que li previamente. As letras lidas são uma modulação do espaço visível, a execução motora é uma modulação do espaço manual.»¹⁰⁶

Trata-se de um saber prático. É um *saber prático* do corpo vivido que identifica os *hábitos* adquiridos através da modulação da motricidade, enquanto base pré-pessoal da ligação ao mundo; o *corpo vivido* é corpo motor e a motricidade é, na própria efetuação, modo de significação prática do mundo no seu aparecer interpelante, quando convoca do corpo certos gestos ou ações.

Jorge Valdano fornece-nos um exemplo ilustrativo do que fica dito, retirado do mundo do desporto: «O génio futebolístico é um matemático que não tem de saber contar. Recebe uma bola ao mesmo tempo que a sua visão de águia descobre uma oportunidade a 30 metros. Um prodígio de precisão e um milagre de medição que coordena num espaço limitado várias velocidades (a da bola, a do companheiro, a do defesa, a do guarda redes e a linha de fora de jogo). Quem não se espantar com a sua execução mágica não sabe nada de seres humanos, nem de futebol, nem do poder de adivinhar, nem de matemáticas»¹⁰⁷.

Há aqui uma dimensão espacial do hábito que importa destacar. Merleau-Ponty diria o mesmo deste modo: «Não devemos dizer que o nosso corpo está no espaço ou no tempo. Ele habita o espaço e o tempo»¹⁰⁸. Com a sua noção de corpo vivido, Merleau-Ponty propõe-nos uma nova noção de espaço: o espaço é *uma realidade vivida pelo vivido do corpo*. Dito de outro modo, corpo e espaço são na verdade duas faces de uma mesma realidade. *Ser corpo* e *ter espaço* são afirmações sinónimas. O *comportamento perceptivo* resume esta circunstância, isto é, percebemos o mundo no comportamento, temos um mundo *na motricidade*, significamos o mundo *na intencionalidade*

¹⁰⁵ Merleau-Ponty, *Phénoménologie de la Perception*, 179.

¹⁰⁶ Merleau-Ponty, *Phénoménologie de la Perception*, 179.

¹⁰⁷ Jorge Valdano, coluna de opinião «O Jogo Infinito», jornal *A Bola*, Lisboa, 13 de janeiro de 2019.

¹⁰⁸ Merleau-Ponty, *Phénoménologie de la Perception*, 174.

O Comportamento Perceptivo

motora. «A experiência motora do nosso corpo não é um caso particular de conhecimento, ela fornece-nos uma maneira de aceder ao mundo.»¹⁰⁹

Tudo começa aqui e será sobre esta base que assentarão todos os demais comportamentos particulares, dos mais básicos aos mais elaborados.

Segundo Merleau-Ponty, somos percepção, ou seja, somos primitivamente uma verdadeira consciência corporalizada aberta ao mundo. Apreendemos o mundo em que nos inserimos através do nosso corpo vivido e fenoménico. Isto significa que o mundo em que nos inserimos só passa a existir quando lhe atribuímos um sentido e um significado motor sobre o qual todos os significados humanos se tornarão possíveis. É porque sou corpo vivido que tenho mundo (que tenho outros, que tenho objetos, que tenho projetos, etc.). O *saber do corpo* é um saber que deriva fundamentalmente da inter-relação com as coisas e aqueles que nos rodeiam, mais propriamente da nossa experiência no mundo vivido; tal dimensão vivida do corpo permite uma experiência fundamental e irrefletida de mútua ligação e mistura entre corpo e mundo – e isso é o «tecido» corporal do comportamento.

3. Corpo perceptivo e motor

Para Merleau-Ponty, o corpo de que aqui se trata é o *corpo vivido ou corpo próprio*. É este o *corpo perceptivo e motor: o corpo do comportamento*. Poderíamos defini-lo como a nossa *forma de ter mundo*, a nossa forma de nos podermos encontrar imediatamente do lado das coisas que aparecem. O corpo vivido é um corpo plástico e uma totalidade vivida (inter e intra-sensorial). Merleau-Ponty define-o como uma verdadeira estrutura originária (sistema dos sistemas) da existência. Enquanto totalidade vivida que se completa no mundo, atribui sentido e significação vividas a tudo o que *pode ser vivido*. Registe-se também que o carácter mundano do corpo é decisivo: *ser corpo* significa não pertencer a uma qualquer interioridade própria, mas antes significa que o que somos começa por ser um modo de *pertencer ao interior do mundo*. A capacidade do corpo para operar sínteses perceptivas é demonstração deste facto: enquanto *corpo vivido* (significante), não *estou* no mundo à maneira dos outros objetos, mas pertenço ao mundo como *motricidade* e, assim, como

¹⁰⁹ Merleau-Ponty, *Phénoménologie de la Perception*, 175.

força de significação prática do mundo. Neste sentido, para Merleau-Ponty não há, portanto, uma realidade pura fora do ser humano; o que é «real» decorre desde sempre de uma *negociação* entre corpo (entendido como o plano do vivido que dá significado prático, ou seja, entendido como motricidade ou *intencionalidade originária*) e mundo. «Se o comportamento é uma forma, onde os *conteúdos visuais* e os *conteúdos tácteis*, a sensibilidade e a motricidade só aparecem como momentos inseparáveis, permanece inacessível ao pensamento causal e não é alcançável por outra forma de pensamento.»¹¹⁰

Há, portanto, uma dimensão do *corpo vivido* que é tão-só a experiência de ser imediatamente o mundo e as coisas do mundo. E essa forma de experiência é paradoxal: sendo corporal, depende de um modo de presença do corpo em ausência. Ao olhar, por exemplo, não vemos os olhos, mas imediatamente o que é visível; a experiência que fazemos nessa ocasião com os nossos olhos é, portanto, a experiência corporal *do visível*. Existir como corpo é pertencer ao exterior; mas esse exterior é o interior do mundo que situa o corpo. Esta circunstância essencial é o plano fenomenologicamente mais profundo do comportamento.

Esse plano é pré-reflexivo. E por isso nutre a reflexão. Toda a reflexão se constitui sobre ele, enquanto impensado operante. Ao repensar a noção de motricidade e, com ela, a do comportamento, Merleau-Ponty esclarece que, então, nem o mundo objetivo é «real», nem os atos humanos têm significado em si mesmos separados do modo de envolvimento motor no próprio aparecer do mundo como mundo que aparece.

4. A base motora do comportamento

Para Merleau-Ponty, o mundo existe e tem sentido antes de qualquer esforço de tematização. O que sabemos e aprendemos, fazemo-lo através de experiências num mundo vivido e percebido que nos vincula às coisas mesmas, ou, por outras palavras, um mundo anterior ao conhecimento. O nosso corpo é, assim, um acesso pré-teórico ao mundo, uma primeira ferramenta de significação motora, prática – e não teórica.

¹¹⁰ Merleau-Ponty, *Phénoménologie de la Perception*, 152.

O Comportamento Perceptivo

Porque somos corpo, somos do mundo. A *mundanidade* da condição corporal define-nos e constitui-nos. Estamos no mundo e é no mundo que conhecemos e nos conhecemos, enquanto *seres do e no mundo*. Em termos fenomenológicos, devemos assim considerar a experiência contida na percepção do mundo vivido como ilustrativa do próprio fundo ou da própria textura essencial do comportamento.

Como o corpo nos faz ser do mundo, comunicamos através dele numa relação corpo-mundo que decorre muito antes de se começar a pensar e é esse saber desconhecido do corpo que nos permite chegar ao fundo do fenómeno do comportamento. Trata-se do plano pré-reflexivo do conhecimento prático, que depende do simples modo pelo qual o dinamismo do corpo se completa no dinamismo do mundo. Mundo que incorporamos através do nosso comportamento perceptivo e quando olhamos e vemos, fazemo-lo como se o nosso corpo fosse totalmente olhos, totalmente mãos, totalmente mundo. Um corpo vivido, fenoménico, que não é um invólucro dentro do qual os sentidos estão colocados.

Coexistimos corpo e mundo, somos *seres-no-mundo* que interagimos com a realidade que nos rodeia de modo continuado por via da nossa motricidade/intencionalidade. E as nossas relações com o mundo decorrem do nosso envolvimento corporal nas experiências em que vamos participando. Tudo isto através de uma determinada maneira de ser corpo e de estar no mundo, em que o corpo e o espaço que o rodeia estão interligados.

No momento preciso em que experienciamos algo (ver, ouvir, sentir o gosto, tocar, cheirar), ou nos relacionamos, trabalhamos ou falamos, fazemo-lo numa interação constante entre o nosso corpo vivido, as coisas e os outros com quem nos relacionamos. Inseridos no meio ambiente respetivo, convivemos na circularidade que é a própria vida, tendo como eixo fundamental a corporização das nossas experiências.

Diz-nos Merleau-Ponty que «o mundo não é o que eu penso, mas o que eu vivo, estou aberto ao mundo, comunico indubitavelmente com ele, mas não o possuo»¹¹¹. Exerço-o com o meu corpo. E isso, justamente, é o comportamento. Importa, então, ao tentarmos aprofundar o conceito de comportamento, esclarecer até ao fim o que, neste contexto específico, significa exatamente

¹¹¹ Merleau-Ponty, *Phénoménologie de la Perception*, 17.

pertencer ao mundo como corpo e, ao mesmo tempo, clarificar até ao fim o que se entende aqui por *corpo ou corporeidade vivida*.

Percebemos o mundo com o nosso corpo enquanto verdadeiro sujeito da percepção. O que implica que qualquer experiência de mundo tem implicação na nossa consciência do corpo próprio. «Toda a percepção exterior é imediatamente sinónima de uma certa percepção do meu corpo, tal como toda a percepção do meu corpo se explicita na linguagem da percepção exterior.»¹¹² O nosso corpo está no mundo e a nossa percepção apresenta-se com uma determinada dimensão corporal que surge através de uma relação com esse mundo. Segundo Alain Berthoz, «Merleau-Ponty teve a intuição do carácter fundamentalmente multimodal da percepção»¹¹³. Não podemos compreender a percepção por estudos separados dos nossos diferentes sentidos. A nossa percepção deve assim ser entendida como o que se percebe em mim de um modo intersensorial e não, propriamente, o que eu percebo. Perceber não é receber passivamente representações ou criar o mundo através de ideias, mas sim perceber estando no mundo, sendo no mundo, agindo sobre o mundo e recebendo, em simultâneo, a sua influência.

Ao percecionarmos, não só percecionamos algo, como estamos perante o paradoxo da imanência e da transcendência, do interior e do exterior. «O sentir é essa comunicação vital com o mundo que o apresenta como um lugar familiar da nossa vida.»¹¹⁴ Em determinados momentos, e em simultâneo, temos por vezes consciência de alguma coisa e não-consciência de alguns outros aspetos desse algo observado. O que significa que toda a consciência é sempre consciência de algo, tal como as nossas experiências se complementam com as experiências dos outros. «Pensamos saber o que é sentir, ver, ouvir e estas palavras são, no entanto, um problema. Por isso somos convidados a regressar às próprias experiências vividas por elas designadas, como forma de as definir de novo.»¹¹⁵

Em *La Conscience du Corps*, Berthoz lembra o momento em que Merleau-Ponty escreveu, referindo-se à experiência de Cézanne, que nos sentimos por

¹¹² Merleau-Ponty, *Phénoménologie de la Perception*, 248 e 249.

¹¹³ Berthoz, «La conscience du corps», 10.

¹¹⁴ Merleau-Ponty, *Phénoménologie de la Perception*, 79. «La vision est déjà habitée par un sens qui lui donne une fonction dans le spectacle du monde comme dans notre existence.»

¹¹⁵ Merleau-Ponty, *Phénoménologie de la Perception*, 34.

O Comportamento Perceptivo

vezes olhados pelas coisas que nos rodeiam, acrescentando que «[a] visão dos objetos pode perfeitamente por vezes provocar-nos uma percepção de estarmos a ser olhados. Mas isso diz respeito acima de tudo a mim, a ideia que nos podemos colocar no lugar das coisas para olhar»¹¹⁶.

Vivemos afinal o mundo como um todo, somos constituídos como seres conscientes pela relação corpo-mundo. E para termos consciência de algo, esse algo tem de existir. «Quando o aparente tamanho de um objeto varia conforme a distância a que o vemos, ou quando uma determinada cor varia conforme as memórias que temos dela [...] o sensível não pode mais ser definido como o efeito imediato do estímulo externo.»¹¹⁷

É o corpo a minha experiência do mundo. O que significa que a ciência jamais poderá ter o mesmo sentido ontológico que o mundo vivido. Limita-se, afinal, a apresentar explicações posteriores às nossas experiências vividas, percutuais e corporificadas consoante os diferentes fenómenos vividos. «Longe de introduzirmos na percepção um coeficiente de subjetividade, devemos atribuir-lhe pelo contrário a segurança de que estamos a comunicar com um mundo mais rico do que o que sabemos sobre ele, que comunicamos com um mundo real.»¹¹⁸

O nosso corpo não é, pois, uma massa inerte, mas uma força de comportamento, sendo o comportamento do corpo um dinamismo de habituação ou sincronização familiar que desvenda o sentido originário do mundo como interpelação da convivência do corpo. Dito de outro modo, «Porque o corpo próprio não é apreendido como uma massa material e inerte, ou como um instrumento externo, mas como o envelope vivo das nossas ações [...] onde as nossas intenções encontram nos movimentos [...] a sua incorporação e se expressam neles como a coisa se exprime nos seus aspetos perspetivos.»¹¹⁹

O ser humano só entra em contacto com o mundo exterior através de estados de consciência ou de representações mentais da realidade exterior porque, primeiro, «vive um universo de experiências»¹²⁰. O corpo funciona como o

¹¹⁶ Berthoz, «La conscience du corps», 15.

¹¹⁷ Merleau-Ponty, *Phénoménologie de la Perception*, 30.

¹¹⁸ Merleau-Ponty, *La Structure du Comportement*, 283.

¹¹⁹ Merleau-Ponty, *La Structure du Comportement*, 286.

¹²⁰ Merleau-Ponty, *La Structure du Comportement*, 287. «Les choses sont des choses, c'est-à-dire transcendantes à l'égard de tout ce que je sais d'elles, accessibles à d'autres sujets perce-

intermediário dessa experiência. Ao mover-se (ao comportar-se), percebe a realidade de modo vivencial (corpo vivido), o que significa que «temos o mundo como é [para mim]»¹²¹.

Percepção e ação são assim uma e a mesma coisa e, ao significarmos algo, fazemo-lo sempre mediante a nossa motricidade/intencionalidade e afetividade. Em contacto com os diferentes fenómenos com que deparamos na inter-relação constante verificável na nossa experiência de existir, não sentimos sensações puras. Construimos sim a percepção simultaneamente através da ação e com o percebido. Ao percebermos o que nos rodeia, não formatamos o que vemos como poderia ou deveria ser, experimentamos sim essa realidade tal como se apresenta, vivenciando o mundo através da nossa percepção enquanto verdadeira relação significativa.

A percepção é, neste sentido preciso, um emblema do comportamento: ela resume a dimensão de coexistência e comunhão que «faz» o modo corporal de estar-no-mundo.

A percepção coloca-nos diretamente no meio do mundo, enquanto possibilidade corporal, pois é o corpo o nosso único veículo do estar no mundo. Pelo corpo «sinto» o mundo, na medida em que «sentir é esta comunicação com o mundo que o torna presente para nós como um lugar familiar onde se situa a nossa vida»¹²². «O sentido e a estrutura do percebido não é mais para nós resultado de eventos psicofisiológicos.»¹²³

Impõe-se por isso colocar a questão relativa ao que, verdadeiramente, influencia a presença ou a ausência de uma percepção. «A presença ou a ausência de uma percepção não são efeito de uma situação factual exterior ao organismo, representam sim o modo como o organismo antecipa tais estímulos e se relaciona com eles.»¹²⁴

Para Merleau-Ponty, o comportamento humano tem origem numa interação corpo/mundo (uma maneira de lidar com o mundo) em que o corpo completa o aparecer do mundo e o mundo completa o aparecer do corpo.

vants, mais justement visées comme telles, et comme telles moment indispensable de la dialectique vécue qui les embrasse.»

¹²¹ Merleau-Ponty, *La Structure du Comportement*, 288.

¹²² Merleau-Ponty, *Phénoménologie de la Perception*, 79.

¹²³ Merleau-Ponty, *Phénoménologie de la Perception*, 88.

¹²⁴ Merleau-Ponty, *Phénoménologie de la Perception*, 103.

O Comportamento Perceptivo

E tal acontece através de um comportamento dirigido a determinado objeto ou pessoa e motivado por um significado interior. Acedemos à realidade que nos rodeia através da percepção/consciência e, no decurso dessa experiência fenomenal, reconhecemos o espaço em que nos inserimos através do nosso corpo expressivo e simbólico. E os nossos órgãos dos sentidos não produzem um mero decalque da realidade, pois estão em permanente conexão e complementaridade entre si (reversibilidade dos sentidos) e com as solicitações do mundo.

Merleau-Ponty resume o conceito de *corpo vivido* como dimensão implícita da respetiva experiência perceptiva e social. Em termos gerais, existimos e comportamo-nos através de um corpo sempre a comunicar com os que o rodeiam, influenciando-os e influenciando-nos.

Não estamos passivos e não só confrontamos a realidade como ela nos estimula, valorizando a nossa experiência vivida. Para Merleau-Ponty, o corpo não pode propriamente ser comparado a um teclado de um piano no qual *tocam* os estímulos externos. As propriedades do objeto e as intenções do sujeito não só se entrelaçam entre si, como constituem uma nova totalidade.

Vivemos num universo de experiências, num intercâmbio com outros seres, coisas e com o nosso próprio corpo, necessitando assumir que existem duas realidades para cada um de nós, o mundo real fora do nosso corpo e o mundo como o interpretamos. Percecionamos a realidade em que nos inserimos, incorporando-a numa perspetiva espacial, temporal e dinâmica, através da motricidade e espacialidade do nosso esquema corporal (corpo fenomenal), expressando através dos nossos atos determinados propósitos e desejos.

Em simultâneo, não só o nosso comportamento é a primeira causa de todos os estímulos do meio ambiente que nos rodeia, como também os nossos comportamentos são resultado da realidade em que nos inserimos. O que nos leva a entender a corporeidade do ser humano como a necessidade de um corpo vivido e fenomenal através do qual nos abrimos ao mundo. Percebendo e interpretando tudo aquilo que nos rodeia e, inclusive, avaliando e compreendendo aqueles com quem nos relacionamos. É, portanto, o corpo que nos torna sensíveis aos outros e às coisas, algo vivo onde as nossas ações, intenções e movimentos encontram a sua incorporação e se expressam conforme as suas expectativas.

O *corpo vivido* ajuda-nos a compreender e a envolvermo-nos com o meio ambiente como um espaço de ação, evidenciando uma sabedoria

comportamental pré-reflexiva que muitas vezes nos faz sentir bem, ou mal, sem qualquer tipo de razões objetivas.

Embora já o referíssemos, importa reforçar que, no comportamento humano, os *conteúdos visuais* e os *conteúdos tácteis*, tal como a sensibilidade e a motricidade, constituem momentos inseparáveis que funcionam como uma consciência indecomponível presente em cada uma das suas manifestações. Atribuindo ao ser humano um sentido, animando-o interiormente, ordenando-o num sistema e centrando uma pluralidade de experiências num mesmo núcleo inteligível ou, como diz Merleau-Ponty, «a motricidade como a intencionalidade original»¹²⁵.

No que respeita à visão, Merleau-Ponty aponta também, em simultâneo, para a subjetividade contida na experiência de ver e o poder ontológico que nos permite aceder ao mundo visível que nos envolve. Ao interrogarmos com o olhar tudo o que é visível, *escapa-nos* naturalmente o que é invisível (que Merleau-Ponty designa num determinado momento como *a cegueira da visão*). Considera que, no fundo, tudo o que é visível comporta em simultâneo algo de invisibilidade e que, como *seres do mundo*, quando vemos não estamos estáticos, pois movemo-nos na procura dos diferentes lados e a que distância está aquilo que é visível.

Os gestos, assim como os movimentos que, entretanto, fazemos, pressupõem saber em cada momento onde está o nosso corpo, sem necessidade de o procurar. Ao movermo-nos, não é o corpo objetivo que se move mas o corpo fenomenal. É justamente esta circunstância que resume o enigma da percepção, tal como é entendida por Merleau-Ponty: a percepção representa a nossa abertura, inserção ou pertença ao *interior do mundo* como corpo. O corpo é um *corpo percetivo* neste sentido forte: é mediador das relações com o mundo, enquanto condição de possibilidade primitiva do nosso modo próprio de *pertencer ao mundo*. Dito de outro modo: a percepção, tal como Merleau-Ponty a entende, resume o fundo do *comportamento humano*, enquanto este se define, nas suas estruturas mais fundamentais, como *forma de ser-no-mundo*: uma forma vivida, exercida corporalmente e que corresponde a uma certa forma de pertença – uma pertença que não exaure, mas acompanha o dinamismo de envolvimento do próprio mundo. Sobre o qual posteriormente se organiza a linguagem, a cultura, a política, etc. O comportamento é assim o

¹²⁵ Merleau-Ponty, *Phénoménologie de la Perception*, 171.

O Comportamento Perceptivo

nome de uma realidade feita de corpo e mundo. Mas deve acrescentar-se algo de decisivo: que o *corpo seja perceptivo*, equivale a afirmar, desde logo, que não estamos, como corpo, no mundo à maneira dos objetos; o corpo coloca-nos no mundo como *mediadores do mundo*, ou seja, promovendo sempre um determinado tipo de organização significativa do que nos envolve. *Percecionar é ser corpo de alguma coisa* e lugar onde algum aspeto do aparecer do mundo pode ter lugar. Tal modo de *ser e estar no mundo* resume a base do *nosso modo de ser comportamental* – base sobre a qual se erigem todos os demais comportamentos complexos do modo humano de existir. Esse corpo é o *corpo próprio* ou *corpo vivido* que, na tradição da fenomenologia de Merleau-Ponty, se distingue, no seu modo de aparecer, do corpo estritamente concebido como um objeto físico. É de um modo vivido – e apenas deste modo – que o corpo é, como Merleau-Ponty afirma, o nosso único veículo de *ser-no-mundo*.

Em contacto com os diferentes fenómenos com que nos deparamos na inter-relação constante, verificável na nossa experiência de existir, não formatamos o que vemos como poderia ou deveria ser, experimentamos sim essa realidade tal como se apresenta, vivenciando o mundo através da nossa percepção enquanto verdadeira relação significativa.

Aqui chegados, há ainda que esclarecer o que significa afirmar que o corpo vivido do comportamento é este corpo do *fenómeno do comportamento*.

Capítulo VI

O Comportamento, o Hábito e o Esquema Corporal

*Experimento as coisas à minha volta não como objetos distanciados, mas como tendo significado prático, emocional, sensual e imaginativo.*¹²⁶

1. Um envolvimento ativo que *percebe*

Renaud Barbaras afirma que o *sentido de filosofar*, «mais do que saber ou conhecimento, é vigilância»¹²⁷. De algum modo, resume assim uma circunstância precisa do pensamento de Merleau-Ponty: a afirmação de que a filosofia «não é uma conversão ao inteligível, mas uma reconquista do sensível. Se entendemos por percepção o que nos relaciona com qualquer coisa, o que nos entrega uma realidade transcendente, a filosofia de Merleau-Ponty é seguramente uma filosofia da percepção»¹²⁸. Para Barbaras, portanto, através da *Filosofia da Percepção* de Merleau-Ponty, deu-se uma rutura com o modo como até um determinado momento nos relacionámos com tudo o que nos rodeia. «A filosofia de Merleau-Ponty levou até às consequências mais radicais, até um refundar da ontologia, a definição grega da filosofia como *assombro*.»¹²⁹

Através da sua obra filosófica, Merleau-Ponty diz-nos efetivamente que percecionamos o mundo em que vivemos através de um contacto constante, direto e vivencial, *num envolvimento ativo que percebe*¹³⁰. «Toda a percepção

¹²⁶ Eric Matthews, *Compreender Merleau-Ponty* (Petrópolis, RJ: Vozes, 2010), 117.

¹²⁷ Renaud Barbaras, *Merleau-Ponty*, coleção Philo-philosophes (Paris: Ellipses, 1997), 11.

¹²⁸ Barbaras, *Merleau-Ponty*, 5.

¹²⁹ Barbaras, *Merleau-Ponty*, 5.

¹³⁰ Barbaras, *Merleau-Ponty*. Para Merleau-Ponty, a percepção significa uma experiência humana em que o corpo fenomenal convive e experimenta tudo o que o rodeia. Para este filósofo, a percepção é assim como que um certo modo de entrecruzamento com o mundo em que nos

O Comportamento, o Hábito e o Esquema Corporal

exterior é imediatamente sinónimo da percepção do meu corpo, assim como toda a percepção do meu corpo se explicita na linguagem da percepção exterior.»¹³¹

O que Mathews reforça afirmando que «a percepção é fundamentalmente um envolvimento *prático* com as coisas»¹³². Somos seres corpóreos que *abrimos* para tudo o que está à nossa volta, num constante *reaprender a olhar o mundo*. Percebemos o mundo como um todo e o modo como compreendemos uma parte desse todo é sempre afetado pela respetiva relação dessa parte com as restantes¹³³. Estamos *conscientes de algo* através de uma consciência perceptiva que nos permite *redescobrir o mundo* no lugar onde estamos. Lidamos e coexistimos com as coisas e com aqueles com quem nos relacionamos através de uma forma de convivência pré-reflexiva e prática. Também Mathews acrescenta que «a percepção não é o conhecimento, mas sim o modo de acesso ao mundo em que o conhecimento tem que se basear»¹³⁴. O que significa por sua vez que estamos no mundo agindo de modo continuado sobre ele e, em simultâneo, sendo também influenciados: lidamos de um modo prático com coisas, pessoas, situações, etc., o que nos permite adquirir conhecimentos e hábitos diversos (voltaremos a este assunto mais à frente)¹³⁵.

inserimos, que começa no próprio modo do nosso corpo estar no mundo. Abrimo-nos, afinal, para o mundo através da nossa experiência perceptiva e somos um corpo vivido, próprio, que através da percepção estabelece relações e vive experiências diversas. Pelo facto de sermos um corpo fenomenal que percebe, há mundo para nós, somos do mundo e completamo-nos nas coisas e naqueles com quem nos relacionamos. O que constitui a base e o lado invisível do comportamento. Lado invisível do comportamento que é uma relação corpo-mundo que começa antes de mim, à qual eu chego sempre tarde, e que já me determina desde sempre sem eu saber (basta pensar nisto: eu sou corpo, muito antes de começar a pensar). É esse saber desconhecido do corpo que nos permite chegar ao fundo do fenómeno do comportamento. Esse fundo é um plano pré-reflexivo de conhecimento prático (intencional e motor), que depende do simples modo pelo qual o dinamismo do corpo se completa no dinamismo do mundo. E enquanto corpo próprio e vivido acontecem-nos todas as experiências da vida, através das quais significamos o que fazemos indo ao encontro do mundo.

¹³¹ Merleau-Ponty, *Phénoménologie de la Perception*, 248 e 249.

¹³² Mathews, *Compreender Merleau-Ponty*, 33.

¹³³ Barbaras, *Merleau-Ponty*, 5. «A filosofia de Merleau-Ponty não é uma conversão ao inteligível mas uma reconquista do sensível. Se entendemos por percepção o que nos relaciona com alguma coisa, o que nos entrega uma realidade transcendente, a filosofia de Merleau-Ponty é seguramente uma filosofia da percepção.»

¹³⁴ Mathews, *Compreender Merleau-Ponty*, 38.

¹³⁵ Barbaras, *Merleau-Ponty*, 10 e 11. «A filosofia de Merleau-Ponty não é somente uma filosofia da percepção, é também uma filosofia da racionalidade e é porque é uma filosofia da percepção

Somos assim sujeitos sensíveis e de percepção, envolvidos, ativos, abertos aos outros e ao mundo exterior, estabelecendo com aqueles que nos rodeiam uma relação continuada. Segundo Merleau-Ponty, *instalamos-nos no mundo que nos rodeia*, «através do meu corpo como potência de um certo número de ações familiares»¹³⁶.

2. Corpo vivido

No fundo o comportamento aparece à motricidade como vocação de pertença ao *mundo*. Conforme já verificámos, a motricidade é para Merleau-Ponty, o plano mais arqueológico da consciência, pois representa a primeira possibilidade de significação do mundo: uma significação prática. O movimento de pertença do corpo ao mundo *devolve sentido*.

O que significa que o *comportamento* resume o fundo da relação *corpo-mundo*. Se a noção de *hábito* mereceu a nossa atenção foi, então, constituir uma característica essencial de tal relação: «Habituo-me, habitando e deixando-me habitar»¹³⁷. O comportamento será, então, enquanto tal relação corpo-mundo, uma forma de familiarização do espaço e dos objetos, dos trajetos e lugares.

Talvez seja numa reinterpretação do conceito de esquema corporal que o essencial do que fica dito se pode compreender melhor. Como nota Merleau-Ponty, se for bem interpretado, «o esquema corporal demonstra também a capacidade de se generalizar, pela sua tendência para se prolongar no mundo, de anexar coisas que deixam de ser objetos para se transformarem em quase

que ela é uma filosofia da racionalidade: com efeito, tomar consciência do mundo, percebido na sua irreducibilidade em si, é descobrir a fonte do sentido e, saindo, o solo originário de toda a racionalidade. A reflexão não consiste em juntar-se a um universo positivo de significações, mas mais compreender a racionalidade da sua fonte [...]. A filosofia deve situar-se na charneira do sensível e do sentido, nesse ponto não atribuível onde o sensível vai além do sentido sem que essa ultrapassagem implique a mínima negação.»

¹³⁶ Merleau-Ponty, *Phénoménologie de la Perception*, 135.

¹³⁷ Emmanuel de Saint-Aubert, «Espace et schéma corporel dans la philosophie de la chair de Merleau-Ponty», in *Le corps en acte : Centenaire Maurice Merleau Ponty* (Nancy: Presses Universitaires de Nancy, 2010), 133.

O Comportamento, o Hábito e o Esquema Corporal

órgãos que amplificam a nossa abertura ao mundo e participam numa verdadeira “extensão da existência”»¹³⁸.

Na opinião de Merleau-Ponty, através da noção de esquema corporal, que aprofundaremos a seguir, clarifica-se o conceito de unidade corporal. «A coisa percebida demonstra uma maneira de ser a que o meu corpo adere configurando-se com ela, casando com o seu estilo e a sua própria maneira de ser.»¹³⁹ Na opinião de Saint Aubert, tal acontece igualmente por via da unidade do nosso corpo com as coisas e os outros. «A imagem do corpo está sempre em transformação, engrandecendo-se ou reduzindo-se e tais mudanças constituem um meio para ultrapassar as nossas limitações corporais [...]. A corporeidade sensível está perpetuamente submetida a essa instabilidade de dentro-fora e essa problemática não é acidental mas sim essencial. O corpo vive em permanência nessa confrontação e vivendo: é o motor da sua construção como da sua destruição, não terminando a não ser com a morte.»¹⁴⁰

Guiar um automóvel, andar de bicicleta, etc., significa *instalar-mo-nos nesses objetos, incorporá-los*, transformá-los em verdadeiras extensões do nosso próprio corpo. Quando utilizamos chapéus, bengalas, pianos, máquinas de escrever, automóveis, bicicletas, etc., habituamo-nos a esses objetos, tornamo-los familiares. Essa é uma possibilidade corporal. E se a percebemos é porque, por exemplo quando nos «arrancam» um chapéu da cabeça ou os óculos da cara, subitamente damos conta de que também esses objetos eram «vividos» sem serem expressamente pensados – como se tivessem passado a fazer parte do nosso corpo (como extensões dos nossos braços, mãos, pernas, pés, etc.).

Tomando como base a tese merleau-pontyana, Saint Aubert defendeu que «a generalidade do corpo designa, portanto e por fim, a capacidade do esquema corporal pelo mesmo processo de projeção, ao emprestar a sua própria estrutura ao mundo e aos outros, ao aceder à sua generalidade, expondo-lhes e propondo-lhes a sua»¹⁴¹.

Quando realizamos um determinado gesto ou movimento, não partimos de representações ou imagens, utilizamos sim o corpo todo que se disponibiliza

¹³⁸ Saint-Aubert, «Espace et schéma corporel», 135.

¹³⁹ Saint-Aubert, «Espace et schéma corporel», 135.

¹⁴⁰ Saint-Aubert, «Espace et schéma corporel», 140.

¹⁴¹ Saint-Aubert, «Espace et schéma corporel», 135.

para o fazermos e, ao realizarmos esses gestos ou movimentos, não olhamos para os nossos membros como se eles fossem objetos a serem encontrados no espaço ao nosso redor (voltaremos a este assunto). Pelo contrário, mobilizamos-os globalmente através do que nos exige a nossa percepção naquele momento, desencadeando uma determinada resposta motora. Neste sentido, uma condição primordial para qualquer percepção e respetiva reação motora é a existência de experiências anteriores não propriamente registadas como se fossem representações mentais, mas sim como experiências corporais que guiam cada nova resposta às interpelações do mundo (memória corporal)¹⁴². Como um todo, os sentidos e o nosso corpo apresentam-se como um *mistério* relativo a um conjunto que, sem deixar para trás as suas particularidades, emite significados capazes de oferecerem um sistema para uma série de experiências futuras.

Quando nos movemos, cada gesto é imediatamente situado em relação a diversas coordenadas virtuais. Quando falo com um amigo, por exemplo, ambos temos uma situação adquirida que não é definitiva em absoluto, pois alimenta-se de um presente relacional e oferece significado ao que pretendemos dizer. Mas o saber adquirido de tal situação está sempre a ser influenciado e alterado pelas novas experiências vividas no presente. Seja como for, é sobre o modo corporal de pertença ao mundo que, forçosamente, regulamos diretamente os nossos movimentos necessários. Essa «regulação», no entanto, não sou «eu» que expressamente a estabeleço: no seu fundo corporal é do lado dos objetos e do mundo que se deve encontrar o essencial. Corpo no mundo, sou de algum modo também corpo do mundo – corpo que pertence ao dinamismo do mundo, corpo que se completa no dinamismo interpelante do mundo.

O comportamento resume esta circunstância fundamental. Por isso se pode afirmar que no comportamento os conteúdos visuais e os conteúdos tácteis, a sensibilidade e a motricidade figuram como momentos inseparáveis. A motricidade deve assim ser entendida, não como o que nos permite realizar determinados movimentos objetivos, mas sim como aquilo que regula e motiva todo o dinamismo expressivo do corpo. «A motricidade não é a simples

¹⁴² Barbaras, *Merleau-Ponty*, 13. «A percepção é definida por Merleau-Ponty como um modo de interrogação [...] ela testemunha um sentido de *ser no mundo* absolutamente original em que os seus estados são simplesmente a consequência ou o reflexo. Toda a obra de Merleau-Ponty consiste, à vez, dar corpo a essa relação interrogativa ao Ser visado nessa relação.»

O Comportamento, o Hábito e o Esquema Corporal

consciência das minhas trocas de lugar presentes ou próximas para se tornar a função corporal que, em cada momento, estabelece determinados padrões de grandeza para amplitude variável do meu *ser no mundo*.»¹⁴³

Quer de um ponto de vista motriz, como vital, evidenciamos uma maneira de estar e *ser-no-mundo* com um determinado ritmo de existência através do que vemos, ouvimos, tocamos, cheiramos ou sentimos. «Quando digo que possuímos sentidos e que estes me permitem ter acesso ao mundo, não sou vítima de uma confusão, não misturo o pensamento causal e a reflexão, expresso somente esta verdade que se impõe a uma reflexão integral, a de ser capaz por conaturalidade de encontrar um sentido para certos aspetos do ser sem tê-los dado a mim próprio através de uma operação constituída.»¹⁴⁴

Alain Berthoz reforça este aspeto quando afirma que Merleau-Ponty «propõe uma ideia muito moderna e ainda pouco documentada nas neurociências: que a ação e o movimento são essenciais para perceber»¹⁴⁵. O mesmo seria dizer que relativamente a este corpo próprio e vivido – cujas partes não estão ao lado umas das outras, mas sim envolvidas em total unidade, que, tal como já ficou dito atrás, não está no espaço nem no tempo, mas *habita o espaço e o tempo* e é «do mundo» – se apresenta como decisivo o seu dinamismo como meio ao serviço de um melhor perceber.

Há aqui, certamente, um alcance existencial que não pode ser ignorado. A nossa existência, enquanto marcada pela corporeidade constitutiva do nosso modo de ser no mundo e ter um mundo funda-se no dinamismo motor – intencional – do corpo; e sobre ele se alicerçará, então, todos os restantes aspetos e construções da nossa vida pessoal.

Mais especificamente, perante uma determinada tarefa, o corpo polariza-se no movimento a efetuar. É por esta razão que, ao nível da nossa experiência originária, de cada vez que a minha mão «executa no ar um movimento complicado, não necessito para conhecer a sua posição final, de adicionar-lhe o conjunto dos movimentos no mesmo sentido e subtrair os movimentos de sentido contrário»¹⁴⁶. Podemos afirmar assim «a motricidade como a

¹⁴³ Merleau-Ponty, *Phénoménologie de la Perception*, 254 e 255.

¹⁴⁴ Merleau-Ponty, *Phénoménologie de la Perception*, 262.

¹⁴⁵ Berthoz, «La conscience du corps», 11.

¹⁴⁶ Merleau-Ponty, *Phénoménologie de la Perception*, 174.

intencionalidade originária»¹⁴⁷: o corpo faz parte do aparecer interpelante das coisas e do mundo e «o movimento não é o pensamento de um movimento e o espaço corporal não é o espaço pensado ou representado»¹⁴⁸. Enquanto corpo, agimos sobre tudo o que nos rodeia, sempre direcionados para fora de nós, orientando-nos para o que interpela, motiva e reclama correspondências práticas de significação motora. Enquanto sujeitos corpóreos, agimos com base numa espécie de *esquema das coisas* que parece replicar o próprio esquema e o próprio poder esquematizador do corpo. A experiência motora do nosso corpo não é um caso particular de conhecimento, ela fornece-nos uma maneira de termos acesso ao mundo. E aquilo que designámos como esquema corporal é precisamente esse sistema de equivalências, essa invariante imediatamente dada através da qual as diferentes tarefas motoras são instantaneamente transpostas. O que significa que não é só uma experiência do meu corpo, mas ainda uma experiência do meu corpo no mundo e que nos dá um sentido motor às instruções verbais¹⁴⁹.

Em total coexistência e convivência com a nossa sensibilidade e motricidade e com os nossos dados visuais e tácteis, movimentamo-nos com um sentido e significado motores, porque orientados em parte pelo modo de aparecer do mundo no próprio dinamismo corporal. Como nota a este respeito, Merleau-Ponty: «Quando me desloco em casa, sei de antemão, sem necessitar de qualquer pensamento prévio que, ir para a casa de banho me exige passar junto à porta do quarto e que, para olhar para a janela preciso ter a chaminé à minha esquerda. Neste pequeno mundo, cada percepção baseia-se imediatamente em mil coordenadas virtuais. Tal como quando falo com um amigo que conheço bem, tenho como base relacional prévia inúmeras referências comuns que não necessitam ser invocadas»¹⁵⁰.

Consideremos um exemplo retirado da nossa experiência de treinador profissional de basquetebol. Um campo de basquetebol não é uma realidade objetiva em si mesma; se não existem jogadores dentro do campo ou eles por acaso estão imóveis, esse campo de jogo não existe e só ganhará significado

¹⁴⁷ Merleau-Ponty, *Phénoménologie de la Perception*, 170 e 171.

¹⁴⁸ Merleau-Ponty, *Phénoménologie de la Perception*, 172.

¹⁴⁹ Merleau-Ponty, *Phénoménologie de la Perception*, 175. «L'expérience motrice de notre corps n'est pas un cas particulier de connaissance, elle nous fournit une manière d'accéder au monde.»

¹⁵⁰ Merleau-Ponty, *Phénoménologie de la Perception*, 162 e 163.

O Comportamento, o Hábito e o Esquema Corporal

a partir da presença dos jogadores; particularmente, dos seus movimentos e interações que, por sua vez, significarão a evolução do próprio jogo. Um jogador de basquetebol, no contexto e circunstância em que se encontra, faz aquilo que lhe é exigido em cada situação, pois nesse momento está corporalmente consciente das circunstâncias que o envolvem. *Percebe o mundo*, neste caso o campo de jogo e, através do seu *comportamento*, exerce de modo prático o que o jogo lhe exige, *tem um mundo* na motricidade, pois a realidade fenoménica do jogo reflete-se no corpo pré-reflexivo do comportamento, como um conjunto de significações práticas – significações que só são sentido porque se exercem.

O que significa que o mundo se vai revelando na intencionalidade motora, desvendando o jogo no modo como se manifesta no movimento de pertença do corpo à própria realidade do jogo que completa – e determina – dando-lhe nesse dinamismo a forma final.

Analise-se um outro exemplo, agora da modalidade de futebol, através de mais uma opinião de Jorge Valdano (antigo atleta e treinador profissional de futebol e dirigente do clube espanhol Real Madrid, atual consultor de empresas), quando se refere à estrela do futebol mundial, o argentino Messi. «No futebol chamamos génio àquele que não se ajusta a um padrão e transforma em normais coisas que parecem mágicas, até ao ponto de transmitir uma relaxada sensação de naturalidade quando faz o impossível. Ou seja, Messi. De repente, numa jogada desestruturada, difícil e até feia, dá-lhe um toque que coloca harmonia em toda essa desordem. Atalhos tomados pelo instinto com a sua conhecida capacidade de síntese para preencher brilhantemente os espaços que existem entre dois factos.»¹⁵¹

Há algo nestes exemplos que confirma as análises de Merleau-Ponty. Para o filósofo francês, «um movimento é aprendido logo que o corpo o compreende, quer dizer logo que o incorpora e sedimenta. Mover o corpo é visar as coisas através dele, é deixá-lo responder à sua solicitação»¹⁵² – o que significa que cada movimento arrasta consigo todo um modo de pertença ao mundo. Entenda-se assim por *corpo vivido* ou *corpo próprio*, nos seus estratos mais profundos, precisamente isto: o corpo é a realidade vivida de uma correspondência irrefletida à solicitação do mundo. «Um artesão no desempenho das

¹⁵¹ Valdano, coluna de opinião «O Jogo Infinito», jornal *A Bola*, Lisboa, 20 de abril de 2019.

¹⁵² Merleau-Ponty, *Phénoménologie de la Perception*, 173.

suas tarefas familiares, perante as suas tesouras e agulhas, não sente necessidade de ir em busca das suas mãos e dos seus dedos, dos seus ossos, dos seus músculos, dos seus nervos, pois estes não são objetos que tenha de encontrar no espaço objetivo [...]. Sem necessidade de outros cálculos terá automaticamente as reações motoras necessárias que estabelecerão entre si o melhor equilíbrio.»¹⁵³

No decurso de uma continuada *abertura ao mundo* e consoante as necessidades vitais que vamos sentindo, a nossa percepção e os movimentos respetivos formam um sistema que se vai modificando globalmente. A noção de esquema corporal, se bem entendida (ou seja, se entendida em sentido merleau-pontyano), resume bem esta circunstância.

3. O conceito de esquema corporal

O esquema corporal é um conceito originalmente científico, que pretende resumir a ideia de «imagem do corpo» interocetiva e exteroceiva. Definido fisiologicamente, é uma espécie de centro de imagens que se desenvolve desde a infância à idade adulta através das nossas sensações tácteis, cinestésicas e articulares. Merleau-Ponty apropria-se do conceito de esquema corporal, mas transforma-lhe (ou precisa-lhe) o significado¹⁵⁴: o esquema corporal não será tanto uma estrutura neurológica quanto uma estrutura motora vivida, uma espécie de dinamismo do corpo que se reorganiza de forma continuada consoante as tarefas que tem de realizar. O esquema corporal diz respeito, portanto, tanto ao corpo como ao mundo do corpo.

É com base no esquema corporal que tomamos consciência global da nossa posição corporal e da posição de cada uma das *partes* do corpo. O esquema corporal nomeia, neste sentido, a dimensão de totalidade que caracteriza o vivido do corpo, a sua unidade intrassensorial, intersensorial, motora e mundana. Merleau-Ponty ilustra assim esta circunstância: «Se estivermos de pé em frente da secretária e nos apoiarmos no respetivo tampo com ambas

¹⁵³ Merleau-Ponty, *Phénoménologie de la Perception*, 136.

¹⁵⁴ No que respeita a esta questão, Merleau-Ponty viria posteriormente a esclarecer (aliás de forma premonitória no que respeita ao que hoje defendem as neurociências) que esquema corporal e imagem corporal não são duas estruturas isoladas ou justapostas, mas sim cooperativas, quase sempre complementares.

O Comportamento, o Hábito e o Esquema Corporal

as mãos, só as minhas mãos serão acentuadas pois todo o resto do meu corpo ficará por detrás, como a cauda de um cometa. E tal não significa que a colocação dos meus ombros ou da minha zona lombar sejam ignoradas, mas sim que se encontram enquadradas pela posição das minhas mãos e toda a minha postura está, por assim dizer, centrada no apoio sobre a secretária»¹⁵⁵.

Dito de outro modo, o esquema corporal funciona como uma unidade sensorial e motora mediadora da pertença perceptiva ao mundo, mas esta *pertença* deve ser bem entendida: não se trata de uma pertença referida a uma espacialidade posicional, mas sim determinada por uma espacialidade situacional (e essa espacialidade tem de ser compreendida a partir de todo o vivido do corpo para as respetivas partes). O esquema corporal constitui um sistema de equivalências provenientes das diferentes tarefas motoras que vão sendo instantaneamente desenvolvidas ao assumirem o espaço em que se inserem. Em suma, para Merleau-Ponty, o esquema corporal é o que nos dá a certeza vivida – e não a representação neurológica – da posição relativa de cada parte do corpo em cada momento.

Funcionando em cada uma das suas efetuações como vocação de significação prática do mundo, o corpo é, de algum modo, como que uma *consciência* indecomponível que nos dá um sentido de mundo e nos define como seres do mundo. O esquema corporal explica esta vocação de mundo: se for bem entendido, trata-se de um saber vivido da totalidade do corpo (pressupõe saber em cada momento onde está o corpo, sem necessidade de procurá-lo¹⁵⁶) que se completa na lógica vivida do próprio mundo. De algum modo, portanto, será um sinónimo da própria noção de *comportamento*.

Consideremos, para esclarecer melhor o que fica dito, o exemplo de nos movimentarmos em locais que conhecemos bem: nessas circunstâncias tudo se passa como se reconheçêssemos de imediato o espaço como um *domínio* familiar em que as *nossas mãos* e as *nossas pernas* identificam as distâncias e as direções principais sem precisarmos de as *pensar*. Há aqui algo como um verdadeiro *diálogo prático, motor*, como se esse mundo nos *falasse* – mas

¹⁵⁵ Merleau-Ponty, *Phénoménologie de la Perception*, 129.

¹⁵⁶ Barbaras, *Merleau-Ponty*, 17. «Na sua Fenomenologia da Percepção, Merleau-Ponty apoia-se nos resultados recolhidos para tentar uma descrição da nossa experiência de um ponto de vista interno, quer dizer fenomenológico. Do mesmo modo que na sua primeira obra Merleau-Ponty se centrou na investigação do comportamento humano, a saber o *corpo próprio* em primeiro plano.»

não como sujeitos pensantes, antes a *nós* como sujeitos corporais. Este é um elemento fulcral de uma fenomenologia do comportamento. Merleau-Ponty ilustra-o através do seguinte exemplo: «A visão e o movimento são maneiras específicas de nos relacionarmos com os objetos ao nosso redor e se, através de todas as nossas experiências uma função única se exprime, é o movimento da existência, que não suprime a diversidade radical dos conteúdos, porque os relaciona entre si, não os colocando a todos sob o domínio de um “eu penso”, mas orientando-os na direção da unidade intersensorial de um mundo [...]. O movimento não é o pensamento de um movimento e o espaço corporal não é um espaço pensado ou representado»¹⁵⁷.

Na base mais profunda do comportamento encontra-se precisamente este modo de ser corpo que é o da simples projeção para as coisas que nos rodeiam, não como se estas fossem coisas representadas, mas como se fossem interpelações familiares endossadas ao poder de correspondência motora (intencional) do corpo vivido (desde logo na sua face pré-reflexiva ou impessoal). Sendo o nosso corpo uma unidade, um todo, que se identifica como um conjunto vivido, o esquema corporal permite compreender como o nosso corpo está no mundo e de que modo a nossa motricidade é a intencionalidade mais primitiva. O esquema corporal é uma espécie de sistema organizador da totalidade vivida do corpo, ou seja, da própria motricidade¹⁵⁸.

Como unidade vital dinâmica e mediadora da nossa percepção, o esquema corporal constitui uma unidade expressiva que, na sua função precognitiva, nos assegura a compreensão do que vamos fazer e daquilo que fazemos; permitindo-nos igualmente uma total permeabilidade em relação ao mundo e aos outros. Dito de outro modo, «O corpo é eminentemente um espaço expressivo... Mas o nosso corpo não é só um espaço expressivo entre os demais, pois para isso seria meramente um corpo constituído. O nosso corpo é a origem de todos os restantes, o movimento de expressão, o que projeta para

¹⁵⁷ Merleau-Ponty, *Phénoménologie de la Perception*, 171 e 172.

¹⁵⁸ Barbaras, *Merleau-Ponty*, 17 e 18. «Merleau-Ponty centrou a sua investigação na sua primeira obra no conceito do comportamento humano, mas na Fenomenologia da Percepção colocou em primeiro lugar o *corpo próprio*... o corpo que vivo como profundamente meu porque é nele que me experimento, que é o vetor dócil das minhas intenções, corpo que na verdade *eu sou* mais do que o possuo.»

O Comportamento, o Hábito e o Esquema Corporal

fora os significados atribuindo-lhes um lugar, o que faz com que existam como coisas debaixo das nossas mãos, debaixo dos nossos olhos»¹⁵⁹.

Para Luís Umbelino, «entendido a partir da intencionalidade motora, o corpo é um modo de persistência dinâmica que assegura a permanência interpelante do nosso mundo, sendo capaz de o fazer mesmo contra as limitações reconhecidas conscientemente no corpo considerado expressamente»¹⁶⁰. O esquema corporal não nasce, assim, com a experiência, pois já existe como uma unidade espacial e temporal, uma unidade intersensorial e sensoriomotora do corpo que precede o início das nossas experiências motoras.

Mas não basta dizermos que o nosso corpo é um fenómeno no qual o todo antecede as partes. É preciso acrescentar que sabemos onde estão as coisas que nos rodeiam através da espacialidade de cada situação e que sabemos da posição do nosso corpo polarizado em direção às tarefas que tem para desenvolver. Se toco em algo com ambas as mãos, não só estas estão envolvidas naquele contacto, mas sim também todo o corpo. Por esta mesma razão, o esquema corporal é uma forma de exprimir que o meu corpo está no mundo. E o espaço em que nos inserimos é o *espaço inteligível*, espaço orientado que, uma vez desligado da nossa existência nele, deixa de fazer sentido.

Acerca do modo como os seres humanos apreendem o espaço que os envolve, Merleau-Ponty antecipou então aquilo que hoje as neurociências designam como *espaço egocêntrico* e *espaço alocêntrico*. Verdadeiramente revolucionária para a altura, posteriormente os estudos neurocientíficos comprovaram que «consoante a tarefa e durante o mesmo movimento podemos mudar de referencial de uma fase para a outra desse movimento [...] durante um movimento do braço ou uma locomoção, o cérebro pode utilizar várias geometrias [...] e ao mesmo tempo vários “espaços”»¹⁶¹. Está hoje perfeitamente demonstrado que a noção de *nível espacial* defendida por Merleau-Ponty fazia todo o sentido. Berthoz di-lo sem ambiguidades: «A intuição correspondente à intervenção do corpo na percepção da vertical está hoje confirmada.»¹⁶²

Quando realizamos um determinado gesto ou movimento, não partimos de representações ou imagens, antes exercemos a nossa corporeidade vivida

¹⁵⁹ Merleau-Ponty, *Phénoménologie de la Perception*, 181 e 182.

¹⁶⁰ Umbelino, «Filosofia do corpo e inventário da dor: (I)», 152.

¹⁶¹ Berthoz, «La conscience du corps», 15 e 16.

¹⁶² Berthoz, «La conscience du corps», 19.

que se define pela disponibilidade prática de correspondência motora, sem a qual não «teríamos» objetos nem «teríamos» mundo. Para cada um de nós não há, assim, espaço sem haver corpo. E é em ação e através do modo como nos comportamos que a realidade do corpo se realiza, e a análise do movimento próprio deve levar-nos a compreendê-lo melhor.

Ao realizarmos determinados gestos ou movimentos, não olhamos para os nossos membros como se eles fossem objetos a serem encontrados no espaço ao nosso redor. Pelo contrário, mobilizamos-os globalmente e pré-reflexivamente em resposta a uma determinada interpelação prática. Uma vez mais, importa sublinhar que é este, justamente, o fundo do comportamento. Será sobre esta base pré-reflexiva feita de uma negociação anônima entre corpo e mundo que se estabelecerão todos os demais comportamentos identificáveis. Merleau-Ponty acrescenta a este aspeto o seguinte: «Os sentidos e, em geral, o corpo próprio, apresentam o mistério de um conjunto que, sem abandonar a sua ecceidade e a sua particularidade, emitem para além de si mesmos, significações capazes de fornecer a sua armação a toda uma série de pensamentos e experiências»¹⁶³.

A motricidade corporal não se contenta em submeter-se ao espaço e ao tempo, antes os assume ativamente, retoma-os no seu significado original. Uma tarefa motora (seja ela qual for) desdobra, pois, a este nível, um significado do mundo, não, como já vimos, um significado teórico, mas um sim um significado motor. O enigma do comportamento é este: a motricidade do corpo pré-pessoal é uma expressão do mundo. «Quando estou sentado à mesa, posso instantaneamente visualizar as partes do meu corpo que a mesa não me permite ver. Ao mesmo tempo que contraio o pé no meu sapato, eu posso vê-lo. E tenho este poder mesmo para as partes do meu corpo que nunca vi [...]. Reconhecemos imediatamente a representação visual do que no nosso corpo nos é invisível [...]. Vemo-nos como que através de um olho interior que, a alguns metros de distância nos vê da cabeça aos joelhos.»¹⁶⁴

Segundo Merleau-Ponty, não é por aproximação ou acumulação que vemos ou tocamos no que nos rodeia, ou experimentamos os segmentos do nosso corpo. É o meu próprio corpo que, tal como perante um cubo conhece de antemão todas as perspectivas possíveis desse cubo, também assim

¹⁶³ Merleau-Ponty, *Phénoménologie de la Perception*, 159.

¹⁶⁴ Merleau-Ponty, *Phénoménologie de la Perception*, 185, 186.

O Comportamento, o Hábito e o Esquema Corporal

acontece no que respeita ao conhecimento prévio que temos do nosso corpo. «Eu não estou diante do meu corpo, eu estou no meu corpo, ou melhor, eu sou o meu corpo [...]. Nós não contemplamos somente as relações entre os segmentos do nosso corpo e as correlações do corpo visual e do corpo tátil: somos nós próprios também que dominamos o conjunto de braços e pernas e que, à vez, os vemos e tocamos.»¹⁶⁵

Para Merleau-Ponty, o nosso corpo, mais do que um objeto físico é como que uma obra de arte, onde os dados tácteis e visuais se interpenetram, os movimentos locais assentam nos movimentos globais e qualquer acontecimento corporal decorre de uma total equivalência intersensorial. «Num quadro ou numa peça musical, a ideia que pretendem transmitir só se transmite através do desenvolvimento das cores e dos sons [...]. Tal como numa intervenção oral o respetivo significativo não se retira só das palavras proferidas, mas também pelo sotaque, pelo tom, pelos gestos, pela fisionomia, num suplemento de sentido que revela, não só os pensamentos daquele que fala, mas também a fonte dos seus pensamentos e o seu modo fundamental de ser.»¹⁶⁶

No concreto do que pretendemos realizar, todo o corpo colabora para esse significado, por situação. A equivalência entre os órgãos dos sentidos e a sua analogia lê-se nas coisas e pode ser vivida antes de ser concebida. «Cada acontecimento motor ou tátil produz na consciência uma abundância de intenções que vão desde o corpo como centro de ação virtual até ao corpo próprio ou ao objeto.»¹⁶⁷

Primeiro, precisamos de *ter um mundo* ou *ser no mundo*, mantendo em torno de nós um sistema de significações cujas correspondências, relações e participações não precisem ser explicitadas para serem utilizadas. É neste sentido que se deve compreender que, quando nos movemos, não o fazemos através de um corpo objeto, mas sim de um corpo fenomenal que identifica o que fazer e decide qual a resposta a dar. O corpo forma um sistema que se completa no modo de aparecer do mundo no próprio dinamismo do corpo; o aparecer do mundo completa o sistema do corpo vivido ou motor. O *comportamento* é isto, o enigma de uma motricidade expressiva sobre a qual se constroem todos os demais comportamentos, até ao mais elevado.

¹⁶⁵ Merleau-Ponty, *Phénoménologie de la Perception*, 186.

¹⁶⁶ Merleau-Ponty, *Phénoménologie de la Perception*, 187.

¹⁶⁷ Merleau-Ponty, *Phénoménologie de la Perception*, 139.

Instalamo-nos como um todo no meio ambiente em que nos encontramos e estabelecemos com esse meio uma relação vivida no sistema natural do nosso corpo próprio. «O homem normal e o ator não tomam por reais as situações imaginárias, pelo contrário, separam o corpo real da situação vital, para o fazerem respirar, falar, chorar de forma imaginária.»¹⁶⁸

4. O hábito do comportamento

Qualquer comportamento começa com o dinamismo de habitação – que é uma forma de habitação – pré-reflexiva assente na motricidade corporal e resumida no esquema corporal. Recordemos assim este aspeto decisivo do hábito: para Merleau-Ponty o hábito não reside «nem no pensamento, nem no corpo objetivo, mas no corpo como mediador do mundo»¹⁶⁹. Essa correspondência mediadora é entendida por Merleau-Ponty como o aspeto mais interessante do hábito e a nós interessa-nos particularmente.

Quando olhamos ou tocamos, parece que *interrogamos as coisas* que nos rodeiam e estas parecem *responder*. «Sem cálculos prévios, uma senhora mantém um intervalo de segurança entre a pena do seu chapéu e eventuais objetos ao seu redor que a possam partir, sentindo a cada momento onde está a pena, como sente onde está uma das suas mãos. Também quando conduzimos um automóvel num caminho estreito, sentimos que podemos passar sem comparar previamente a largura do caminho com a largura do automóvel.»¹⁷⁰

Trata-se de considerar «um plano pré-pessoal da corporeidade na qual se abriga um “saber” do corpo que nem sempre coincide com o que “eu” sei de “mim”»¹⁷¹. Tal desacerto anuncia, de acordo com Merleau-Ponty, o modo essencialmente mundano do *ser habitual* do corpo, que devemos entender como a nossa primitiva possibilidade de, justamente no silêncio do corpo, ser imediatamente e significativamente mundo.

Será também a este nível que os outros me aparecerão como outros. Como mostra Luís Umbelino, comentando uma passagem decisiva de Merleau-Ponty,

¹⁶⁸ Merleau-Ponty, *Phénoménologie de la Perception*, 134.

¹⁶⁹ Merleau-Ponty, *Phénoménologie de la Perception*, 180.

¹⁷⁰ Merleau-Ponty, *Phénoménologie de la Perception*, 178.

¹⁷¹ Umbelino, «Filosofia do corpo e inventário da dor: (II)», 296.

O Comportamento, o Hábito e o Esquema Corporal

«O modo essencialmente mundano do ser habitual do corpo, que devemos entender como a nossa primitiva possibilidade de, justamente no silêncio do corpo, ser imediata e significativamente mundo. [...] Uma familiaridade tácita que, em relação às coisas, lugares e corpos do mundo, parece ser desde sempre desenrolada pela motricidade corporal. [...] A dimensão habitual do corpo, o seu lado anónimo ou pré-pessoal desenrola um modo de pertença ao mundo que é o da habituação (da familiarização) que devemos reconhecer idêntico a uma forma de habitação»¹⁷².

Tudo o que diz respeito aos nossos hábitos assenta assim na síntese realizada pelo nosso corpo próprio (vivido) face às situações com que se confronta, incorporando gradual e perceptivamente um mundo dotado de sentido e significado. O hábito tem como base a experiência passada, mas tornam o presente possível através de decisões ao nível perceptivo mais básico. E aprendemos novos hábitos experimentando através do nosso corpo e incorporando nele tudo aquilo que nos permita realizar o que pretendemos de um ponto de vista motriz. «A experiência do corpo faz-nos reconhecer uma imposição do sentido que não é a de uma consciência constituinte universal, um sentido que é aderente a certos conteúdos. O meu corpo é esse nó significativo que se comporta como uma função geral. Nele aprendemos a conhecer esse nó da essência e da existência que encontraremos em geral na percepção.»¹⁷³

Na aquisição de hábitos, é o corpo que compreende e é o esquema corporal que nos fornece, em cada momento, a posição relativa do nosso corpo, sempre aberto ao mundo e em profunda relação com ele. O que significa que os nossos hábitos não residem no pensamento nem no corpo objetivo, mas sim no corpo mediador do mundo. Corpo esse que incorpora tudo o que o rodeia, instalando-se nesse mundo como se estivesse a instalar-se em casa. Incorporando (anexando) os objetos que estamos a utilizar, como se fizessem parte do nosso corpo, dilatando dessa forma o nosso ser no mundo.

Adquirir hábitos significa assim modular a motricidade. O corpo, enquanto mediador do mundo em que nos inserimos, incorpora direções e dimensões e instala-nos nas coisas como se estivéssemos em casa (habitando as coisas e o mundo). O corpo é eminentemente *um espaço expressivo*; quero agarrar um objeto e, de imediato, «num ponto do espaço em que ainda não pensei,

¹⁷² Umbelino, «Filosofia do corpo e inventário da dor: (II)», 296.

¹⁷³ Merleau-Ponty, *Phénoménologie de la Perception*, 182 e 183.

essa capacidade de apreensão da minha mão manifesta-se na direção do objeto pretendido»¹⁷⁴. O comportamento, desvendado a partir da motricidade, é, porventura, uma outra forma de designar a intencionalidade originária.

Verdadeiramente, todo o hábito é perceptivo porque assenta «entre a percepção explícita e o movimento efetivo, numa função fundamental que delimita ao mesmo tempo o nosso campo de visão e o nosso campo de ação»¹⁷⁵.

O hábito motor deve, então, ser entendido como «a extensão da existência que se prolonga portanto numa análise do hábito perceptivo como a aquisição de um mundo»¹⁷⁶. Temos, assim, um corpo como verdadeiro meio geral de nos apossarmos do mundo em que nos inserimos como um dos lados do comportamento: «O meu corpo é esse testemunho significativo que se comporta como uma função geral [...]. Nele aprendemos a conhecer o nó da essência e da existência que encontramos em geral na percepção»¹⁷⁷. O outro lado do comportamento será o que nele se insinua do aparecer do mundo, sendo que tal aparecer se oferece primeiro à motricidade corporal. É justamente por força desta circunstância que, por exemplo, «o nosso olhar alcança mais ou menos as coisas conforme as interroga, quando desliza ou assenta nelas»¹⁷⁸. Não teríamos mundo sobre o qual pensar, sobre o qual agir, decidir, esperar, prometer ou falar, se no fundo do comportamento não se encontrasse a possibilidade de o «nosso veículo do *estar no mundo*» nos permitir aceder a muito mais do que a nós próprios.

Tal como já ficou anteriormente expresso, com base no nosso corpo próprio e vivido, mantemos uma estreita relação com o que nos envolve e situa. Tal relação pode ser caracterizada como mútua convivência: *corpo próprio e mundo* formam um sistema, «afundando-nos na espessura do mundo através da experiência perceptiva»¹⁷⁹. A percepção exterior e a percepção do corpo próprio variam assim em conjunto e «toda a percepção exterior é imediatamente

¹⁷⁴ Merleau-Ponty, *Phénoménologie de la Perception*, 181.

¹⁷⁵ Merleau-Ponty, *Phénoménologie de la Perception*, 188. «À vrai dire, toute habitude est à la fois motrice et perceptive.»

¹⁷⁶ Merleau-Ponty, *Phénoménologie de la Perception*, 189.

¹⁷⁷ Merleau-Ponty, *Phénoménologie de la Perception*, 183.

¹⁷⁸ Merleau-Ponty, *Phénoménologie de la Perception*, 190.

¹⁷⁹ Merleau-Ponty, *Phénoménologie de la Perception*, 247.

O Comportamento, o Hábito e o Esquema Corporal

sinónimo de uma certa percepção do meu corpo, como toda a percepção do meu corpo se explicita na linguagem da percepção exterior»¹⁸⁰.

Existimos através dessa *experiência perceptiva*, tal como o ilustra o exemplo seguinte: «Percebo a mesa sobre a qual escrevo. O que significa entre outras coisas que o meu ato de percepção ocupa-me, o suficiente para que não possa, enquanto percebo objetivamente a mesa, ver-me a perceber a mesa»¹⁸¹.

No fundo, para perceber a mesa, é necessário não me perceber a mim próprio a perceber. Isto significa que, do ponto de vista da experiência vivida, a percepção depende de uma forma precisa de exercício vivido do corpo. Para a compreender, portanto, não será à atitude analítica que deveremos recorrer, pois tal atitude decompõe a percepção em «qualidades e em sensações e, para encontrar a partir delas o objeto onde estava anteriormente, sou obrigado a supor um ato de síntese que não é senão a contrapartida de uma análise»¹⁸². Do ponto de vista da experiência vivida, aquele onde situamos o significado mais originário do comportamento, não conseguimos fazer esse tipo de sínteses. Essa nossa experiência assenta em sínteses anónimas. Dito de outro modo: «Percebo com o meu corpo ou com os meus sentidos, possuindo o meu corpo e os meus sentidos, precisamente esse saber habitual do mundo, essa ciência implícita ou sedimentada [...]. Entre nós e eles existe esse saber latente»¹⁸³. O que significa que, em qualquer experiência perceptiva *acontece* algo de pré-reflexivo e anónimo, pois «não pensamos o objeto, não nos pensamos a nós, estamos no objeto por ação desse corpo vivido que sabe mais do que nós acerca do mundo»¹⁸⁴. Neste contexto específico de análise, a *sensação* «não é uma matéria indiferente e um momento abstrato, mas uma das nossas superfícies de contacto com o ser, uma estrutura da consciência e um lugar do espaço único, condição universal de todas as qualidades, temos com cada uma delas uma maneira particular de estar no espaço e de fazer o espaço»¹⁸⁵.

¹⁸⁰ Merleau-Ponty, *Phénoménologie de la Perception*, 248 e 249.

¹⁸¹ Merleau-Ponty, *Phénoménologie de la Perception*, 285.

¹⁸² Merleau-Ponty, *Phénoménologie de la Perception*, 285.

¹⁸³ Merleau-Ponty, *Phénoménologie de la Perception*, 285.

¹⁸⁴ Merleau-Ponty, *Phénoménologie de la Perception*, 285 e 286.

¹⁸⁵ Merleau-Ponty, *Phénoménologie de la Perception*, 267.

A sensação não é a invasão de quem sente pelo que é sensível. São os sentidos do corpo, «é o meu olhar que subentende a cor, é o movimento da minha mão que subentende a forma do objeto ou antes o meu olhar que desposa a cor, a minha mão que desposa as superfícies duras e moles; e, nesta troca entre o sujeito da sensação e o sensível, não se pode dizer que, um age e o outro fica passivo, que um dá sentido ao outro. Sem a exploração do meu olhar ou da minha mão e antes que o meu corpo se sincronize com ele, o sensível não é nada mais que uma solicitação vaga»¹⁸⁶.

A sensação abre um *campo sensível* (*visual, tátil, auditivo, etc.*) e todos os nossos sentidos estão sujeitos a esses *campos*, interpenetrando-se e atuando de forma complementar uns com os outros. Como já vimos, «quando digo que tenho sentidos e que eles me fazem aceder ao mundo, não sou vítima de uma confusão, nem misturo o pensamento causal e a reflexão, exprimo somente essa verdade que se impõe a uma reflexão integral: que sou capaz por conaturalidade de encontrar um sentido em certos aspetos do ser, sem lhes ter eu próprio indicado uma operação constituinte»¹⁸⁷.

Qualquer sensação precisa assim de ser colocada em perspectiva e coordenada de um ponto de vista espacial, pertencendo a cada órgão dos sentidos *interrogar e negociar* com tudo o que nos rodeia e, à sua maneira, ser agente de uma determinada síntese do mundo com que vamos convivendo. «Temos a experiência de um mundo, não no sentido de um sistema de relações que determinam inteiramente cada acontecimento, mas no sentido de uma totalidade aberta cuja síntese não pode ser terminada. Temos a experiência de um Eu, não no sentido de uma subjetividade absoluta, mas indivisivelmente desfeita e refeita no decurso do tempo.»¹⁸⁸

É por esta razão que, para Merleau-Ponty, «a qualidade do sensível, longe de ser coextensiva à percepção, é o produto particular de uma atitude de curiosidade ou observação»¹⁸⁹. Veja-se o exemplo da visão e do tato: por vezes parece que *tocamos as coisas com os olhos* e, em outros momentos, *vemos com as mãos*. «A experiência sensorial dispõe de uma margem estreita: ou o som ou a cor, pelo seu arranjo próprio, desenhavam um objeto, o cinzeiro, o

¹⁸⁶ Merleau-Ponty, *Phénoménologie de la Perception*, 258 e 259.

¹⁸⁷ Merleau-Ponty, *Phénoménologie de la Perception*, 262.

¹⁸⁸ Merleau-Ponty, *Phénoménologie de la Perception*, 264.

¹⁸⁹ Merleau-Ponty, *Phénoménologie de la Perception*, 272.

O Comportamento, o Hábito e o Esquema Corporal

violão e, esse objeto apela em conjunto a todos os sentidos; ou, na outra extremidade da experiência, o som e a cor são recebidos no meu corpo e torna-se difícil limitar a minha experiência a um só registo sensorial: ele transborda espontaneamente para todos os outros sentidos.»¹⁹⁰

Exemplos vários o ilustram, como ao serem potenciadas as imagens de um filme através da sonoridade da música que as acompanha e, subitamente, ao retirarmos esse fundo musical, a ação contida nas mesmas imagens parece mais lenta e, inclusive, muito menos emocionalmente convincente. Em certo sentido «o meu corpo é o lugar, ou melhor a atualidade própria do fenómeno da expressão pois nele, por exemplo, a experiência visual e a experiência auditiva são dependentes um do outro»¹⁹¹, num modo de entrecruzamento em que se percebe a que ponto a arquitetura do mundo é completada pela arquitetura do corpo. O valor expressivo do corpo é este: «fundamenta a unidade ante predicativa do mundo percebido e através dela a expressão verbal»¹⁹².

O corpo vivido é, portanto, um corpo sensível, «que ressoa para todos os sons, vibra com todas as cores e fornece às palavras o seu significado primordial pela forma como as acolhe»¹⁹³. Uma experiência motora extremamente variada em que «um movimento é aprendido quando o corpo o compreendeu, quer dizer, quando ele o incorporou no seu mundo, e mover o seu corpo é visar as coisas através dele, é deixá-lo corresponder à solicitação que se exerce sobre ele sem nenhuma representação»¹⁹⁴.

Para Merleau-Ponty tal circunstância configura um *arco intencional* que deve entender como unificação dos sentidos e da inteligência e também da sensibilidade e da motricidade através das dimensões do tempo. Nessa conjugação integram-se os fatores existenciais que nos influenciam (diferentes experiências do passado ou situações físicas, ideológicas, morais, de diversa expressão), produzindo uma verdadeira consciência corporal do mundo. «A vida perceptiva é sustentada por um “arco intencional” que projeta em torno de cada um de nós o nosso passado, o nosso futuro, o nosso meio humano e a nossa situação física, a nossa situação ideológica, a nossa situação moral, ou antes

¹⁹⁰ Merleau-Ponty, *Phénoménologie de la Perception*, 273.

¹⁹¹ Merleau-Ponty, *Phénoménologie de la Perception*, 282.

¹⁹² Merleau-Ponty, *Phénoménologie de la Perception*, 282.

¹⁹³ Merleau-Ponty, *Phénoménologie de la Perception*, 283.

¹⁹⁴ Merleau-Ponty, *Phénoménologie de la Perception*, 173.

que faz com que estejamos situados sob todos esses aspetos. É este “arco intencional” que faz a unidade entre os sentidos e a inteligência, a unidade entre a sensibilidade e a motricidade.»¹⁹⁵

O nosso corpo arrasta consigo todo o seu passado anónimo, reagindo de maneiras diversas consoante experiências prévias, o que significará que, tal como já ficou anteriormente identificado, não somos uma máquina corpórea e não existe qualquer separação entre sujeito e meio exterior, sendo o corpo o nosso sustentáculo e um todo no centro da nossa existência. Ao percebermos algo, porque sofremos influências várias, misturamos subjetivamente o individual e o cultural, num verdadeiro contágio cultural e social que torna o nosso corpo também ele cultura. O *arco intencional* conjuga o passado, o presente, o futuro e o meio que nos envolve (tal como crenças e valores), como também unifica sentido, sensibilidade e motricidade e nos permite interagir com o mundo exterior através de uma motricidade enquanto intencionalidade mais primitiva¹⁹⁶.

5. O esquema do comportamento

A equivalência entre os órgãos dos sentidos lê-se nas coisas que manipulamos. O corpo vivido mantém em torno de nós um sistema de significações cujas correspondências, relações e participações não precisam ser explicitadas para serem «praticadas». Por isto, podemos argumentar com Berthoz¹⁹⁷ que Merleau-Ponty «nos convida a definir um conceito de mundo, não somente como “mundo físico ou natural”», mas como fenómeno relacional. O conceito de *mundo* de Merleau-Ponty, acrescenta Berthoz, está para além do meio físico em que nos inserimos, envolvendo igualmente tudo o que de intersubjetivo e intercorporal se estabelece entre nós, as coisas e os outros que nos rodeiam. Neste sentido, «o pensamento de Merleau-Ponty é um importante utensílio para refletir e descobrir as bases naturais da perceção e da sua relação com a ação»¹⁹⁸. É neste enquadramento percetivo e fenomenal que se

¹⁹⁵ Merleau-Ponty, *Phénoménologie de la Perception*, 170.

¹⁹⁶ Merleau-Ponty, *Phénoménologie de la Perception*, 171.

¹⁹⁷ Berthoz, «La conscience du corps», 20.

¹⁹⁸ Berthoz, «La conscience du corps», 22.

O Comportamento, o Hábito e o Esquema Corporal

desvenda o esquema corporal, entendido como uma unidade espacial, temporal, sensorial e motora do corpo, expressiva, vital, dinâmica e mediadora da pertença ao mundo.

Gallagher clarifica a noção de esquema corporal como «um sistema sensoriomotor que funciona sem necessitar de controlo da percepção»¹⁹⁹. Para este autor, o esquema corporal permite incorporar posições e respostas na relação com o meio ambiente, sem qualquer tipo de reflexão consciente. «O esquema corporal envolve determinadas capacidades, habilidades e hábitos que condicionam e constroem os movimentos e a postura corporal [...]. E a diferença entre imagem corporal e esquema corporal é como a diferença entre percepção do movimento e respetiva realização.»²⁰⁰

Quando andamos ou pretendemos tocar ou agarrar determinados objetos, fazemo-lo natural e habitualmente sem qualquer tipo de controlo consciente. «A consciência propriocetiva-cinestésica é usualmente uma consciência pré-reflexiva (não observacional), que permite ao corpo permanecer experiencialmente transparente para aquele que age. Fornece um sentido ao que se está a mover ou a fazer algo, não acerca de partes corporais, mas muito mais relacionadas com o objetivo a atingir.»²⁰¹

Estamos assim perante uma *consciência pré-reflexiva* que se inicia com o hábito – e que mais não é do que a base pré-pessoal do *comportamento*. A este nível, segundo Gallagher, em termos fenomenológicos, quando nos movemos, não pensamos nos movimentos a efetuar. Exatamente, aliás, como quando ao relacionarmo-nos com o mundo e ao experienciarmos determinado tipo de relações, não o fazemos a pensar no esquema corporal. «O dançarino ou o atleta que treinam muito e intensamente para que os seus movimentos sejam proficientes a ponto de, finalmente, serem executados corporalmente sem reflexão consciente, utilizam para treinar de modo eficaz uma consciência dos seus movimentos corporais para treinarem e melhorarem o rendimento do seu esquema corporal [...]. Por exemplo, a percepção visual do pulso, cotovelo ou ombro pode recalcitrar o rendimento motor quando a visão é distorcida

¹⁹⁹ Shaun Gallagher, *How the Body Shapes the Mind* (Oxford: Oxford University Press, 2005), 24.

²⁰⁰ Gallagher, *How the Body Shapes the Mind*, 24.

²⁰¹ Gallagher, *How the Body Shapes the Mind*, 73.

por óculos prismáticos. Tal como demasiada atenção, ou falta dela, alteram o rendimento postural ou motor.»²⁰²

Gallagher considera, deste modo, que o esquema corporal é um conjunto de funções sensoriais e motoras responsáveis pela postura corporal e realização e controlo de movimentos – que desenvolvem determinados programas e hábitos motores e estabelecem a comunicação entre a proprioceção e outras modalidades sensitivas. Na sua opinião, movimentamo-nos com a ajuda da proprioceção e, ao fazê-lo, atuamos maioritariamente de modo *habitual*. A visão é fundamental para ajudar em qualquer movimento, pois inclusive corrige por vezes a proprioceção, sem invalidar o carácter decisivo do *feedback* continuado fornecido pela proprioceção.

Mas há mais: o corpo humano age muitas vezes antes de termos consciência disso mesmo; antecipa, respetivamente, a sua própria experiência consciente de um ponto de vista sensório motor e as suas relações com os outros e o meio ambiente em que se insere. Tal circunstância é ainda uma possibilidade do esquema corporal: «O corpo organiza ativamente as suas experiências sensoriais e os seus movimentos segundo preocupações pragmáticas. Neste âmbito, as operações prenoéticas do nosso esquema corporal não são redutíveis às funções fisiológicas, mesmo sabendo nós que essas funções fisiológicas são condições necessárias para essas operações. Como o nosso corpo reage a um meio ambiente determinado, mesmo que o faça automaticamente, não é uma questão meramente mecânica ou reflexa. As pragmáticas circunstâncias de quem percebe e as suas atividades intencionais escolhem os movimentos mais apropriados e determinam que reações fisiológicas serão as escolhidas»²⁰³.

Dito de outro modo, «antes de o sabermos, o nosso corpo torna-nos humanos e disponibiliza-nos para expressarmos essa natureza humana através de ações intencionais e de uma interação com aqueles que nos rodeiam»²⁰⁴. Sintonizamo-nos de modo seletivo com tudo o que nos rodeia, muito para além da simples dependência da nossa morfologia ou fisiologia. Tudo isto complementado pelo facto de que «o conceito de esquema corporal ajuda a

²⁰² Gallagher, *How the Body Shapes the Mind*, 35.

²⁰³ Gallagher, *How the Body Shapes the Mind*, 142.

²⁰⁴ Gallagher, *How the Body Shapes the Mind*, 248.

O Comportamento, o Hábito e o Esquema Corporal

responder à questão relativa a como o corpo incorpora o campo perceptual.»²⁰⁵. «Quando toco alguma coisa, a intenção do meu toque pode determinar não só o meu foco consciente, mas também como o meu corpo irá reagir. O facto de eu sentir que um objeto tocado está quente, em vez de suave, depende não só da temperatura a que esteja o objeto, mas também dos objetivos que me movem.»²⁰⁶ No fundo, o nosso esquema corporal *abre-nos* para os estímulos que nos rodeiam e organiza-os de modo pragmático.

Quando nos movimentamos, fazemos determinados gestos ou adotamos certas posturas corporais sem qualquer tipo de controlo consciente, o que significa que, nas nossas rotinas diárias, não nos focamos no nosso corpo, mas que funcionamos automaticamente, sendo essas nossas ações *carregadas* de intencionalidade antes de propriamente sensoriais. Desde que nascemos, vamos adquirindo assim uma determinada sabedoria comportamental através do nosso corpo e das diversificadas experiências que realizamos, incorporando gradualmente todos os nossos movimentos e ações. Gallagher reforça vários dos conceitos de âmbito fenomenológico defendidos por Merleau-Ponty, ao defender que também existe uma distinção a fazer entre imagem corporal e esquema corporal e entre a imagem corporal e a percepção do próprio corpo. Por exemplo, ao dimensionar o esquema corporal como a capacidade de controlar os nossos movimentos, como também ao defender que a imagem corporal e o esquema corporal atuam de modo interligado. «Para Merleau-Ponty, a experiência motora e a experiência perceptual estão dialética ou reciprocamente ligadas. A amadurecida operação de um esquema corporal depende de uma desenvolvida sabedoria perceptiva do corpo próprio e de uma organizada percepção do corpo próprio, tal como no que se refere ao mundo exterior depende do adequado funcionamento do esquema corporal.»²⁰⁷ O que, aliás, acontece igualmente com o corpo e o meio ambiente, a ação e a percepção, a propriocepção e as restantes capacidades sensoriais. «No que respeita a movermo-nos no mundo, o sujeito normal e saudável pode em larga medida nas suas rotinas diárias esquecer o seu corpo.»²⁰⁸ É esta circunstância que assegura a própria ligação intencional: o corpo opera desde sempre uma

²⁰⁵ Gallagher, *How the Body Shapes the Mind*, 18.

²⁰⁶ Gallagher, *How the Body Shapes the Mind*, 142.

²⁰⁷ Gallagher, *How the Body Shapes the Mind*, 67.

²⁰⁸ Gallagher, *How the Body Shapes the Mind*, 55.

ligação ao mundo que é significativa, ou seja, que se exerce «fazendo sentido» prático. «Desde que nascemos, as nossas capacidades humanas ao nível da percepção e do comportamento são desenvolvidas através do movimento [...]. O movimento expressa as linhas de intencionalidade, os gestos e os contornos da cognição social e neles, das mais gerais e específicas formas, a incorporação forma a mente.»²⁰⁹

Também no que respeita ao esquema corporal Emmanuelle Saint Aubert se associa a Gallagher, ao afirmar que «o esquema corporal implica também a questão do saber do corpo: o que o corpo conhece, o que conhece de si próprio e a modalidade original desse conhecimento. O corpo conhece e conhece-se ao mesmo tempo, segundo um narcisismo institucional que carrega o mundo e os outros no seu circuito [...] o esquema corporal tem portanto para Merleau-Ponty a vocação quase desmesurada da articulação na sua filosofia da “chair”, das questões da unidade, da coexistência e do conhecimento carnal; a “chair” é coesão e adesão, coesão para adesão e esta lógica imprime-se na espacialidade do corpo próprio»²¹⁰. Na opinião de Saint Aubert, a espacialidade corporal que se desdobra pelo esquema corporal não é simplesmente uma espacialidade de posição, mas de «situação» – «espacialidade que “aparece” num corpo cuja motricidade é intermodal (sensorial e motora), intersensorial e intrasensorial»²¹¹. «Os sentidos respondem consoante equivalências que não são estabelecidas por uma unidade central de cálculo mas sim diretamente levadas a cabo pelo corpo»²¹²; o mesmo é dizer que o esquema corporal é um sistema do corpo que se completa no modo de aparecer do mundo. Este autor identifica, portanto, uma intersensorialidade e uma total correspondência no que respeita ao esquema corporal. Ao dizer que o espaço em que nos inserimos funciona como uma determinada polarização do nosso esquema corporal (não espaço de posição, mas de situação), alerta-nos para uma promiscuidade em que o familiar se torna estranho e o estranho familiar. «O espaço não é mais apreendido como um conjunto de localizações reais (o que implicaria fazer momentaneamente a abstração de toda a motricidade)

²⁰⁹ Gallagher, *How the Body Shapes the Mind*, 1.

²¹⁰ Saint-Aubert, «Espace et schéma corporel», 125.

²¹¹ Saint-Aubert, «Espace et schéma corporel», 128 e 129.

²¹² Saint-Aubert, «Espace et schéma corporel», 129.

O Comportamento, o Hábito e o Esquema Corporal

mas como espaço vivido [...]. O corpo sabe e sabe-se mais e mais pela ane-
xação de novos territórios. As aprendizagens conjugam-se no cruzamento de
uma integração do mundo no esquema corporal e de um prolongamento des-
te no mundo [...]. O esquema corporal é com efeito o operador de um duplo
envolvimento: eu instalo o mundo em mim e em simultâneo instalo-me nele
[...]»²¹³

Ao evidenciarmos um determinado comportamento, conjugamos percepção
e ação, percepção e movimento, tendo como referência espacial centrada que
nos é dada pelo nosso *corpo próprio*. A nossa percepção precisa assim de ser
entendida como movimento do corpo e é a partir dessa corporeidade, conju-
gada com a visão, que entramos em contacto com o mundo e comunicamos
com as coisas e os outros. Nas suas últimas obras, o fenomenólogo vai ainda
um pouco mais longe quando defende que é através do movimento que os
seres humanos conseguem amadurecer a sua visão do mundo em que se in-
serem. Para Merleau-Ponty, a visão não é mais do que o reencontro do visível
e do invisível, nomeadamente no momento em que a visão se faz gesto, como
é o caso da pintura de Cézanne que, ao nunca abandonar as sensações, não
delimitava os contornos nem se preocupava em compor a perspetiva²¹⁴. Per-
cepção e movimento são dois lados do mesmo fenómeno. Na percepção, dirá
Merleau-Ponty quando aprofundar ontologicamente o seu percurso filosófico,
acontece o corpo ser como que possuído pelo visível e a nossa visão atua
como se penetrasse naquilo que lhe é visível, como se víssemos tateando e
tocássemos para ver: «Qualidade, luz, cor, profundidade, que estão ali perante
nós, só lá estão porque despertam um eco no nosso corpo, porque ele as
acolhe»²¹⁵. O comportamento é o nome de tal envolvimento em profunda con-
vívência do nosso corpo próprio com o espaço do mundo que o envolve. Nesse
envolvimento, por exemplo, «não é só ver algo [...] mas também ver de algum

²¹³ Saint-Aubert, «Espace et schéma corporel», 132 e 133.

²¹⁴ Maurice Merleau-Ponty, *L'Oeil et L'Esprit* (Paris: Gallimard, 1964), 22. «*La Nature est à l'intérieur*, dit Cézanne. Qualité, lumière, couleur, profondeur, qui sont là-bas devant nous, n'y sont que parce qu'elles éveillent un écho dans notre corps, parce qu'il leur fait accueil.»

²¹⁵ Merleau-Ponty, *L'Oeil et L'Esprit*, 22. É neste sentido radical que ganha pleno sentido a afirmação de Merleau-Ponty de que *a verdadeira filosofia é reaprender a ver o mundo*. Recorde-se que, para Merleau-Ponty, o nosso corpo tem dois lados, o objetivo e o fenomenológico e, mesmo reconhecendo como é complexo e difícil explicar afinal o que é o mundo, o que vemos e quem somos, insistiu sempre que temos de aprender a ver o que vemos como se necessitássemos ainda e sempre de continuar essa aprendizagem do mundo sensível.

lugar, ou seja, sob determinadas condições definidas pela posição e situação postural do corpo que percebe [...] as coisas aparecem-nos com um perfil de cada vez [...].»²¹⁶.

Ou seja, deve afirmar-se que «o mundo percebido é envolvido pela capacidade do meu corpo percetivo, um corpo humano capaz de ver relativamente longe, mas que só pode tocar ou apertar algo relativamente perto»²¹⁷. O «envolvimento» a que se refere Gallagher é, para nós, o próprio resumo da noção merleau-pontyana de comportamento, tal como o filósofo francês a considera no contexto fenomenológico do seu percurso.

Não há comportamento sem corpo, pois «uma das importantes funções do corpo é fornecer a base para uma egocêntrica moldura espacial de referência. Na verdade, esta egocêntrica moldura é requerida pela possibilidade de ação e estrutura geral da experiência percetiva. O facto de a percepção e a ação serem de perspetiva espacial (por exemplo um livro aparece-nos da direita, da esquerda ou do centro do nosso campo de percepção) significa que dependendo da espacialidade do corpo que percebe e age»²¹⁸.

Para este autor, adquirimos uma espécie de consciência corporal através da percepção e da ação que de modo continuado vamos executando. «Os estudos do modo como os bebés imitam sugerem que desde que nascemos temos um esquema corporal primitivo, (que funciona de modo não consciente e permite ao bebé controlar e coordenar os seus movimentos) [...]. Os bebés sabem imediatamente de forma pré-reflexiva se os seus gestos atingiram o alvo, ou não.»²¹⁹ Segundo Gallagher, tal circunstância está muito para além dos designados neurónios-espelho. «Os neurónios-espelho constituem uma ligação intermodal entre a percepção visual da ação ou expressão dinâmica e o sentido intersubjetivo e propriocetivo das próprias capacidades.»²²⁰ Quase

²¹⁶ Gallagher, *How the Body Shapes the Mind*, 140.

²¹⁷ Gallagher, *How the Body Shapes the Mind*, 140.

²¹⁸ Gallagher, *How the Body Shapes the Mind*, 59.

²¹⁹ Gallagher, *How the Body Shapes the Mind*, 74.

²²⁰ Gallagher, *How the Body Shapes the Mind*, 77.

O Comportamento, o Hábito e o Esquema Corporal

literalmente e num caso particular, podem ser os movimentos dos outros que desencadeiam a minha própria consciência propriocetiva²²¹. Voltaremos a este assunto que é o da questão *do outro* – assunto que nos permitirá abordar a dimensão intersubjetiva do comportamento.

²²¹ Gallagher, *How the Body Shapes the Mind*, 82 e 83: «Compreender outra pessoa depende mais da ação percebida intencional e da expressão, que das analogias realizadas na base da aparência, forma ou imagem do corpo da outra pessoa.»

Capítulo VII

O Corpo Expressivo

*Para que percebamos as coisas temos de as viver.*²²²

1. Motricidade e envolvimento no mundo

De acordo com Merleau-Ponty, a motricidade é a base da nossa capacidade prática de corresponder às sugestões do mundo e, neste sentido, de concretizar relações espaciais de situação. *Abrimo-nos ao mundo. Habitamos* o meio em que nos inserimos e isso é o fundo do fenómeno relacional do comportamento. Sempre que nos movimentamos, estamos perante uma circularidade entre o que acontece no espaço em que nos inserimos e as reações do nosso próprio corpo. Se interviermos sobre o espaço, tal produz efeitos imediatos sobre o corpo, tal como o inverso é igualmente verdade. Este é o *enigma do comportamento*: há dimensões da realidade que apenas aparecem em determinadas condições motoras do corpo envolvidas em certas condições espaciais. Neste sentido, o comportamento, entendido a partir do corpo, não existe como relação causa-efeito (estímulo exterior-reação corporal), dependendo, acima de tudo, do significado vivido que atribuímos a cada situação vivida. Como também em relação ao comportamento se deveria afirmar que é «na dimensão fenomenal do percebido e no seu intrínseco significado que devemos encontrar o existencial – que é o mais real»²²³.

O fenómeno do comportamento aparece na motricidade quando esta é entendida na suspensão das respetivas definições quotidianas que a tendem a confundir com a capacidade física de mudar de lugar. O comportamento é

²²² Merleau-Ponty, *Phénoménologie de la Perception*, 382.

²²³ Merleau-Ponty, *La Structure du Comportement*, 265.

porventura o nome da conjugação motora e esquematizadora pela qual a motricidade corporal se conclui nas interpelações do espaço entendido como o outro lado do poder do corpo. A motricidade e a espacialidade são assim elementos constitutivos do *fenómeno do comportamento* que, por seu turno, resume então a dimensão mais primitiva do nosso modo corporal de *ser no mundo*²²⁴.

Com um tal conceito de comportamento, Merleau-Ponty não só desmistificou todo o tipo de dualismos e objetivismos, como também se situou filosoficamente perante a experiência de existirmos. Tornou claro que o corpo que cada um de nós é funciona como mediador da nossa relação com o mundo²²⁵. Ajuda-nos, neste sentido, a perceber porquê e como existimos enquanto *seres-no-mundo* e como «ganhamos consciência» através de uma percepção criadora de sentidos, enquanto meio fundamental para a constituição da nossa relação com o mundo.

Algumas das possibilidades teóricas assim abertas por Merleau-Ponty são exploradas por autores como Varela, Thompson e Rosch²²⁶. De um modo ou de outro, de facto, tais autores confirmam pelas suas análises que a motricidade é

²²⁴ Barbaras, *Merleau-Ponty*, 24. «Então a atualização da dimensão essencialmente expressiva do *ser no mundo*, conduz à descoberta de um modo único de aparecer, para lá da distinção do sensível e do inteligível: o ser percebido não designa mais um setor do Ser, mas a condição de tudo ser possível, o sentido de tudo o que pode ser para mim, o percebido no sentido estrito ou bem comum. Daí a necessidade de uma nova orientação que tente determinar a especificidade desse ser percebido.»

²²⁵ Gérard Jorland, «L'Empire du sens», in *Le corps en acte : Centenaire Maurice Merleau Ponty* (Nancy: Presses Universitaires de Nancy, 2010), 245 e 246. «Segundo Alain Berthoz, o nosso corpo não é somente o nosso cérebro, pois está recheado de modelos internos [...] que nos permitem resolver os problemas de uma enorme complexidade que nos são colocados pelos menores factos e gestos da nossa vida diária [...]. Vimos ao mundo munidos desses modelos internos, um equipamento transcendente que nos permite sobreviver, até mesmo prosperar [...]. Para Berthoz, é o paradigma desses modelos internos, de enorme robustez perante as mudanças do meio ambiente, que explica por exemplo o fenómeno da reação perante o membro fantasma. Quando um determinado membro é amputado, aquele a quem tal acontece continua a sentir o membro que já não tem, simplesmente porque o seu esquema corporal conserva a integridade corporal total [...]. Para Berthoz o cérebro não é um computador, não utilizando portanto as informações transmitidas pelos sentidos como meras representações desencadeadoras de ações [...]. As suas respostas são resultado da construção de modelos internos que têm por função assegurar a nossa permanência no mundo [...] modelos simuladores do mundo, melhor dizendo, segundo Berthoz, emuladores do mundo [...]. O cérebro é capaz de simular os acontecimentos e os fenómenos externos, antecipando-os [...] frustrando as ameaças e realizando as promessas [...].»

²²⁶ Francisco Varela, Evan Thompson e Eleanor Rosch, *De Cuerpo Presente: Las Ciencias Cognitivas y la Experiencia Humana* (Barcelona: Editorial Gedisa, 2011).

a capacidade expressiva do corpo – capacidade que será um outro nome para o envolvimento e interação constantes que se desvendam na relação vivida ao mundo. Para estes autores, o dinamismo do corpo humano é um sistema *autopoietico*, que não se reduz a uma causalidade linear previamente determinada, sendo sim capaz de uma criatividade contínua. «O problema mente-corpo não consiste na relação ontológica entre corpo e mente, à margem da experiência de alguém, mas sim nas relações entre o corpo e a mente na experiência real (a presença plena) e como se desenvolvem estas relações e que formas podem adquirir (a abertura).»²²⁷ Também a cognição é incorporada e está sempre em ligação com experiências anteriormente vividas. «A incorporação humana e o mundo em que enactua mediante a nossa história de adaptação refletem uma só das muitas vias possíveis. Estamos sempre restringidos pelo caminho que traçamos, mas não há um fundamento último que dite os passos que damos.»²²⁸

As experiências de vida a que vamos estando sujeitos processam-se segundo mudanças constantes. Necessitamos, por isso, de ter consciência da verdadeira turbulência contida em continuadas percepções do mundo exterior, cujas constantes alterações nos provocam pensamentos, sentimentos, desejos, medos, ansiedade e sofrimento. «Fazer o que as circunstâncias exigem», é estar corporalmente consciente dessas circunstâncias, pois o nosso comportamento é um movimento de significado do mundo. Coincidem ainda estas considerações com a definição merleau-pontyana do comportamento como correlação. É certo que os autores referidos não dizem exatamente o mesmo que Merleau-Ponty. Os seus pressupostos não são os mesmos. As conclusões divergem em muitos pontos. Mas é relevante notar que a tese de uma origem partilhada da cognição e do mundo seja sublinhada: «Se estamos obrigados a admitir que a cognição não se pode compreender sem sentido comum e que o sentido comum não é outra coisa senão a nossa história corporal e social, a conclusão inevitável é que o conhecedor e o conhecido, a mente e o mundo, se relacionam mediante uma especificação mútua, ou uma co-origem dependente»²²⁹.

²²⁷ Varela, Thompson, Rosch, *De Cuerpo Presente*, 55.

²²⁸ Varela, Thompson, Rosch, *De Cuerpo Presente*, 247.

²²⁹ Varela, Thompson, Rosch, *De Cuerpo Presente*, 178.

Deste ponto de vista, a intencionalidade da cognição enquanto ação corporizada consiste primariamente na direção que a ação irá assumir²³⁰; e a cognição «é ação corporizada e está estreitamente ligada a histórias vividas sendo estas histórias vividas resultado da evolução como deriva natural»²³¹. Considerando estas teses, diríamos que, no fundo, é a ideia de «consciência somática» que fascina as abordagens cognitivas. Schusterman resume assim o essencial no tocante à perspectiva de Merleau-Ponty: «A consciência somática tem vários níveis: Na sua forma mais elementar de intencionalidade corporal primitiva, podemos mesmo descrever um nível a que, paradoxalmente podemos chamar consciente-inconsciente; trata-se do tipo de tomada de consciência obscura e limitada que evidenciamos quando, a dormir, afastamos a almofada que perturba a nossa respiração. Para lá desse nível situa-se a etapa na qual estamos despertos e claramente conscientes do objeto que percebemos, por exemplo, a chávena de café que temos na mão e na qual bebemos, mas em que não tomamos explicitamente consciência como de um objeto de consciência, como se bebêssemos o café sem pensar, sentindo o gosto do café mas não a chávena. Este nível de percepção implícita, não reflexiva e não temática corresponde ao que Merleau-Ponty designou como a percepção primordial, chave miraculosa da eficácia da nossa percepção e da nossa ação.»²³²

Está hoje bem evidente a nível filosófico e neurocientífico que, nos diferentes contextos em que nos inserimos, é através de um conjunto de aptidões sensorio-motoras que estabelecemos relações com o meio ambiente e aqueles com quem privamos. «Os processos motores e sensoriais, a percepção e a ação são fundamentalmente inseparáveis da cognição vivida.»²³³ Afirma-se deste modo que «o organismo inicia o meio ambiente e é modulado por ele e que devemos ver o organismo e o meio ambiente interligados numa especificação e seleção recíprocas»²³⁴. Diríamos que o comportamento contribui para

²³⁰ Varela, Thompson, Rosch, *De Cuerpo Presente*, 239.

²³¹ Varela, Thompson, Rosch, *De Cuerpo Presente*, 247.

²³² Richard Shusterman, «Le corps en acte et en conscience», in *Le corps en acte : Centenaire Maurice Merleau Ponty* (Nancy: Presses Universitaires de Nancy, 2010), 208. Segundo este autor, página 208. «Segue-se um terceiro nível de consciência, mais elaborado, quando explicitamente nos focamos na chávena de café e lhe prestamos alguma atenção como um objeto distinto de consciência.»

²³³ Varela, Thompson, Rosch, *De Cuerpo Presente*, 203.

²³⁴ Varela, Thompson, Rosch, *De Cuerpo Presente*, 204.

enatuar o meio ambiente que nos envolve e, ao ser a ação guiada pela percepção, também a própria cognição não é mais que ação corporizada.

No fundo, uma identificação da cognição em constante *enatuação* e capaz de, enquanto *cognição corporizada*, fazer emergir o mundo em que nos inserimos; colocando problemas e apontando soluções. E é nessa relação continuada com os outros e com o espaço vivido comum da nossa existência que se constitui o nosso Eu. Uma experiência e uma inter-relação com as diversas dimensões da vida, que não se esgota no presente e se vai constantemente atualizando. Através do seu conceito de *enação*, autores como Varela, Thompson e Rosch defendem que é essa dinâmica que une o sistema cognitivo humano e o ambiente (o mundo) de interação. O que se afirma assim é que «para o ser humano, estar vivo, é estar sempre numa situação, num contexto, num mundo»²³⁵ e, principalmente, que «o conhecimento, depende de estarmos num mundo inseparável do nosso corpo, da nossa linguagem, da nossa história social, em síntese, da nossa corporização»²³⁶. Segundo estes autores, temos assim que tudo o que é cognitivo é, em simultâneo, emocional e afetivo. O que, sem ignorar as diferenças profundas em relação à perspectiva merleau-pontyana, importa registar que não deixa de ser significativo notar que tais perspectivas não ignoram aquilo que Merleau-Ponty pretendeu estudar sob a designação de comportamento, a saber: o plano ou estrutura experiencial vivida, enquanto base de toda a possibilidade de *fazer sentido do mundo*²³⁷.

No fundo, poderíamos dizer que defendem que a cognição humana tem como ponto de partida a presença do corpo no mundo, no qual nos integramos e nos influenciamos mutuamente de forma marcante. «Defendemos, como Merleau-Ponty, que a cultura científica ocidental exige que vejamos os nossos corpos não só como estruturas físicas, mas também como estruturas vividas e experienciais.»²³⁸

Mas talvez falte a uma abordagem estritamente cognitiva o que Jean-Luc Petit resumiu a este propósito como o essencial da perspectiva merleau-pontyana: «Para Merleau-Ponty, a nossa experiência subjetiva do corpo é a última referência contra a qual nenhum progresso futuro de uma qualquer ciência

²³⁵ Varela, Thompson, Rosch, *De Cuerpo Presente*, 83.

²³⁶ Varela, Thompson, Rosch, *De Cuerpo Presente*, 176.

²³⁷ Varela, Thompson, Rosch, *De Cuerpo Presente*, 272.

²³⁸ Varela, Thompson, Rosch, *De Cuerpo Presente*, 17.

empírica pode prevalecer. A descrição fenomenológica dessa experiência tem o carácter definitivo de revelar uma estrutura ontológica da existência e não o carácter provisório de simples intuições especulativas do filósofo à espera da confirmação empírica por uma ciência positiva [...]. As neurociências que cedem à tentação de querer substituir a experiência vivida, por um pensamento que se encontre para lá do percebido, desconhecem-se a si mesmas»²³⁹.

Dito de outro modo, «é ilusório ter um discurso científico sem levar em conta a base primitivamente subjetiva na qual assenta todo o ato de conhecimento»²⁴⁰. Por maioria de razão será igualmente ilusório pensar o comportamento (e o treino comportamental) sem levar em conta a base real do próprio ato relacional que desvenda o comportamento vivido.

2. O anonimato do corpo

Vimos atrás que o comportamento permite a Merleau-Ponty pensar a espacialidade corporal como formando um sistema com o espaço que envolve e interpela o corpo, reclamando-lhe certos gestos ou respostas práticas. Dir-se-ia, neste sentido, que «cada estimulação corpórea num ser normal desperta, em lugar de um movimento atual, uma espécie de “movimento virtual”; a parte do corpo interrogada sai do anonimato, anuncia-se através de uma tensão particular e com certo poder de ação no quadro do dispositivo anatómico»²⁴¹. O dinamismo do *corpo vivido* tem, assim, de ser entendido como uma totalidade vivida, que desenrola significados práticos capazes de estabelecer sistemas de referência para uma série de pensamentos e experiências novas.

Ao movimentarmo-nos, não o fazemos através do corpo objetivo mas sim do corpo fenomenal. Para Merleau-Ponty, de facto, temos *uma maneira de ser corpo* muito peculiar. Sendo concreta e material, quando vivemos e experienciamos o mundo à nossa volta, não damos conta dela. Como um todo, instalamo-nos no respetivo meio ambiente e relacionamo-nos com ele de modo vivido e experiencial. Representações visuais, dados táteis e motricidade

²³⁹ Jean-Luc Petit, «Corps propre, schéma corporel et cartes somatotopiques», in *Le corps en acte : Centenaire Maurice Merleau Ponty* (Nancy: Presses Universitaires de Nancy, 2010), 55 e 56.

²⁴⁰ Naccache, «L'introspection de la perception visuelle», 25.

²⁴¹ Merleau-Ponty, *Phénoménologie de la Perception*, 139.

representam três fenômenos recortados na unidade do nosso comportamento. O comportamento é, assim, um fenômeno que *aparece* na experiência vivida de pertença dinâmica a uma situação. Neste contexto, os nossos movimentos não são assim um pensamento do movimento e o espaço corporal não é um espaço representado. O corpo não está no espaço, nem no tempo, *habita-os* e aprendemos os movimentos necessários a partir do momento em que o nosso corpo os incorpora. Os gestos e movimentos respetivos pressupõem saber, em cada momento, onde está o nosso corpo, sem termos necessidade de o procurar. O esquema corporal é, como vimos, a medida de tal circunstância que se completa nas negociações práticas com o mundo que situa o corpo por envolvimento, fornecendo a posição relativa de um modo de ser do corpo que corresponde à abertura dinâmica ao mundo.

O corpo *agarra* e é agarrado pelo movimento e a motricidade, tal como já ficou dito, deve ser entendida como a *intencionalidade originária*. O que faz do corpo o plano mais profundo da consciência, ou seja, é o corpo que primeiro significa ou *devolve* sentido ao que aparece.

Esse corpo, já o vimos, é o *corpo próprio ou corpo vivido*, potência de incorporação, de familiarização do mundo. Integramos no nosso corpo o espaço dos objetos que utilizamos, agimos como um todo e os hábitos adquiridos são, ao mesmo tempo, motores e percetivos. É isso, porventura, o fundo do fenômeno do *comportamento*. Como *somos do mundo através do corpo*, percebemos o mundo com o nosso corpo, através da experiência de incorporação do campo prático. Também a experiência espacial e temporal do corpo se pode compreender de modo radical: a experiência espacial e temporal deve ser entendida como a mútua integração do corpo, do espaço e do tempo, que é também o espaço e o tempo dos objetos com que nos relacionamos, que manuseamos e *habitamos*.

Na circularidade fundamental que é a nossa vida, constitui-se uma relação continuada com os outros e o espaço comum da sua existência. O nosso comportamento não é assim simplesmente uma soma de movimentos mecânicos, pois tudo é relacional na nossa presença num *meio* onde nos integramos. O comportamento será, assim, o nome de tal presença: presença (corporalizada) que se dirige infatigavelmente ao mundo e que, no mesmo movimento, o acolhe infatigavelmente. Esse acolhimento pode ser entendido, a um nível primitivo, como correspondência dinâmica que é outro modo de dizer que o dinamismo corporal se completa quando *faz sentido do mundo*.

O comportamento é, pode dizer-se, sempre direcionado, motivado por uma necessidade de significação prática do mundo: o comportamento é um propósito prático de envolvimento mundano.

É-o na exata medida em que traduz o próprio modo de ser fundamental de uma subjetividade incarnada: esse modo é o do próprio *ser-no-mundo*. Segundo Merleau-Ponty, tal encontro é bem resumido na experiência perceptiva e nas suas variantes. Isto é assim porque a construção do universo do saber, a construção do universo teórico, cultural e histórico depende forçosamente da condição fundamental de termos um mundo sobre o qual pensar. «Práticas incorporadas, emocionais, sensório-motoras, perceptuais e não conceptuais que constituem como que o próprio acesso à compreensão dos outros [...] uma compreensão direta das intenções dos outros porque essas intenções estão implicitamente expressas nas suas ações incorporadas e espelhadas nas nossas capacidades de ação [...] antes que eu possa desenvolver uma teoria da mente já tenho uma compreensão dos outros e das suas experiências – incluindo uma compreensão dos outros como sujeitos de uma ação intencional.»²⁴²

O que Merleau-Ponty argumenta, sobre a base desta tese simples na sua aparência, é que não teríamos mundo se não fôssemos corpo e não pensaríamos o mundo se não o começássemos a significar de modo prático: porque é o corpo que nos coloca no mundo mesmo antes do pensamento se constituir.

É porque *vivo o mundo* que posso possuir o seu significado de mundo. Não é, pois, por *pensar o mundo* que tenho mundo, mas, ao contrário, é *porque vivo concretamente o mundo* como envolvimento que posso chegar a pensar. Para Merleau-Ponty, a nossa experiência subjetiva do corpo é o segredo do mundo que buscamos, que tem necessariamente de estar contido no meu contacto com ele. Poderíamos acrescentar que esse contacto é resumido pelo comportamento e bem demonstrado, nomeadamente, a nível do comportamento perceptivo. Tal como a percepção vivida não corresponde assim a uma simples recolha sensorial de dados físicos. «Merleau-Ponty escolheu a noção moderna do corpo vivido [...] para dar ao corpo uma profundidade de instintos, sexualidade, de relação com os outros. Na sua investigação não fala

²⁴² Gallagher, *How the Body Shapes the Mind*, 224.

de consciência [...] sublinha a verdade do corpo nas relações afetivas, nas relações sociais, históricas e nas aventuras do imaginário.»²⁴³

Tal vivência é comportamento: participamos como corpo do que envolve, rodeia e situa, segundo uma circularidade entre interior e exterior; numa total plasticidade nas interações do corpo e do mundo em que nos inserimos e respectivos movimentos efetuados no decurso das ações empreendidas. Este é, já o referimos aqui, um processo dinâmico em que, enquanto seres corpóreos, os nossos sentidos se complementam e interagem numa total reversibilidade que se completa nas disposições práticas reclamadas pelo campo prático. Por vezes, *palpamos através do olhar*, outras, *vemos através das mãos*: é assim porque aquilo que no mundo é visível o é como textura, porque aquilo que no mundo é palpável o é como luz ou cor. Há, digamos assim, uma circularidade entre o que é corporal e o que é sensorial, entre o que é sensorial e o que é mundano. E o mais surpreendente na abordagem merleau-pontyana é sempre o mesmo ponto: é sobre tal base comportamental que o pensamento se torna possível. Ou seja: é porque o corpo se define como expressão dos significados práticos do mundo que temos mundo; e é porque temos mundo que o podemos chegar a pensar. O pensar começa no comportamento motor: começa no irrefletido do comportamento motor intencional, e pensar é sempre – como Merleau-Ponty não se cansou de repetir – *pensar sobre um irrefletido*.

3. Expressão do mundo

Para Merleau-Ponty, o *corpo vivido* é uma intencionalidade operante que assenta nas nossas capacidades e hábitos motores (e consequentemente no esquema corporal) e se pode compreender como *expressão do mundo*. O saber motor do corpo é um saber do mundo: é o saber originário do mundo.

O sentido do mundo não *começa*, portanto, numa qualquer explicação verbal; antes disso é significado enquanto é vivido. O vivido do corpo é, portanto, também o início da consciência que podemos ter do corpo: esta é, originariamente, a consciência de qualquer coisa do mundo. Já o dissemos de outro modo quando afirmámos, com Merleau-Ponty, que a motricidade se apresenta como uma forma originária de o corpo estar *votado ao mundo* e,

²⁴³ Nóbrega, «Le corps comme œuvre d'art», 274

nesse sentido, de o *significar* de forma prática, irrefletida, através de movimentos de familiarização, de habitação ou de hábito.

O caso do hábito, como já vimos, é muito importante neste contexto. Considere-se para o ilustrar, com base num dos exemplos de Merleau-Ponty em *Fenomenologia da Percepção*, o exemplo de escrever no computador: ao fazê-lo não preciso de representar o lugar objetivo das teclas, pois através do conhecimento do meu próprio corpo os meus dedos *sabem* o lugar preciso das teclas; sabem-no porque o corpo é essa potência de familiarização do mundo que nos permite instalarmo-nos nas coisas de modo prático. Talvez seja este, também já o sugerimos, o *enigma do comportamento* sobre o qual se estabelecem depois todas as nossas ações, opções, escolhas, etc. Tudo começa no que a manipulação de objetos revela: uma estranha sincronização prática, um *conhecimento* irrefletido do modo de *pertencer* ou corresponder ao que os objetos parecem exigir do corpo. Tudo se passa como se o corpo soubesse imediatamente o que fazer. Ora, este corpo, melhor, este plano da corporeidade é mais profundo do que aquele do qual posso ter a consciência momentânea. O *corpo da motricidade* não é, utilizando as palavras de Merleau-Ponty, o corpo atual, mas sim um corpo anónimo, pré-pessoal. De facto, por debaixo do corpo atual decorre uma existência à margem da nossa vida pessoal, uma existência relativamente autónoma.

Merleau-Ponty defende que temos com o mundo uma relação paradoxal, porque tanto tomamos posse dele, como somos tomados por ele numa constante instabilidade e desequilíbrio. De algum modo, este caminho de análise é esboçado na *Fenomenologia da Percepção*. S. Gallagher confirma as respetivas possibilidades ao argumentar, à luz dos avanços recentes das ciências cognitivas, que «se o corpo próprio realiza o percebido, então as operações prenoéticas criam as condições específicas que modulam a consciência perceptiva»²⁴⁴. Para este autor, também já o vimos atrás, muitas vezes, o nosso corpo realiza automaticamente ajustamentos posturais e motores, antes que qualquer um de nós tenha consciência disso mesmo. «Quando estamos absorvidos no ato de ler, o nosso corpo realiza diversos ajustamentos corporais, sem que disso tenhamos explicitamente consciência.»²⁴⁵

²⁴⁴ Gallagher, *How the Body Shapes the Mind*, 139.

²⁴⁵ Gallagher, *How the Body Shapes the Mind*, 139.

O nosso corpo como que se antecipa às necessidades de dar determinadas respostas posturais e motoras através de um modo totalmente prenoético (pré-reflexivo). E, embora sejam comportamentos automáticos e inconscientes, ao contrário do que durante muito tempo foi defendido a nível científico, não são reações mecânicas ou reflexas. «Quando toco em algo, a intencionalidade contida nesse gesto determina como o meu corpo irá reagir. O facto de, por exemplo, sentir o objeto tocado quente, em vez de suave, depende, não só da temperatura a que se encontra o objeto mas, principalmente, do objetivo que me fez realizar aquela ação [...]. Ainda que reaja de forma inconsciente, é decisiva a intencionalidade contida nesse meu gesto.»²⁴⁶

O comportamento é, no seu fundo, *o corpo em ato, é o ato do corpo*²⁴⁷, é o movimento de envolvimento anónimo, mas significativo e signifiante, do corpo no mundo. Será sobre esta base que se constituirá e se fundará tudo o mais que o *comportamento* não deixará de ser.

4. O comportamento como «expressão do mundo»

Ao partir de uma conceção de comportamento entendida como a coexistência entre o sujeito e o mundo, Merleau-Ponty avançou no sentido da criação da teoria da consciência corporalizada. A experiência do nosso corpo vivido traduz afinal a dimensão ambígua própria da vida humana: ao mesmo tempo que tematizamos o mundo, o corpo vai dialogando com as coisas e os outros, interagindo e ampliando sentidos e significados práticos que nem sempre coincidem com o que pensamos expressamente.

O corpo é o plano mais primitivo da consciência. Ou seja, o que Merleau-Ponty ensina é que a consciência, no seu começo, é a motricidade corporal e,

²⁴⁶ Gallagher, *How the Body Shapes the Mind*, 142.

²⁴⁷ Relacionamo-nos num mundo constituído, abstrato e, como tal, as nossas relações não são meramente sociais e as emoções que sentimos são expressão do mundo. Através da nossa percepção encontramos na realidade uma dimensão que é aquilo que desdobra o nosso corpo expressivo/percetivo. Quando sentimos nesse contexto, fazemo-lo através da subjetividade. Se num determinado momento e ambiente, em que me encontro, sinto desconforto, estou subjetivamente influenciado pelo ambiente. As emoções não existem assim separadas do corpo, são a expressão do mundo que nos envolve e influencia. O que sinto não é meu, é do mundo. Quando, por exemplo, sinto amizade, sinto-a por alguém, não a tenho em mim. Os movimentos de um pintor, ou de um atleta de alto rendimento, não lhes pertencem, são do mundo.

por isso, deve ser entendida como uma forma de comprometimento dinâmico no mundo. O comportamento é, de algum modo, a medida de tal circunstância fundamental, ideia que Merleau-Ponty exprime de vários modos ao longo das suas obras. Talvez pudéssemos escolher um desses modos, porventura o mais inesperado. Entendemos que é ainda o comportamento a que se refere Merleau-Ponty quando escreve o seguinte: «Um corpo humano está aí quando, entre vidente e visível, entre aquele que toca e o que é tocado, entre um olho e o outro, entre a mão e a mão acontece uma espécie de recruzamento, quando se acende a faísca do que sente-sentido, quando se ateia esse fogo que não mais cessará de arder, até que determinado acidente do corpo desfaça o que nenhum acidente teria podido fazer [...]»²⁴⁸

Para Merleau-Ponty, o corpo é o nosso modo de *estar no mundo*. Nada acontece antes da nossa presença corporal no mundo. Mas que corpo é esse com o qual estou no mundo? Tal como já anteriormente dissemos, é o *corpo vivido*. E de que modo está esse *corpo vivido* no mundo? Sendo corpo antes de ser pensamento, permitindo-me comportar-me antes de propriamente saber o que é o comportamento. Numa dimensão do meu comportamento que começa a existir antes de começarmos a pensar sobre ele, sob o modo de uma *relação dinâmica corpo-mundo* pré-reflexiva. Que funciona com base num entrelaçamento corpo-mundo, através do nosso *corpo expressivo*.

5. Corpo expressivo

Para Merleau-Ponty, o corpo expressivo é o corpo do comportamento; um modo de *estar no mundo* em que aquilo que o corpo exprime é algo mais profundo que uma simples psicologia; é um fenómeno relacional que tem origem no meio ambiente que nos envolve, no espaço e nos outros. *Acontece-nos* como uma expressão simultânea de um contexto ambiental e de um dinamismo do corpo, onde as habitualmente designadas expressões corporais não são mais do que algo posterior. Estas – a expressão do rosto, o gesto, etc. – fazem naturalmente parte do nosso comportamento expressivo, mas não são o seu princípio. É certo que exprimem o que estamos a sentir nesses momentos; mas são também traços de uma expressividade mais fundamental: aquela

²⁴⁸ Merleau-Ponty, *L'Œil et L'Esprit*, 21.

que se enraíza no próprio comportamento entendido sobre a base da relação corpo-mundo. Há uma expressividade do corpo que corresponde ao modo como o corpo motor dá sentido ao próprio modo de aparecer do mundo. Esse corpo, recorde-se, é, no seu estrato mais profundo, uma estrutura pré-reflexiva: a motricidade é expressão do mundo. É sobre este estrato fenomenológico que todas as expressões culturais se organizarão.

Revelamos assim em cada momento relacional uma transcendência que «não consiste apenas numa espontaneidade absoluta, mas antes numa espontaneidade que age sobre um fundo previamente dado que funciona como um horizonte de facticidade sobre o qual se podem constituir novos sentidos. Dado o facto de os horizontes se apresentarem, de cada vez, como já constituídos, eles têm necessariamente um carácter anónimo e impessoal (dado que não os tenho de reconstituir de novo a cada momento presente). Pode-se, por isso, dizer que a espontaneidade funciona sempre sobre um fundo anónimo e impessoal a partir da qual se projeta em direção ao mundo»²⁴⁹. Esta espontaneidade do corpo é uma forma de ligação com qualquer coisa e o comportamento é o nome que designa o modo dessa ligação – tudo isto a acontecer segundo uma unidade do corpo próprio em que todas as suas partes se apresentam como um todo e se implicam umas nas outras num determinado contexto prático do corpo no mundo. Relacionamo-nos assim com o mundo e os outros centrados no *corpo próprio*, numa relação em que o nosso corpo *vivido e expressivo é o sujeito subjetivo da percepção*; um *corpo da percepção* que *constitui e significa* tudo aquilo com que se relaciona, enquanto *ser afetivo no mundo* que se expressa de uma forma quase *mágica*.

Convivemos com o mundo e os outros através da nossa motricidade, *habitando esse espaço de encontro e entrecruzamento* através de movimentos expressivos que projetam sentidos e significados. A motricidade corporal é a base de tal movimento; por isso deve ser entendida como a forma originária do corpo que sou se dirigir às coisas e às pessoas.

Para Merleau-Ponty, «a exploração da pintura, da poesia e das imagens de um filme dá-nos uma visão nova do tempo e do homem tal como outras

²⁴⁹ Luís Francisco Aguiar de Sousa, «A intencionalidade do corpo como expressão em *A Fenomenologia da Percepção* de Merleau-Ponty», in *Intencionalidade e Cuidado. Herança e Repercussão da Fenomenologia: V Congresso Luso-Brasileiro de Fenomenologia. III Jornadas Ibéricas de Fenomenologia* (V. N. Famalicão: Edições Húmus, 2017).

formas de compreender a ciência e a filosofia»²⁵⁰. Novas formas que nos são também exigidas para compreender o que é afinal o corpo expressivo e o comportamento. Sendo corporal cada um dos nossos comportamentos, então o comportamento define-se como fenómeno relacional, o que significa que o comportamento e o corpo expressivo estão na base do nosso *ser no mundo*, interferindo com o espaço e sendo influenciado por este.

Estas considerações são, para nós, decisivas para o contexto do treino comportamental, âmbito de estudo e intervenção que, como tentámos mostrar na primeira parte desta tese, esteve na base da nossa incursão pelo terreno da filosofia. São, nomeadamente em dois sentidos: demonstra-se na prática do treino comportamental que sempre que mudamos o comportamento, alteramos o espaço, tal como sempre que mudamos o espaço, alteramos o comportamento. Esta evidência confirma e ilustra o conceito Merleau-pontyano de comportamento. Também podemos confirmar na prática do treino comportamental que os nossos comportamentos são expressivos a nível cultural, mas também são expressão de ambientes, contextos, relações intersubjetivas, hábitos. Também esta é uma lição que confirma e ilustra o centro da conceção de comportamento que estudamos nesta tese: o nível sociocultural nutre-se sempre de um nível pré-reflexivo do comportamento.

²⁵⁰ Nóbrega, «Le corps comme œuvre d'art», 274.

Capítulo VIII

Intercorporalidade e Comunicação Intersubjetiva

*Não vemos, nem ouvimos a consciência.
Ela não tem cheiro ou gosto.
Sente-se como coisa construída com a linguagem
não verbal dos estados corporais.*²⁵¹

1. Um mundo com outros

Enquanto falamos, as palavras e as frases que utilizamos misturam-se com momentos de silêncio e hesitação até que, por fim, decidimos o que dizer. E a nossa linguagem alimenta-se desses silêncios intermédios, num verdadeiro não dito, um *fundo de silêncio* que enriquece a respetiva capacidade expressiva – como se ao intermediar as palavras fosse tão (ou mais!) importante que as próprias palavras entretanto proferidas. «Toda a linguagem ensina-se a si própria... tal como uma música ou uma pintura que ainda não foram compreendidas, atraem por si mesmas o seu público e quando verdadeiramente dizem alguma coisa criam elas próprias o seu significado.»²⁵²

O significado das palavras que proferimos só aparece quando, situado num determinado contexto e representa uma forma própria de cada um ser quem é. Por exemplo, ao recebermos uma chamada telefónica de alguém que conhecemos bem, não só identificamos de imediato quem se nos está a dirigir como, principalmente, parece que essa pessoa está presente e entendemos perfeitamente o que nos pretende transmitir. Como se se abandonassem completamente ao tipo de comunicação que acontece e só verdadeiramente

²⁵¹ Damásio, *O Sentimento de Si*, 355.

²⁵² Merleau-Ponty, *Phénoménologie de la Perception*, 219.

Intercorporalidade e Comunicação Intersubjetiva

tivesse importância o significado das palavras e não propriamente as palavras entretanto utilizadas.

Veja-se, por exemplo, a opinião de Merleau-Ponty acerca desta importante questão alusiva à nossa capacidade expressiva através da fala: «O orador não pensa antes de falar, nem mesmo enquanto fala. A sua fala é o seu pensamento. Da mesma maneira o ouvinte não concebe a propósito dos sinais. O pensamento do orador é vazio enquanto ele fala e quando lê um texto diante de nós se for bem sucedida a expressão, não temos um pensamento à margem do próprio texto, as palavras ocupam todo o nosso espírito, elas vêm preencher exatamente a nossa perspectiva e sentimos a necessidade do discurso, mas não seríamos capazes de prevê-lo e somos possuídos por ele. O fim do discurso ou do texto será o fim de um encantamento.»²⁵³

Ao aprendermos em crianças a utilizar a nossa linguagem, não o fazemos juntando significados sintáticos e léxicos, mas sim procurando associar o que pretendemos expressar, aos meios que possuímos nesse momento para nos expressar. Através dos monossílabos que vamos utilizando (bá, pá, etc.), como posterior e gradualmente de algumas palavras (mamã, papá, etc.) e por fim de todo o corpo (movimentos, gestos, etc.), enriquecemos a nossa relação com o mundo que nos rodeia. «É preciso então reconhecer como um facto consumado essa potência aberta e indefinida de significar – quer dizer, ao mesmo tempo de apreender e de comunicar um sentido – como um fato último pelo qual o homem se transcende em direção a um comportamento novo, ou em direção ao outro, ou em direção ao seu próprio pensamento, através do seu corpo e da sua fala.»²⁵⁴

O mesmo sucede com a linguagem que se tratará então, para Merleau-Ponty, de remeditar de modo preciso: tratar-se-á de conceber, entre os conteúdos linguísticos, perceptivos, motores, e a forma que eles recebem ou a função simbólica que os anima, uma relação que não seja nem a redução da forma ao conteúdo, nem a subsunção do conteúdo a uma forma autónoma – uma relação que seja antes aquela que se desvenda quando, «A fala é a única, entre todas as operações expressivas, capaz de sedimentar-se e de constituir

²⁵³ Merleau-Ponty, *Phénoménologie de la Perception*, 219 e 220.

²⁵⁴ Merleau-Ponty, *Phénoménologie de la Perception*, 236.

um saber intersubjetivo... a fala instala em nós a ideia da verdade como limite presuntivo do seu esforço.»²⁵⁵

Para Merleau-Ponty, as palavras que proferimos exigem que as entendamos como se estivéssemos a *cantar o mundo*. «Não se pode dizer que a fala é uma operação de inteligência nem que é um fenómeno motor, ela é integralmente motricidade e integralmente inteligência.»²⁵⁶ Segundo este filósofo reside no *corpo próprio e vivido* a «origem» do sentido da linguagem, por via da aproximação das palavras que proferimos ao significado da linguagem gestual entretanto empregue. Já no que respeita à fala dos que conosco comunicam e respetiva interpretação do sentido dos seus gestos, assumimos como nossas as suas palavras e expressões gestuais, conjugando a respetiva fala, corpo, percepção e expressão gestual.

O que Merleau-Ponty pretende sublinhar é o seguinte: que quando comunicamos com alguém através da linguagem, as palavras que proferimos não são, portanto, meras reproduções de pensamentos, têm sempre um sentido e um significado e quer a nossa linguagem verbal como a gestual associam-se e complementam-se.

Os primeiros indícios da linguagem encontram-se desde logo na expressão emocional gestual. Quando comunicamos com alguém, envolvemo-nos mutuamente numa troca de significados que, consoante as culturas a que pertencemos, não podem naturalmente ser interpretados da mesma forma em termos emocionais, mímicos e ao nível da linguagem empregue. O que justifica a razão de, segundo um ponto de vista comunicacional, sentirmos nos outros um reflexo de nós próprios, incorporando o que pretendem comunicar.

Mais do que um mero fenómeno de articular sons, ou de exclusiva dimensão física ou fisiológica, ao falarmos, atribuímos sempre um sentido e um significado às palavras utilizadas. E falar também não significa a expressão de um pensamento prévio, mas sim o consumir desse pensamento. Claro que quem

²⁵⁵ Merleau-Ponty, *Phénoménologie de la Perception*, 231.

²⁵⁶ Merleau-Ponty, *Phénoménologie de la Perception*, 236. Seria interessante desenvolver, a partir daqui, uma perspetiva hermenêutica (que aqui não conseguiremos). Recordemo-nos de Paul Ricoeur quando defendeu que «falar significa sempre dizer alguma coisa» ou, ainda, que «a comunicação é, deste modo, a superação da radical não comunicabilidade da experiência vivida enquanto vivida». Acrescenta ainda o seguinte: «a linguagem não é um mundo próprio. Nem sequer é um mundo. Mas porque estamos no mundo, porque somos afetados por situações e porque nos orientamos mediante a compreensão de tais situações, temos algo a dizer, temos a experiência para trazer à linguagem.»

Intercorporalidade e Comunicação Intersubjetiva

ouve essa expressão verbal recebe como estímulo o conteúdo desse pensamento. Mas, tal como numa peça musical, literária, ou uma pintura, a palavra dita segrega afinal um determinado significado que, uma vez expresso, irá ser compreendido. O significado do que dizemos sobrepõe-se aos vocábulos utilizados e as palavras proferidas apresentam-se como qualquer gesto²⁵⁷. As emoções, os sentimentos e as palavras que vamos proferindo não são naturais e comuns a todos nós, mas sim instituídas. E o sentido das nossas palavras e gestos não se limita a um fenómeno físico ou fisiológico, pois o sentido dos vocábulos que utilizamos não são meros sons porque têm em si mesmos um profundo significado existencial. «É preciso que aqui o sentido das palavras seja, finalmente, induzido pelas próprias palavras ou, mais exatamente, que o seu significado concetual se forme pela cobrança de um significado gestual que é imanente à palavra. Num país estrangeiro começamos a compreender o sentido das palavras pelo lugar que ocupam num contexto de ação e de participação na vida comum.»²⁵⁸

As palavras que utilizamos são assim motricidade e inteligência (tal como os gestos!²⁵⁹), numa inerência com o corpo vivido e como meios e manifestação reveladora do que nos une ao mundo e aos que nos rodeiam.

Merleau-Ponty ao entender a linguagem como movimento expressivo e não um mero ato mecânico regido por leis fisiológicas ou químicas, reforçou a importância de uma comunicação expressa através do corpo todo, prolongando a nossa abertura aos outros e ao mundo exterior. Igualmente reforçou e complementou que também por via das palavras que proferimos,

²⁵⁷ Para que cada um de nós perceba o que nos pretendem comunicar, precisamos conhecer o vocabulário e a sintaxe utilizados, interpretando as palavras que nos dirigem como o fazemos através dos gestos e da mímica daqueles que comunicam connosco. O conhecimento prévio do outro clarifica o conhecimento daquilo que nos pretende comunicar, compreendendo gestos, postura corporal, mímica facial e visual, etc. Como se a intenção e o significado do que nos pretendem comunicar habitasse em nós e nos permitisse compreender os outros através do nosso corpo e da consonância corporal que estabelecemos com eles. Comunicamos numa reciprocidade de gestos e intenções, como se estas habitassem os nossos corpos através de uma consonância de experiências perceptivas. Onde o sentido emocional do que dizemos e a influência cultural do meio em que vivemos tem uma importância decisiva no impacto que temos naqueles com quem comunicamos.

²⁵⁸ Merleau-Ponty, *Phénoménologie de la Perception*, 218 e 219.

²⁵⁹ Ao comunicarmos através da linguagem, revelamos o que estamos a pensar e a sentir através do nosso tom de voz, dos nossos gestos, da nossa cara, etc. O nosso corpo apresenta-se portanto como um verdadeiro meio de comunicação, cujo conjunto de significações viventes nos permite compreender os outros e perceber as coisas.

expressamos e revelamos o corpo próprio, tal como que o respetivo sentido dessas palavras é muito influenciado e relacionado com o meio cultural em que estamos inseridos.

A expressão corporal e facial que utilizamos, bem como o respetivo tom de voz, não só correspondem à intenção significativa que pretendemos dar às palavras que utilizamos, como também repercutem nos outros de modo consonante. «O gesto linguístico, como todos os outros, desenha o seu próprio sentido. Ainda que esta ideia surpreenda, se queremos compreender a linguagem somos obrigados a aceitá-la se queremos compreender a origem da linguagem.»²⁶⁰ O plano da relação com o outro, neste sentido, deve procurar-se igualmente, no seu começo, do lado das estruturas vividas que sustentam a vocação corporal de mundo que o comportamento resume. *Comunicar* é, antes de tudo o mais, um comportamento. E a este nível há que compreender igualmente que todo o comportamento é intersubjetivo.

2. O comportamento e a questão do outro

Para Merleau-Ponty, ao nível do corpo anónimo, a experiência do mundo é sempre uma experiência intersubjetiva. Ou seja, ao nível pré-pessoal o comportamento já é sempre intersubjetivo. Em que medida? O corpo não é um espaço expressivo entre os outros é o próprio movimento de expressão que se projeta no exterior das respetivas significações.

Segundo Merleau-Ponty, estamos sempre em contacto anónimo uns com os outros: como se o *comportamento percetivo* fosse «outrossim sustentado pela organização da teia ou camada sensível partilhada por todos os corpos sensíveis»²⁶¹. A que se refere Merleau-Ponty? É certo que perceciono o outro como um organismo *animado* – perceciono-o não como um organismo que se comporta simplesmente de uma certa maneira, mas como um organismo que tem uma vida interior. Esta vida interior é presentificada, experienciada de algum modo, embora de uma maneira diferente de como experiencio a minha própria vida interior. O outro não me é dado à maneira da primeira pessoa, tal como me é dada a minha própria experiência.

²⁶⁰ Merleau-Ponty, *Phénoménologie de la Perception*, 226 e 227.

²⁶¹ Umbelino, «Filosofia do corpo e inventário da dor: (II)», 309.

Intercorporalidade e Comunicação Intersubjetiva

A questão filosófica clássica é a seguinte: como sei que estou perante outra pessoa e posso ter a certeza que os outros corpos são pessoas como eu? Como é que sei que existe outra pessoa como eu? Poder-se-ia argumentar com base em investigações psicológicas recentes, que a percepção é a modalidade cruzada (cross-modal) e que os sistemas visuais e proprioceptivos codificam as coisas na mesma *linguagem*²⁶² de tal modo que há uma certa similaridade que atravessa daquilo que vejo visualmente para o que sinto proprioceptivamente²⁶³. A este respeito, «Merleau-Ponty falaria de processos que envolvem esquemas corporais e a que se referiu como uma *intercorporalidade* que descreve como se segue: “entre este meu corpo fenoménico e

²⁶² Shaun Gallagher e Andrew N. Meltzoff, «The earliest sense of self and others: Merleau-Ponty and recent developmental studies», *Philosophical Psychology*, vol. 9, 1996. Estudos recentes comprovam que nascemos com um sistema inato que nos permite, não só uma ligação experiencial imediata entre nós e todos aqueles que nos rodeiam, como a possibilidade de sermos capazes de uma imitação infantil precoce. Em diversas investigações que envolviam recém-nascidos com cerca de uma hora de vida, já se verificava nesses bebés a capacidade de imitarem gestos faciais. Tal sistema está hoje identificado como sendo o nosso esquema corporal. Uma estrutura neural que nos possibilita não só, uma constante e total abertura ao exterior como, principalmente, a possibilidade de através das diferentes experiências sensoriais multimodais a que formos sujeitos, sermos capazes de constantes modificações e adaptações ao longo da nossa vida. Um esquema corporal que ao longo da nossa vida está relacionado com certas capacidades motoras, habilidades e hábitos que nos permitem não só o movimento, como a manutenção da postura corporal. E que interage e coordena a sua intervenção a nível comportamental com o conceito de imagem corporal. Conceito este que, por sua vez, envolve percepções, representações mentais, crenças e atitudes corporais. Digamos que a imagem corporal subentende a percepção do movimento a efetuar e o esquema corporal a realização efetiva desse movimento, embora ambos em muitas situações interajam e se complementem. Nessa complementaridade, o esquema corporal é um sistema de funções motoras pré-reflexivas, que atua inicialmente segundo processos pré-conscientes. Nesses momentos, o corpo sob a orientação do esquema corporal movimenta-se de forma coordenada e fluida, sem que para tal precisemos de, conscientemente, controlar os respetivos movimentos. Como se o corpo se diluísse nessa movimentação e a nossa imagem e percepção corporal ainda não fosse necessária. O que não obsta a que, obviamente, a imagem corporal e correspondentes consciência visual, tátil e proprioceptiva que temos do nosso corpo, muitas vezes não se complementem e se coordenem muitas vezes com a ação do esquema corporal. Esquema corporal e imagem corporal que a nível existencial pertencem a um sistema vital onde nem sempre é fácil distinguir as respetivas intervenções. Tal como, aliás, também não é fácil distinguir o carácter intermodal existente entre visão e gestos motores. Também no que respeita a imitação precoce está hoje comprovado que temos um esquema corporal inato que nos permite desde os nossos primeiros momentos de vida sermos capazes de imitar aqueles que nos rodeiam. Não só um esquema corporal, como uma consciência proprioceptiva verdadeira base em que irá assentar a futura consciência e imagem corporal.

²⁶³ Shaun Gallagher, «Fenomenologia da intersubjectividade: Perspectivas transcendentais empíricas», *Revista Filosófica de Coimbra*, n.º 42, 2012, 559.

o de outrem tal como o vejo de fora, existe uma relação interna que causa o aparecer do outro como a completação do sistema»²⁶⁴. A que corresponde esta perspetiva de Merleau-Ponty? Julgamos que se refere a uma espécie de *comunicação pré-reflexiva*, inconsciente que, antes de ser pensada, é vivida em certas disposições do corpo pré-pessoal. Mas como? E onde podemos confirmar esta circunstância?

Segundo Luís Umbelino, para responder a estas questões é necessário atentar no papel que «desempenha o corpo na própria origem da relação intersubjetiva – ou, se quisermos, como pode contribuir para resolver o problema da existência de outras mentes»²⁶⁵. Isto significa que é ainda o corpo a via de acesso mais primitiva ao outro e o que permite confirmar a respetiva realidade enquanto outro. A questão da intersubjetividade é, em Merleau-Ponty, questão de uma relação intercorporal. A proposta de Merleau-Ponty é interessante. Ao colocar a questão do outro a partir do corpo, tal questão é descentrada do sujeito egocêntrico e fechado sobre si mesmo, e passa a ser colocada do lado da própria relação anónima que todos os corpos mantêm entre si enquanto estruturas universais ou «formas gerais»²⁶⁶. E ao assentarem assim na relação entre corpos, poderia argumentar-se que os conceitos de intersubjetividade e intercorporalidade são uma faceta originária do próprio *fenómeno do comportamento*. Acerca do que Merleau-Ponty defendeu o seguinte: «Tenho à minha volta estradas, plantações, cidades, ruas, igrejas, utensílios como campainhas, colheres, cachimbos. Cada um destes objetos tem a marca da ação humana na qual serve. Cada um emite uma atmosfera de humanidade que pode estar pouco clara, como meros sinais de passos sobre a areia ou, pelo contrário, muito marcante como é no caso de uma visita a uma casa recentemente desocupada. Ora se não é surpreendente que as funções percetivas e sensoriais tenham perante si um mundo natural, pois são pré-pessoais, pode surpreender-nos que os atos espontâneos através dos quais o homem moldou a sua vida, se sedimentem e conduzam à existência anónima das coisas.»²⁶⁷

Estamos no mundo no meio de outros corpos e objetos com os quais nos relacionamos através do nosso *comportamento*, decorrendo este no mundo

²⁶⁴ Gallagher, «Fenomenologia da intersubjectividade», 559.

²⁶⁵ Umbelino, «Filosofia do corpo e inventário da dor: (II)», 291.

²⁶⁶ Umbelino, «Filosofia do corpo e inventário da dor: (II)», 308.

²⁶⁷ Merleau-Ponty, *Phénoménologie de la Perception*, 405.

Intercorporalidade e Comunicação Intersubjetiva

e no espaço através do modo como somos corpo no mundo (o nosso corpo envolve uma presença no mundo).

O nosso *comportamento* é na sua base pré-reflexiva sempre intersubjetivo e, na motricidade corporal, está desde sempre inscrita a presença dos outros. Através da aquisição de hábitos, sem necessidade de qualquer reflexão prévia, relacionamo-nos com o meio ambiente e com os que nos rodeiam, numa experiência constante de perceber em total envolvimento prático-motor. Os poderes anónimos do corpo habitual reconhecem uma *atmosfera de humanidade* que emana dos objetos; ou seja, o mundo tornado familiar é já sempre um mundo intersubjetivo, na medida em que, «o mundo é vivido desde sempre anonimamente como mundo humanizado por toda a parte. Por outras palavras o modo de convivência prática própria do modo mundano de ser do corpo habitual é uma forma de conhecer, reconhecer, recordar ou reencenar dinamicamente correspondências práticas às interpelações de um mundo pleno de marcas humanas»²⁶⁸.

Em cada uma das nossas experiências vividas desvenda-se um ambiente humanizado, que, para Merleau-Ponty, significa estarmos perante um poder (saber), anónimo do corpo também verificado quando perante uma sala vazia *sentimos* na disposição de alguns dos objetos ali colocados a *presença* de alguém que previamente ali esteve. Este é um verdadeiro plano pré-pessoal vivido na nossa relação com os outros que, segundo palavras de Luís Umbelino, permite estabelecer entre os seres humanos «um horizonte de humanidade que atravessa desde sempre o “nosso” mundo»²⁶⁹. Um conjunto organizado onde se situa o nosso corpo e onde o meu modo de estar no mundo nunca é, portanto, solitário. Talvez seja isto que explique a afirmação de Bernard Andrieu de que, «as estruturas neuro-sensoriais da perceção organizam inconscientemente a apreensão e o tratamento das informações ambientais, acrescentando que, o corpo se envolve no mundo: através dos neurónios espelho e da empatia o nosso corpo integra o meio envolvente através dos gestos dos outros»²⁷⁰.

²⁶⁸ Umbelino, «Filosofia do corpo e inventário da dor: (II)», 297.

²⁶⁹ Umbelino, «Filosofia do corpo e inventário da dor: (II)», 298.

²⁷⁰ Andrieu, «Le corps dans l'acte de son cerveau», 193. Tal como já o identificámos anteriormente, temos um corpo vivido e experiencial, verdadeira dimensão implícita da nossa experiência perceptiva e social, onde nunca estamos passivos pois estimulamos e somos estimulados numa clara valorização da nossa experiência de existir. Encontramos, aliás, na nossa atividade diária um

Para Merleau-Ponty é constitutivo o lado relacional e interativo do nosso modo de estar no mundo a ponto de deixar bem claro um determinado momento em que se torna *impossível diferenciar a cada instante o que pertence a cada um*. «O meu corpo não é somente um objeto entre todos os outros objetos, um complexo de qualidades sensíveis entre os outros, é um objeto sensível a todos os outros, que ressoa para todos os sons, vibra para todas as cores e fornece as palavras o seu significado primordial pela maneira como as acolhe.»²⁷¹

Gallagher entra neste debate argumentando que a posição de Merleau-Ponty é confirmada pela circunstância da ativação dos neurónios espelho nos acontecer automaticamente através daquilo que nos provocam aqueles que conosco se relacionam. A ativação do nosso sistema de ressonância (neurónios-espelho) constitui uma das partes fundamentais do nosso sistema percetivo, pois permite-nos identificar automaticamente as intenções daqueles com quem comunicamos. Ou seja, a nossa percepção dos outros assenta na direta e automática percepção das respetivas intenções. Entretanto, a designada teoria da interação de Gallagher permite-nos aprofundar a compreensão da noção de incorporação (*embodiment*) defendida por Merleau-Ponty.

Segundo Gallagher, praticamente desde que nascemos temos a capacidade de compreender e colocarmo-nos no lugar daqueles com quem nos relacionamos. O que representa desde logo uma forma de incorporação e significa que, sem renegar naturalmente muito daquilo que a ciência diz atualmente acerca desta questão, a nossa capacidade de interagir e compreender os outros não é meramente teórica, mas sim uma prática incorporada onde assenta a relação humana. «A fenomenologia diz-nos que a nossa forma mais usual de estar no mundo é através de uma pragmática interação (caracterizada por ação, envolvimento e interações centradas em fatores contextuais e ambientais) e não por processos mentais ou de contemplação concetual (caracterizada como explicação ou predição baseada em conteúdos mentais),»²⁷²

Acrescente-se que, «os nossos encontros com outros não são normalmente ocasiões para teorizações ou simulações... são antes do mais ocasiões para

exemplo elucidativo deste tipo de relação no fenómeno designado como *primeiras impressões*, quando num determinado momento encontramos alguém que não conhecemos e estabelecemos de modo instantâneo e pré pessoal uma influência mútua, umas vezes positiva, outras, negativa.

²⁷¹ Merleau-Ponty, *Phénoménologie de la Perception*, 283.

²⁷² Gallagher, *How the Body Shapes the Mind*, 212.

Intercorporalidade e Comunicação Intersubjetiva

interação e avaliação... não tendo como causa um estado mental mas sendo sim motivada por algum aspeto da situação tal como a experimentamos e a avaliamos... significando a noção de avaliação uma prática cognitiva que assenta numa incorporada capacidade pré-teorética que uma criança de 3 anos de idade já possui e lhe permite compreender situações intersubjetivas»²⁷³.

Gallagher fundamenta a interação humana e a compreensão daquilo que os outros fazem, enquanto determinadas práticas incorporadas, emocionais, sensório motoras, percetuais; na maioria das nossas relações intersubjetivas com outros seres humanos é isso que nos permite ter uma compreensão imediata das suas intenções. Intenções que aparecem evidentemente expressas nas nossas ações incorporadas e imediatamente espelhadas nas nossas próprias capacidades motoras. «Já existem em crianças muito jovens capacidades pré-teoréticas (não conceituais) de compreensão dos outros, pois antes dos 3 anos de idade possuem o sentido do que significam determinadas experiências... O sentido e a compreensão dos outros está aliás já implícito num modo primitivo no comportamento de um recém-nascido... As crianças respondem de modo distinto a caras ou corpos humanos... e tal acontece através de um inato esquema corporal que integra os sistemas sensoriais e motores... numa intencionalidade corporal comum. »²⁷⁴

Gallagher considera que agimos corporalmente (como um todo) antes de termos consciência disso mesmo, antecipando de um ponto de vista sensório-motor todo o tipo das próprias experiências conscientes (o já designado anteriormente fenómeno das *primeiras impressões*). Consoante vão decorrendo as nossas experiências de vida, vamos recebendo continuados *feedback* a nível propriocetivo, visual e tátil.

Tal como para Merleau-Ponty, também para Gallagher a experiência do corpo é a base em que assenta a criação e o desenvolvimento dos sentidos. Contraria deste modo, igualmente, a «cientificação» que durante algum tempo aconteceu ao redor do conceito de esquema corporal, «o esquema corporal não pode ser reduzido a uma pura explicação neurofisiológica do controlo motor porque o modo como se movimenta o meu corpo é em suporte das

²⁷³ Gallagher, *How the Body Shapes the Mind*, 213.

²⁷⁴ Gallagher, *How the Body Shapes the Mind*, 225.

minhas intenções pragmáticas e em resposta a características ambientais que permitem ou impedem minhas ações ou as dificultam»²⁷⁵.

3. Relações intercorporais

Para Merleau-Ponty, não é possível alcançar qualquer tipo de progresso significativo na investigação da nossa experiência de existir, enquanto não assumirmos como referência principal a continuada experiência vivida do corpo nas relações com o mundo e os outros. Ora, na realidade atual, nomeadamente perante as aproximações gradualmente verificadas entre a filosofia e a neurociência, fenómenos relacionais entre seres humanos como os da imitação precoce, das primeiras impressões, da ressonância afetiva, da percepção e processo de tomada de decisão, ilustram o quanto Merleau-Ponty conseguiu ser premonitório acerca do carácter decisivo dessa comunicação intersubjetiva.

Tal como já ficou expresso anteriormente, habitamos o meio ambiente através de uma continuada experiência perceptiva mobilizadora de um determinado modo de *habitar o espaço e o tempo* e organizar o respetivo campo perceptivo. Numa profunda conexão com a nossa dimensão sensitiva, vamos assim ao encontro das coisas e dos outros. Nessa nossa existência e respetiva relação com o mundo, centramo-nos nas experiências sensíveis do nosso corpo próprio e vivido. Trata-se de um trajeto existencial a que estamos sujeitos, onde não é naturalmente possível separar a atribuição de um sentido e um significado a tudo o que fazemos, da noção de transcendência ou do corpo próprio/vivido.

A consciência originária não é um ato de pensamento, mas um encontro entre nós e o mundo que se concretiza no corpo vivido por via das experiências entretanto efetuadas; e tal acontece através da nossa expressão motora enquanto intencionalidade originária, verdadeira consciência originária. A consciência do outro é assim, antes de mais, a experiência peculiar de ser *corpo de outrem*.

O nosso andar, os nossos gestos, o modo como falamos e olhamos, o nosso tom de voz, tudo funciona para os outros como a informação que precisam para nos compreender e avaliar. O que para Luís Umbelino representa

²⁷⁵ Gallagher, *How the Body Shapes the Mind*, 246.

Intercorporalidade e Comunicação Intersubjetiva

«uma corporeidade complexa, dinâmica e estratificada, cujo modo de ser essencialmente dinâmico se completa incorporando o espaço e densificando o tempo»²⁷⁶. O corpo integra o espaço e densifica o tempo²⁷⁷.

Luís Umbelino chama assim a nossa atenção para o facto de que «tal fenómeno parece reclamar a consideração do outro através de uma partilha de empatias, de uma oscilação mútua de afetividades que aflora pré-intencionalmente no Leibkörper e obriga a situar a relação intersubjetiva num plano propriamente pré-intencional, justamente aquele que Merleau-Ponty entenderá conduzir à dimensão anónima e pré-pessoal do corpo»²⁷⁸.

Devemos assim considerar a importância de não limitarmos narcisicamente a nossa relação com os outros e com o mundo, habitando o mundo num modo de pertença que, tal como anteriormente ficou expresso, também podemos chamar habituação. «O mundo é vivido desde sempre anonimamente como mundo humanizado por toda a parte. Por outras palavras, o modo de convivência prática própria do modo mundano de ser do corpo habitual é uma forma de conhecer, reconhecer, recordar ou reencenar dinamicamente correspondências práticas às interpelações de um mundo pleno de marcas humanas – ou melhor: pleno de traços de habituações antigas do anonimato do corpo que, nos objetos, corpos e lugares permanecem (mais ou menos fantasmagóricos) disponíveis a renovadas correspondências, anexações e incorporações práticas da mesma potência anónima e pré-pessoal de anexação e incorporação dinâmicas.»²⁷⁹

Ao redor de cada um de nós temos assim como que uma *atmosfera de humanidade* em que o convívio com os outros nos permite uma experiência vivida criadora de hábitos²⁸⁰ por anexação ou incorporação de objetos e espaços. «Trata-se da dimensão do hábito que (para além de ser esquema corporal) quotidianiza ou familiariza o espaço intersubjetivo através da sua vocação para incorporar ou anexar dinamicamente objetos e lugares. Assim,

²⁷⁶ Umbelino, «Filosofia do corpo e inventário da dor: (II)», 292.

²⁷⁷ Merleau-Ponty diz que «o contorno do meu corpo é uma fronteira que as relações espaciais ordinárias não ultrapassam» (*Phénoménologie de la Perception*, 127).

²⁷⁸ Umbelino, «Filosofia do corpo e inventário da dor: (II)», 295.

²⁷⁹ Umbelino, «Filosofia do corpo e inventário da dor: (II)», 297.

²⁸⁰ Segundo Merleau-Ponty, «eu posso instalar-me no meio que me envolve, através do meu corpo como potência de um certo número de ações familiares» (*Phénoménologie de la Perception*, 135).

deve entender-se que o hábito comporta, ao mesmo tempo, um movimento de incorporação ou anexação do mundo, e a concretização de uma disposição corporal que se ritualiza, se “espiritualiza” e se inscreve concretamente na forma dos objetos, na “história” dos lugares e nos costumes que os iluminarão.»²⁸¹

Como que uma experiência pré-pessoal em que, por um lado, estranharmos determinado objeto ou situação ainda não vivenciada e, pelo outro, como que revelamos parecer *saber* o que fazer e quando, relativamente a essa mesma situação ou objeto. Também no que se refere ao modo como em determinadas circunstâncias *sentimos* a presença de alguém, num espaço entretanto vazio. «Imaginemo-nos a entrar em “uma casa recentemente desocupada”, sobre uma mesa vemos um cachimbo equilibrado num cinzeiro e, junto a uma cadeira, encontramos uma prótese “em pé”. Tudo neste enquadramento emitirá “uma atmosfera de humanidade”, embora a casa permaneça desocupada dos seus habitantes. Trata-se aqui, pois, de uma experiência ambígua, equívoca e perturbadora: “não se vê ninguém” e, simultaneamente, “tem-se a sensação” de “perceber” alguém presente em ausência naquele cachimbo e naquela prótese.»²⁸²

Uma constante tensão entre aquilo que é o nosso conhecimento expresso e o saber anónimo do corpo, como no exemplo em que, mesmo não estando ninguém presente naquela sala, conseguimos *sentir* a presença de *alguém* através daqueles objetos recentemente utilizados. A nossa experiência do mundo parece muitas vezes não ser exclusivamente nossa, pois através do poder de significação pré-pessoal que todos possuímos, compreendemos também os outros através de uma experiência incorporada do mundo. «Um verdadeiro poder anónimo e pré-pessoal de pertença mundana do corpo, uma tensão, referida entre o que objetivamente percebo e o que anonimamente se percebe em mim, entre o que sinto e o que se vem sentir em mim, entre o que é “meu” no meu corpo atual e o que é do “outro” no “meu” corpo habitual e anónimo... “Eu” e “outro” não somos duas mentes encerradas numa caixa craniana, mas desde sempre dois corpos vividos partilhando, reencenando e misturando anonimamente comportamentos tacitamente significados

²⁸¹ Umbelino, «Filosofia do corpo e inventário da dor: (II)», 298.

²⁸² Umbelino, «Filosofia do corpo e inventário da dor: (II)», 298.

Intercorporalidade e Comunicação Intersubjetiva

por transposição vivida. O “outro” é então de algum modo já sempre “conhecido” pela própria motricidade ou intencionalidade originária do corpo não intencional.»²⁸³

Nós e os outros, enquanto órgãos de uma única intercorporalidade, somos corpos sensíveis e excitáveis e, em simultâneo, sujeitos e objetos, *coisas que sentem* e pertencem à mesma dimensão intersubjetiva²⁸⁴. Luis Umbelino argumenta, a este respeito, que «não será, portanto, verdade que para conhecer o outro seja sempre necessário conhecer-nos primeiro a “nós-próprios”, que um “Eu” tenha que estar dado à partida como certeza de si. Ao contrário, é o facto de, como corpo, “eu” não coincidir comigo mesmo por força da dimensão anónima e pré-pessoal da minha corporeidade complexa que o outro é possível para mim»²⁸⁵.

Compreendemos a presença dos outros corpos com os quais nos identificamos, mas não estabelecemos analogias ou projeções pois sentimo-nos mutuamente copresentes numa verdadeira e profunda convivência. Só conhecemos os outros a partir de uma experiência relacional (de coexistência) que com eles estabelecemos intencionalmente através de uma percepção (consciência) com o percebido.

Consciência percetiva e sujeito de um comportamento em permanente diálogo com os outros e o mundo, em que os outros nos aparecem numa copresença inerente à filosofia da intercorporeidade e do inconsciente, onde a vivência percetiva constitui a base em que assenta a nossa aquisição de conhecimento.

Tudo o que tem a ver com a nossa relação com os outros não pode assim ter como ponto de partida um “Eu” tendencialmente egocêntrico. «Já que ao nível concreto e originário da experiência vivida a existência do outro parece ser desde sempre uma evidência – uma evidência “testemunhada” corporeamente, por exemplo, num olhar que prende, num abraço que se partilha imediatamente, numa palavra que toca, ou numa carícia que arrepia.»²⁸⁶

²⁸³ Umbelino, «Filosofia do corpo e inventário da dor: (II)», 300.

²⁸⁴ Para Merleau-Ponty, «cada um de nós emite uma atmosfera de humanidade quer sejam pequenos sinais dos nossos passos na areia, ou pelo contrário, se visito de cima a baixo uma casa recentemente desocupada» (*Phénoménologie de la Perception*, 405).

²⁸⁵ Umbelino, «Filosofia do corpo e inventário da dor: (II)», 301.

²⁸⁶ Umbelino, «Filosofia do corpo e inventário da dor: (II)», 301.

Uma vocação intersubjetiva e inconsciente do nosso corpo vivido, continuamente levada a cabo através de uma experiência perceptiva incorporada. «O problema do outro não seria sequer concebível se, antes de qualquer distinção ou separação intransponível entre “eu” e o “outro” e a um nível originário a experiência vivida não fosse sempre uma experiência intersubjetiva desvendada pelos “poderes desconhecidos” do corpo – se não fosse, portanto, digamo-lo desde já, uma relação intercorporal ou intercorpórea.»²⁸⁷

Este saber do corpo vai dando significado ao que experienciamos, envolvendo-nos num sentimento de pertença em que os objetos²⁸⁸, os espaços e lugares, os outros²⁸⁹ se desvendam como o outro lado da intencionalidade motora. Convivemos afinal com os outros como se fosse conosco próprios, somos partes de um mesmo fenómeno que os outros e nós integramos em simultâneo. «A possibilidade de que falamos forja-se num plano bem mais fundo da corporeidade vivida do que o mero aparecer fenomenal do corpo como “meu” frente a um “outro”; tal possibilidade depende antes da troca de esquemas corporais que, pré-intencionalmente, fazem o curto-circuito da distinção vulgar entre interior e exterior, imanência e transcendência. Dir-se-ia que os esquemas corporais oscilam num ritmo partilhado, obrigando a supor, para começar, que a fenomenalização do “meu” esquema é, ao mesmo tempo, fenomenalização do fenómeno do fenómeno outro do esquema corporal do outro enquanto tal no mesmo aceno de fenomenalização.»²⁹⁰

Entre nós e os outros existe uma relação de coexistência e percepção mútua, que encontra em cada um de nós o prolongamento das nossas intencionalidades; o meu corpo e o dos outros coexistem no mesmo mundo como um todo, tornando-se coniventes na respetiva subjetividade e intercorporalidade. «Não é por um corpo vivo ter comportamentos perceptivos que algo se percebe (por restrição do ser ao ser percebido), na sua realidade; é porque o mundo

²⁸⁷ Umbelino, «Filosofia do corpo e inventário da dor: (II)», 303.

²⁸⁸ Veja-se este exemplo: ao pretendermos utilizar uma cadeira, *o corpo ensina-nos* como utilizá-la e, se não existisse corpo, não existiria cadeira separada do corpo, como também não existiria o movimento de nos levantarmos da cadeira, comer sentado numa cadeira, etc. Existe um saber utilizar aquela cadeira que nos é dado pelo corpo. Tudo isto a ilustrar uma familiaridade antiga entre corpo anónimo e cadeira e a expressar a relação fundamental entre o corpo e o espaço.

²⁸⁹ Para Merleau-Ponty, «quando o meu olhar se cruza com o olhar do outro, eu registo essa existência estranha através de uma espécie de reflexão» (*Phénoménologie de la Perception*, 409).

²⁹⁰ Umbelino, «Filosofia do corpo e inventário da dor: (II)», 307.

Intercorporalidade e Comunicação Intersubjetiva

natural se define como essencialmente sensível que pode ser perceptiveiramente percebido. A intencionalidade prática não pode compreender-se apenas a partir da reflexividade corporal; tal capacidade perceptiva é outrossim sustentada pela organização da teia ou camada que não é nunca um “mundo em bruto”, mas já sempre um “espaço inter-mundano”, um “intermundo”, enfim um “ser intercorpóreo” onde se cruzam ante predicativamente “os olhares” e se sobrepõem as nossas percepções.»²⁹¹ Ao nível da relação intercorporal e intersubjetiva as nossas emoções não são simplesmente estados mentais; estão corporalizadas e percecionáveis nas diferentes circunstâncias em que nos relacionamos e interagimos. Intersubjetividade que, para Merleau-Ponty, está diretamente relacionada com a incorporação sempre presente ao estarmos no mundo através da nossa *consciência perceptiva*. Corporeamente, lançamos olhares que *prendem*, palavras que *tocam*, carícias que *arrepiam*²⁹², numa experiência vivida assente numa relação intercorporal indicativa de uma clara vocação intersubjetiva, anonimamente desenrolada pelo corpo e onde o sentido primitivo da intersubjetividade é trazido pelo aparelho significante, cognoscente do corpo anónimo.

Para Merleau-Ponty a percepção do outro envolve, assim, co-existência e cooperação. Estas capacidades, segundo Gallagher, dizem-nos que, «a intersubjetividade primária consiste em capacidades sensório-motoras inatas ou de desenvolvimento-precoce que nos colocam em relação com os outros e nos permitem interagir com eles. Estas capacidades manifestam-se ao nível da ação e da experiência perceptiva orientada para a ação – vemos ou em geral percecionamos nos movimentos corporais, gestos, expressões faciais, direcionamento dos olhos, entoação vocal, etc., das outras pessoas, o que tencionam fazer e o que sentem, e respondemos com os nossos próprios movimentos corporais, gestos, expressões faciais, olhar, etc. A este respeito a percepção é percepção-para-a-ação ou percepção em ação e não observação desconectada»²⁹³.

Para Merleau-Ponty, tudo o que se refere à nossa comunicação intersubjetiva encontra-se profundamente interrelacionado com as nossas experiências corporalizadas e afetivas. «Existe uma intencionalidade corporal (ou motora),

²⁹¹ Umbelino, «Filosofia do corpo e inventário da dor: (II)», 309.

²⁹² Umbelino, «Filosofia do corpo e inventário da dor: (II)», 302.

²⁹³ Gallagher, «Fenomenologia da intersubjectividade», 570.

distribuída através dos agentes em interação, uma intencionalidade que não poderia ser realizada sem a ocorrência efetiva da interação. O significado, a intencionalidade da ação individual reside na interação. Ou seja, nos casos de interação as intenções de alguém não se formam unicamente no seu corpo individual, como resultado de um processo subjetivo isolado, mas dependem de uma maneira dinâmica, das solicitações e respostas dos outros. A intercorporalidade envolve influência mútua de esquemas corporais, uma resposta dinâmica e enactiva (*enactive*) à ação de outrem, tomando esta ação com uma oportunidade para ações e interações subsequentes.»²⁹⁴ Afinal, «aprendemos sobre o mundo e aprendemos como nos envolver com as coisas por intermédio da interação e ação conjunta, intercorporal, com os outros. Aprendemos o que é importante, o que é relevante, o que é aceitável, etc., justamente a partir destas interações»²⁹⁵. No fundo, na presença uns dos outros, experimentamos uma ressonância continuada entre as expressões e os comportamentos dos que nos rodeiam e a nossa própria capacidade expressiva. E o conhecimento do corpo não está em oposição ao intelectual, mas sim ambos se encaixam um no outro e se sustentam mutuamente.

Quando num determinado meio ambiente pretendemos dirigir-nos para, ou afastar-nos de pessoas ou objetos, não temos primeiro a respetiva percepção e só depois reagimos. A percepção e o movimento formam um sistema que age como um todo e, nesse momento, qualquer experiência (visual, tátil, etc.) nunca decorre em separado mas sim de modo integral, reagindo em função daquilo com que nos deparamos (uma determinada situação ou pessoa) e através do corpo todo (do ser global).

²⁹⁴ Gallagher, «Fenomenologia da intersubjectividade», 574.

²⁹⁵ Gallagher, «Fenomenologia da intersubjectividade», 576.

Conclusão

*A intencionalidade na motricidade humana, não se encontra vinculada a uma consciência expectante e sobranceira ao mundo da vida. A motricidade humana é sempre uma atividade orientada.*²⁹⁶

1. Filosofia do comportamento de Merleau-Ponty

Ao longo destas páginas, confrontámo-nos com *as coisas mesmas* da *Filosofia do Comportamento* de Merleau-Ponty²⁹⁷. Uma verdadeira celebração do

²⁹⁶ Manuel Sérgio, *Da Ciência à Transcendência: Epistemologia da Motricidade Humana* (Lisboa: Universidade Católica Editora, 2019), 144.

²⁹⁷ Salientando a enorme influência de Merleau-Ponty em tudo o que respeita ao estudo e investigação da percepção, diz-nos Alain Berthoz («La conscience du corps») que Merleau-Ponty teve a intuição do carácter fundamentalmente multimodal da percepção. Não podemos compreender a percepção através de estudos separados dos diferentes sentidos. O mundo real e o mundo percebido não são os mesmos. Para Berthoz, Merleau-Ponty propõe uma ideia muito moderna e ainda pouco documentada nas neurociências, que a ação e o movimento são essenciais para perceber. Segundo Berthoz, face ao que defendem hoje as neurociências, Merleau-Ponty estava certo ao misturar o estudo do que designa como o *olhar* e os mecanismos de controlo dos movimentos dos olhos e da atenção (teoria motora da atenção). Comentando a afirmação de Merleau-Ponty, quando este disse: *sinto-me olhado pelas coisas*, Berthoz estabelece a relação respetiva com a empatia, entendida como a capacidade humana de anteciparmos as reações dos outros colocando-nos no seu lugar. O mesmo no que respeita à percepção da profundidade dos espaços que nos rodeiam e em que nos inserimos, ao referir que Merleau-Ponty revelou uma preocupação moderna ao combinar largura e distância, defendendo que a percepção da profundidade resulta também de um jogo subtil entre o contexto espacial e os objetos em busca de um mundo coerente. Acerca do modo como os seres humanos apreendem o espaço que os envolve, Merleau-Ponty antecipou então aquilo que hoje as neurociências designam como espaço egocêntrico e espaço allocêntrico. Verdadeiramente revolucionária para a altura, posteriormente os estudos neurocientíficos comprovaram que «consoante a tarefa e durante o mesmo movimento podemos mudar de referencial de uma fase para a outra desse movimento [...] durante um movimento do braço ou uma locomoção o cérebro pode utilizar várias geometrias [...] e ao mesmo tempo vários «espaços». Está hoje

diálogo do nosso corpo com o mundo, através de um corpo próprio e vivido que, como já o dissemos anteriormente, se constitui num verdadeiro *entrançado de visão e movimento*. Também numa descoberta constante do que nos acontece em cada dia vivido, esse primeiro deslumbramento, que nasce do simples facto de se ver, de se sentir e de se surgir, aí – do facto desse duplo encontro do mundo e do corpo, na origem de qualquer saber, e que excede o concebível. A também já referida *loucura da visão*, bem como o *encantamento de ver e sentir* em simultâneo e a capacidade de *fazer ver com palavras* que Merleau-Ponty nos refere nas suas obras.

Surgiu, assim, um novo ciclo de aprendizagens, que nos foi impondo uma mudança de paradigma profissional, nomeadamente, no que diz respeito aos conceitos de Merleau-Ponty acerca de percepção, consciência, intencionalidade, motricidade, comportamento e corpo expressivo, intersubjetividade e intercorporalidade. Um caminhar filosófico imprescindível desenhou-se no horizonte, para que futuramente a nível profissional, possamos continuar a treinar a nível comportamental de um modo muito mais fundamentado do que acontecia até ao momento.

Como objetivo central, é nosso interesse conseguir que os corpos daqueles com quem trabalhamos e a sua respetiva motricidade se expressem como um pincel na mão de um pintor, um poeta ao escrever um poema, um maestro a dirigir uma orquestra, um bailarino a executar uma coreografia. Em paralelo, pretendemos continuar a procurar aprofundar os contributos do desporto de alto rendimento para o enriquecimento da experiência humana²⁹⁸.

perfeitamente demonstrado que a noção de *nível espacial* defendida por Merleau Ponty fazia todo o sentido, nomeadamente «no que respeita à intervenção do corpo na percepção da vertical». O mesmo se pode dizer no que respeita ao conceito de *mundo* de Merleau-Ponty, quando Berthoz afirma que o filósofo nos convida a definir um conceito de mundo, não como somente o mundo físico ou natural em que nos inserimos, mas uma emulação de um conjunto de relações entre o mundo exterior e o interior, criada em permanência consoante os objetos, o passado e respetivos limites. Berthoz esclarece assim que o conceito de mundo de Merleau-Ponty está para além do meio físico em que nos inserimos, envolvendo igualmente tudo o que de intersubjetivo e intercorporal se estabelece entre nós, as coisas e os outros que nos rodeiam. Muito interessante também quando Berthoz defende que a emoção não é só uma reação, nem, como Damásio propõe, uma forma de homeostasia, mas sim um modo de anteciparmos e prepararmos o nosso organismo para a ação futura, tornando o mundo possível. Concluindo que «o pensamento de Merleau-Ponty é um importante utensílio para refletir e descobrir as bases naturais da percepção e da sua relação com a ação».

²⁹⁸ Por exemplo, interessámo-nos pela estreita relação que se foi gradualmente estabelecendo entre desporto e literatura. Manuel Alegre, em homenagem a um futebolista profissional (Eusébio),

escreveu: «Havia nele a máxima tensão / Como um clássico ordenava a própria força / Sabia a contenção e era explosão / Não era só instinto era ciência / Magia e teoria já só prática / Havia nele a arte e a inteligência / Do puro e sua matemática / Buscava o golo mais que golo – só palavra / Abstração ponto no espaço teorema / Despido do supérfluo rematava / E então não era golo – era poema.» (*Eusébio por Manuel Alegre*, disponível em: <http://delitodeopiniao.blogs.sapo.pt/5958821.html>). António Reis, em homenagem ao futebol enquanto espetáculo, disse: «Aos domingos / aos domingos o golo no estádio / chega até minha casa / e até ao mar / O próprio sol / é uma imagem de couro no espaço / a chuva uma imagem de redes batidas / Ah! Que fazer / senão esperar pela semana / dormindo» (*Poemas Quotidianos*, disponível em: <http://static.publlico.pt/poema/default.asp?data=2000-02-07>). Mia Couto, referindo-se aos seus tempos de jovem praticante de futebol, descreveu-nos a sua experiência da seguinte forma: «Quando jogávamos, deixávamos de ser nós. Deixávamos de ser. E éramos tudo, todos. Vivos e mortos se perfilavam no panteão dos que nunca perderam. Na minha gloriosa equipa, eu era avançado de centro. Um eufemismo, talvez, designar-me desse modo. Porque eu apenas fintava. Nunca rematava. A minha alcunha em *chissena* já dizia essa habilidade: eu era o *kiywa*, o fintador. Um *fintabolista*, como chacoteavam outros. Faltava, porém, um nome para a minha inabilidade. “Caraças, para ganhar é preciso marcar, pá! Esse gajo é um poeta. É o que ele é: um poeta.” Era Jujú Chuteirinho, o nosso treinador. Talvez ele, o mister, tivesse razão. Talvez o meu terreno fosse realmente a poesia. Mas a beleza do futebol não está no golo. Como na arte do namoro: o fascínio está nos preparativos. O encanto está no que não pode ser traduzido nem em números nem em palavras. A partida de futebol é sempre mais do que o resultado.» (*Pensageiro Frequente*, Lisboa: Caminho, 2010; 11, 12 e 16).

Também Ortega y Gasset estabeleceu uma relação entre a filosofia e o desporto. Citando Margarida I. Almeida Amoedo, em «O significado filosófico do esforço desportivo em José Ortega y Gasset»: «Que relação teve Ortega com o desporto? – perguntará alguém que não seja um conhecedor da obra orteguiana. Podemos considerá-lo um filósofo do desporto? Encontramos nele alguma justificação da importância da Filosofia do Desporto? [...] O que, isso sim, é certo é que durante décadas (embora com mais frequência na segunda e terceira do século passado), os textos do pensador espanhol aludem ao desporto e, sobretudo, ao carácter desportivo de certas formas de viver, em que aos nobres guerreiros de outras épocas se vêm juntar o *gentleman*, o praticante de um ou mais desportos e o filósofo. O interesse de Ortega pelo desporto dá-se, principalmente, por duas ordens de razões: por um lado, toma o desporto como uma das tendências do seu tempo, a respeito do qual sente ser indispensável meditar; por outro lado, encontra no universo desportivo um conjunto de imagens que lhe permitem caracterizar, por analogia, a vida humana e a Filosofia enquanto maneira peculiar e heróica de viver.» (*Estudos Filosóficos*, São João del-Rei, n.º 12, 2014: 109-117. Disponível em: <https://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/12617/1/O%20significado%20filos%20c3%b3fico%20do%20%27esfor%20a7o%20desportivo%27%20em%20J.O.G.%20PrePrint.pdf>).

O que nos exige *regressar* a Manuel Sérgio e concluir que o treino na área comportamental não pode (não deve!) esquecer em termos futuros que: «A Filosofia, no quadro dos saberes universitários, tem a seguinte e nobre missão: fundamentar, inter-relacionar e complementar. No meu modesto entender, fundamentar, inter-relacionar e complementar todas as formas de conhecimento, mormente o conhecimento científico. [...] Inter-relacionando o Desporto e a Filosofia, o Desporto ensina à Filosofia que a transcendência é o sentido da vida.» (Manuel Sérgio, «O Desporto como Ciência e como Filosofia», *Ética no Desporto*, site jornal *A Bola*, 13 de abril de 2016, disponível em: <https://www.abola.pt/Nnh/Noticias/Ver/607070>). No fundo, contribuir para o transportar para a vida o conceito de transcendência permanentemente presente no mundo

Também nos focámos no que Renaud Barbaras designou como *consciência corporal*. Mesmo arriscando uma citação demasiado longa, veja-se como Barbaras nos esclarece acerca da tese fenomenológica de Merleau-Ponty: «Na *Fenomenologia da Percepção*, Merleau Ponty apoia-se nos resultados entretanto recolhidos para tentar uma descrição da nossa experiência segundo um ponto de vista “interno”, melhor dizendo fenomenológico. Apesar de na sua primeira obra Merleau-Ponty centrar a sua investigação no conceito de comportamento, na *Fenomenologia da Percepção*, é o sujeito do comportamento humano, ou seja o corpo próprio, que se apresenta em primeiro plano. Não se trata portanto do amontoado de carne e ossos sobre o qual a medicina e a biologia trabalham, mas do corpo que vejo como profundamente meu porque é nele que me ponho à prova e é o vetor dócil das minhas intenções, corpo que na verdade sou e que não possuo. Ora está claro que a prova que faço ao meu corpo vem confirmar os resultados da psicologia conduzida na terceira pessoa. Os meus movimentos, por exemplo o gesto de apreensão de um objeto, não podem ser explicados razoavelmente como efeito mecânico de estímulos exteriores. Além disso tal explicação requer uma multiplicidade de alternativas cientificamente pouco convincentes, sendo desmentida pelo próprio gesto mais simples de apreensão. É por demais evidente que se trata de um movimento intencional, que se dirige ao objeto e não é estranho a si mesmo [...]. É evidente que os dedos adotam espontaneamente a velocidade, a posição e a pressão necessárias para uma apreensão eficaz do objeto sem que uma representação seja requerida para o conseguir [...]. Existe assim qualquer coisa como um “saber” do corpo acerca do objeto que não tem nada a ver com o conhecimento, como o demonstra elucidativamente a compreensão súbita de um gesto na aprendizagem... como se fosse uma consciência corporal, anónima, pré-pessoal [...]»²⁹⁹

Uma consciência corporal e anónima que, como Barbaras explicita, temos em cada um de nós, *um saber do corpo* que nos permite *compreender* os gestos a realizar de uma forma pré-pessoal. Afirma também que não é possível explicar a vida encarando simplesmente tudo aquilo que a biologia defende acerca do funcionamento dos seres humanos: «Não é a análise molecular,

do desporto; pois é nessa capacidade de superação que tudo o que é humano encontra a sua significação e o seu sentido.

²⁹⁹ Barbaras, *Merleau-Ponty*, 17 e 18.

Conclusão

mas sim a nossa experiência que nos permite distinguir um gesto de preensão, um comportamento de fuga ou uma atitude de repouso. [...] Não é na biologia onde temos de investigar o que é a vida, já que simplesmente esta não é o seu objeto. A biologia não fala da vida, senão do modo de funcionamento dos organismos reconhecidos como vivos»³⁰⁰. Barbaras diz ainda que «viver é estar vivo, mas também é sentir, fazer a experiência de algo, viver uma experiência»³⁰¹.

Futuramente, o *Treino na Área Comportamental*, em geral e, mais em particular, os treinadores comportamentais estarão perante o desafio de cumprirem (ou não!) com aquilo a que a *filosofia do comportamento* aqui investigada os vai «obrigar a pensar». Mas em que sentido?

2. Dinamismo vivido e dinamismo interpelante do mundo

Merleau-Ponty defende que, para compreender o mundo, apenas nos podemos basear na nossa experiência de pertença conivente com o que nos envolve. Na base de uma tal experiência, o filósofo desvenda a circunstância de uma mistura, de um imbricamento sustentado pelo corpo vivido. De algum modo, o comportamento resume tal imbricamento: é um dos seus nomes. Por isso podemos afirmar que o comportamento é uma realidade vivida e não uma realidade simplesmente sociológica, biológica ou psicológica. Também o será. Mas no seu fundo e no seu começo o comportamento é aquela mistura, aquele entrecruzamento entre o dinamismo vivido, esquematizador, anónimo, familiarizador do corpo e o dinamismo interpelante do mundo que reclama do corpo certos gestos e respostas. É a partir do *comportamento* que compreenderemos, portanto, a maneira como *estamos no mundo* e o modo como o mundo está desde sempre em nós.

O comportamento é um *dinamismo corporal, intencional*, que só existe quando aparece em determinadas circunstâncias – aquelas que fazem aparecer a nossa relação fundamental entre um determinado *dinamismo corporal* e

³⁰⁰ Renaud Barbaras, *Introducción a una Fenomenología de la Vida: Intencionalidad y Deseo* (Madrid: Ediciones Encuentro, 2013), 54.

³⁰¹ Barbaras, *Introducción a una Fenomenología de la Vida*. 46.

a espacialidade do mundo. Essa é uma relação significativa, melhor dizendo, uma relação que, quando existe, *cria um significado, descobre um sentido prático*, e que *se completa nos objetos e nas pessoas que nos rodeiam*, tendo por base o corpo e *completando-se nele* – um corpo que é «expressão do mundo», *um corpo expressivo* que se comporta de uma determinada maneira.

Para Merleau-Ponty, o comportamento *acontece-nos num primeiro estrato de forma pré-reflexiva*, através de uma constante *negociação* entre o corpo, as coisas e os outros que nos envolvem. Na sua base uma *estrutura comportamental anónima e inconsciente* – estrutura essa que é, na verdade, *uma correlação pré-reflexiva de corpo e mundo* (de corpo e meio, de corpo e espaço). Sem essa estrutura, nenhum comportamento complexo (pessoal, cultural, político, etc.) poderia nascer. «É impossível sobrepor no homem uma primeira camada de comportamentos que chamaríamos de “naturais” e um mundo cultural ou espiritual fabricado. No homem tudo é natural e tudo é fabricado, como se quisesse, no sentido em que não há uma só palavra, uma só conduta que não deva algo ao ser simplesmente biológico – e que ao mesmo tempo não se furte à simplicidade da vida animal, não desvie as condutas vitais de sua direção, por uma espécie de “regulagem” e por um génio do equívoco que poderiam servir para definir o homem. A simples presença de um ser vivo já transforma o mundo físico, faz surgir aqui “alimentos”, ali um “esconderijo”, dá aos sentidos um sentido que eles não tinham. Com mais “razão” ainda a presença de um homem no mundo animal. Os comportamentos criam significações que são transcendentais em relação ao dispositivo anatómico e todavia imanentes ao comportamento enquanto tal, já que este se ensina e se compreende. Não se pode fazer economia desta potência irracional que cria significações e que as comunica.»³⁰²

Entendendo o mundo natural aqui referido como o mundo que recebemos, e o mundo cultural como aquele que construímos, Merleau-Ponty expressa nesta citação que não vivemos num mundo natural, com a existência de um cultural por cima, mas sim, simultaneamente, num mundo natural e cultural, pois é impossível sobrepor estes dois mundos³⁰³.

³⁰² Merleau-Ponty, *Phénoménologie de la Perception*, 230.

³⁰³ Para Merleau-Ponty, tudo o que tem origem biológica é *natural* e determina as condutas vitais que caracterizam a vida animal. Um conjunto de características inatas e comportamentos instintivos herdados biologicamente. Por sua vez, para Merleau-Ponty é *cultural* tudo o que é inventado e determina as condutas culturais que nos caracterizam espiritualmente. A cultura é um

Conclusão

Considere-se o exemplo cotidiano de *agarrar* um objeto: nesse movimento o corpo completa-se enquanto motricidade; o nosso corpo descobre nesse momento o que aquele objeto significa e adapta uma das nossas mãos automaticamente à respetiva forma. E é nesse *completar da nossa mão* na garrafa que assenta o que designamos como o *fenómeno do comportamento*. Eis porque podemos afirmar que, para Merleau-Ponty, o *comportamento* é o nome de um dinamismo que tem por base o corpo e se completa no mundo. Outro exemplo: estamos em nossa casa; nessa presença opera o *corpo como princípio de pertença, significando a casa ao mesmo tempo que a casa completa o sistema do corpo*. Chamamos a esta circunstância «conforto», «familiaridade»³⁰⁴: no seu fundo tudo isso tem por condição fenomenológica a circunstância do corpo se completar na casa e a casa completar o dinamismo do corpo. É sobre esta base que todos os demais comportamentos se irão estruturar, codificar, significar e criar.

O corpo do comportamento é um *corpo vivido e fenomenal*. O corpo fenomenal não é o corpo objetivo. No corpo vivido a percepção e o movimento formam um sistema que se modifica com um todo. Quando as coisas e os outros nos aparecem, exigindo uma determinada tarefa, o nosso corpo realiza o movimento necessário como se tratasse de uma atração à distância. Neste sentido, «cada estimulação corporal desperta, em lugar de um movimento atual, um tipo de movimento virtual» que corresponde a uma espécie de dinamismo de expansão do corpo³⁰⁵.

conjunto de tradições, valores transmitidos pela educação e por herança social. Num ser humano é impossível de separar o que é natural do que é cultural.

³⁰⁴ Quando sentimos nesse contexto, fazemo-lo através da subjetividade. Se num determinado momento e ambiente em que nos encontramos sentimos desconforto, estamos subjetivamente influenciados pelo ambiente. As emoções não existem separadas do corpo, são a expressão do mundo que nos envolve e influencia. O que sentimos não é nosso, é do mundo. Quando por exemplo sentimos amizade, sentimo-la por alguém, não a temos em nós. Os movimentos de um pintor, ou de um atleta de alto rendimento, não lhes pertencem, são do mundo. Um artista ou um atleta de alto rendimento apresentam determinados movimentos através dos quais revelam coisas do mundo que outros não conseguem identificar. Através da sua percepção identificam no mundo aquilo que outros não conseguem, revelando assim o enigma da percepção. Artistas e atletas de alto rendimento mostram aos outros aquilo que eles ainda não descobriram e que estes, por sua vez, procuram imitar. Através da nossa percepção vemos só uma parte, posteriormente acrescentamos o que falta. Trazemos para a realidade em que vivemos as relações entretanto vividas.

³⁰⁵ Merleau-Ponty, *Phénoménologie de la Perception*, 182.

Na base do nosso *comportamento*, está então uma maneira de ser corpo que não coincide com o que eu próprio sei sobre mim como *sujeito no mundo*. Haverá, portanto, sempre aspetos do comportamento concreto que escapará à explicação, que escapará ao controlo consciente, digamos assim: é que esse fundo anónimo e relacional do comportamento tem a sua própria «lógica» e opera os seus próprios significados sob a vigência do sujeito. Ao encontrarmos outra pessoa, por exemplo, sob as certezas e determinações conscientes, opera igualmente um encontro intercorporal anónimo sem o qual nenhuma relação intersubjetiva seria possível. Esse encontro, digamos assim, é o *corpo que o sabe primeiro*.

Ao falarmos de uma execução centrada *no corpo do hábito*, importa recordar de novo o que é o hábito no conceito merleau-pontyano. Para Merleau-Ponty, o *hábito* é o que nos permite instalar nas coisas e nos outros, incorporando-os no volume do nosso corpo vivido. São os hábitos que dilatam a nossa possibilidade de estar no mundo, acontecendo-nos de forma pré-reflexiva. E isto porque existe uma dimensão do nosso corpo da qual não damos conta. Nos momentos em que expressamos determinados hábitos, a nossa corporeidade, apesar de ser material, não é experimentada enquanto tal. O nosso *corpo vivido*, consoante determinado contexto do ambiente em que nos inserimos, *ativa de forma pré-reflexiva os movimentos necessários sempre em diálogo com as solicitações do mundo*. Veja-se, uma vez mais, o exemplo de um jogo de basquetebol em que um jogador corre para o cesto aguardando que lhe passem a bola. Nesta situação de jogo, quer o cesto, quer a bola *são as solicitações do mundo*. E a *incorporação* é assim um aspeto das características do hábito e da experiência do *corpo vivido*, ou seja, do *corpo do comportamento*.

No mundo desportivo e empresarial, é constante a referência à importância da existência de objetivos comuns. Apesar de ser uma verdade usualmente verbalizada e assumida, acontece por vezes que alguns membros de determinadas equipas expressam, de forma surpreendente, comportamentos totalmente contrários à coesão pretendida. Ainda recentemente³⁰⁶, ao mais alto

³⁰⁶ Numa competição europeia da modalidade de futebol profissional, de transcendente importância a nível económico e desportivo, uma das melhores equipas portuguesas apresenta-se reforçada e ambiciosa perante um adversário claramente mais fraco. Todas as hipóteses apontavam assim, tal como os objetivos expressos pelo nosso representante, no sentido de um sucesso mais ou menos fácil. O treinador, acabado de ser recrutado, anuncia previamente estarem

Conclusão

nível de rendimento desportivo nacional e internacional, aconteceu que uma nossa equipa profissional de futebol, rodeada das melhores e mais mobilizadoras condições e apoios para alcançar um resultado positivo, contra um adversário perfeitamente acessível, mesmo assim não o conseguiu. Como foi possível tal ter acontecido? Precisamente porque existe uma dimensão do *comportamento*, *anónimo* e *inconsciente*, que nos escapa em determinadas circunstâncias. Algo aconteceu no decurso daquele jogo, no que respeita à dimensão pré-reflexiva das relações intersubjetivas de jogadores e treinadores, que terá sido predominante, pela negativa. Para além das palavras proferidas e dos apoios prestados, embora parecesse estar tudo devidamente antecipado e previsto, mesmo assim não aconteceu o resultado pretendido. Ou seja, a base corporal intersubjetiva da realidade do *comportamento* teve seguramente naqueles jogadores e treinadores um impacto imprevisto. O que nos exige considerar a realidade do *comportamento* humano de um modo muito mais profundo do que muitas vezes acontece.

Qualquer organização, desportiva ou empresarial, ao ser formada por um conjunto de pessoas, tem como meta que estas se relacionem entre si ao serviço de objetivos comuns. Pretende-se que entre essas pessoas exista *como que uma partilha de corpos e de objetivos*. Mas enquanto *corpos anónimos*, ao se influenciarem mutuamente, *fazem-no primeiro de forma pré-reflexiva* e, só depois, consoante as palavras proferidas, as condições e os incentivos existentes, etc. O que atribui uma enorme importância à dimensão pré-reflexiva, intercorporal e intersubjetiva, em que os corpos interagem primeiro de forma anónima e inconsciente e representa uma enorme dificuldade para qualquer treinador que pretenda preparar antecipadamente os comportamentos pretendidos. Fenómeno que, naturalmente, procurámos aprofundar nesta investigação filosófica.

O que se deve entender por *corpo vivido* ou *corpo próprio*, nos seus estratos mais profundos, é precisamente isto: o corpo é a realidade vivida de uma correspondência irrefletida às solicitações do mundo. No decurso de uma continuada *abertura ao mundo* e consoante as necessidades vitais que vamos sentindo, a nossa percepção e os movimentos respetivos formam um sistema que se vai modificando globalmente. Conforme ficou expresso nesta

preparados para, palavras textuais, *arrasar, jogar três vezes melhor que anteriormente*. Pois assim não aconteceu. E foram eliminados.

investigação, a noção de esquema corporal, quando entendida em sentido merleau-pontyano, resume bem esta circunstância. Para Merleau-Ponty, o esquema corporal nomeia, neste sentido, a dimensão de totalidade que caracteriza o vivido do corpo, a sua unidade intrassensorial, intersensorial, motora e mundana. Dito de outro modo, o esquema corporal funciona como uma unidade sensorial e motora mediadora da pertença perceptiva ao mundo, mas esta *pertença* deve ser bem entendida: não se trata de uma pertença referida a uma espacialidade posicional, mas sim determinada por uma espacialidade situacional (e essa espacialidade tem de ser compreendida a partir do todo vivido do corpo para as respetivas partes). O esquema corporal constitui um sistema de equivalências provenientes das diferentes tarefas motoras que vão sendo instantaneamente desenvolvidas ao assumirem o espaço em que se inserem. Em suma, o esquema corporal é o que nos dá a certeza vivida – e não a representação neurológica – da posição relativa de cada parte do corpo em cada momento. Este é um elemento fulcral de uma *filosofia do comportamento* como aquela que pretendi investigar; de facto, a noção de comportamento com a qual tentámos trabalhar define-se a partir do corpo e completa-se no *diálogo prático, motor*, que enquanto sujeitos corporais estabelecemos com o mundo ao nosso redor.

Um exemplo, retirado da nossa experiência de treinador profissional de basquetebol, ilustraria da seguinte forma o que acabámos de afirmar: pergunte-se o que é um campo de basquete? A verdade é que não há um campo de basquetebol em abstrato; nem existe objetivamente um campo de basquete (que não é, de facto, a realidade objetiva de um recinto ou local). A realidade de um campo de basquetebol só existe na maneira como aparece o espaço do jogo nos movimentos vividos e espacializados dos jogadores *enquanto jogam* (enquanto, portanto, *percebem* realmente o campo (e a bola, e uns aos outros, etc.)). O mesmo sucede quando um jogador de basquetebol corre no campo a caminho do cesto. Para Merleau-Ponty, naquele momento, o que lhe interessa é a *realidade da experiência vivida* contida naquele movimento. A experiência de um dinamismo que se completa com o espaço do campo, em que o jogador se molda a tudo o que o envolve e, por sua vez, aquilo que o envolve se molda ao jogador. Fenómeno que Merleau-Ponty chamou de *incorporação*, pois o jogador de basquetebol joga com o seu corpo vivido *num campo incorporado*. Nesses momentos, o jogador tem *o mapa do campo dentro do corpo*, como tem *o mapa de companheiros e adversários, o da bola, dos cestos, etc.*

Conclusão

Segundo Merleau-Ponty, essa experiência vivida do corpo fenomenal do jogador é o centro do *comportamento*. Uma realidade onde se encontra colocado o corpo objetivo, mas que é habitada, desvendada e desdobrada pelo corpo fenomenal do jogador, através de um dinamismo que se molda às tarefas a desenvolver, *completando-se nelas*. Tudo isto, numa interação com os outros jogadores, o campo, a bola e o cesto, em que o jogador faz por vezes coisas em jogo que não só não sabe como as fez, como também muitas vezes não as consegue repetir. Também o designado banco dos suplentes constitui um exemplo interessante. Quando, num campo de basquetebol, os suplentes não se sentam nesse banco lateral, a *realidade* desse banco, *enquanto fenómeno*, deixa de existir. Só existe quando os suplentes se sentam nele de determinando modo e assim contribuem para completar a respetiva realidade; por seu turno, tal realidade do «banco» completará o modo de «estar» de cada um nesse lugar e circunstância.

Como se treina tal circunstância? Como se treina o *vivido do corpo*? Eis a dificuldade. Talvez treinando para o hábito, para a familiarização com os objetos (a bola... a caneta...) e os espaços³⁰⁷. Mas como treinar aquilo que o corpo vivido sabe fazer melhor e mais cedo do que qualquer «sujeito pensante»? Quando o jogador executa algo excelente de modo «impensado», tal significa que já tem incorporada essa execução, *melhor dizendo, esse hábito*, e que nada o vai «desfocar», pois está no fundo treinado a mover-se «no seu corpo vivido». Este é um aspeto complexo. Talvez se deva reconhecer que não há porventura «receitas» definitivas para o treino comportamental. *Estar no mundo como corpo vivido* não é estar no mundo como coisa, mas sim estar no mundo como potência, como força de significação das coisas e do mundo. Diríamos que o «modo de estar» altera a realidade; e as circunstâncias de qualquer situação fazem oscilar o vivido do corpo em igual medida. Se «receitas» existirem para o treino comportamental – quer a nível empresarial ou desportivo – essas apenas poderão ser traduzidas do seguinte modo: preocupação pelo modo como pessoas e ambientes mutuamente se influenciam. No mundo empresarial, a persistência em designar pessoas como «Recursos

³⁰⁷ Exatamente como quando andam, não se dispersam pensando nos movimentos das pernas e dos pés; sempre que treinam e jogam, *têm de o fazer com o corpo que incorpora*. Só este lhes permitirá fazer coisas inesperadas, sem pensar, que é o mesmo que dizer *tirando o corpo objetivo da frente*. No fundo, executando movimentos conforme os *hábitos adquiridos*.

Humanos», equiparando-as afinal a qualquer outro tipo de recurso como sejam computadores, móveis, etc. é o princípio de muitos equívocos³⁰⁸.

Tal é igualmente verdade – e particularmente verdade – se considerarmos o caso decisivo das relações intersubjetivas. O *comportamento* revela o mundo em que estamos inseridos como povoado por outros. Quando nos relacionamos, processa-se um encontro de corpos anónimos e vividos que se identificam uns com os outros de forma pré-reflexiva, enquanto base de uma constante relação intersubjetiva. *O nosso comportamento completa-se assim no comportamento dos outros*; e na base do comportamento está o corpo vivido, que inicia as *significações do mundo*. O outro aparece, portanto, sobre a circunstância de um envolvimento intercorporal. Ao olhar o outro estamos a interrogar e a reaprender a ver o mundo. O mundo é isso que percebemos em cada visível, embora o que percebamos só seja visível quando nos aparece disponível para o nosso olhar. Por sua vez, quando olhamos, relacionamo-nos com o mundo de forma espontânea, abrindo-nos totalmente através dos nossos movimentos para aqueles com quem nos relacionamos. A experiência percetiva tem, portanto, duas dimensões: uma, subjetiva, quando focada no exterior de modo intencional e significante coexistindo com o mundo visível; outra, reflexiva, quando nos interrogamos acerca do que aprendemos, através das experiências vividas. Abrimo-nos ao mundo, olhando o que nos é visível, mas, naturalmente, não temos uma visão plena daquilo que se nos torna visível. Temos limitações relativamente ao que nos é visível, o que para Merleau-Ponty significou que em tudo o que nos é visível existe sempre algo de invisível; definindo o filósofo que por essa razão a nossa visão é afetada por uma determinada *cegueira* que a impede de ver o todo do que entretanto se lhe depara.

³⁰⁸ Jorge Araújo, *O Caminho do Futuro – Treino na Área Comportamental* (Lisboa: Guerra e Paz Editores, 2010). «Introdução. Os quadros de empresas não são máquinas programáveis! São, sim, seres humanos que pensam, interpretam e se emocionam. Cujas autoestima, autoconhecimento e autopreparação necessitam saber utilizar ao seu serviço. Ensinando-os a aprender, em vez de insistirmos que *engulam* um saber exterior sem significado ou utilização imediata útil. Quem aprende não é um recipiente vazio! Formar e treinar não se destinam a *encher* os formandos e os treinandos com o nosso saber. Desde que nascem, transportam *condições base* passíveis de serem desenvolvidas, precisando, para isso, de serem envolvidos e responsabilizados no respetivo processo de aprendizagem. Quem forma e treina precisa de entender que deve ter uma visão otimista acerca das capacidades daqueles que ensina. Deve acreditar no seu potencial e proporcionar-lhes os meios de que necessitam para se desenvolverem e progredirem.»

Conclusão

O nosso olhar interroga as coisas visíveis do mundo; mas o visível tem sempre aspetos invisíveis. Há uma *cegueira da visão*: os olhos aproximam-se do que é visível, mas mantêm-se à distância do que não conseguem ver (um invisível e um visível que se habitam um ao outro)³⁰⁹. O que permanece invisível em cada visível é, pois, a totalidade englobante do mundo que nos envolve e situa. Como nota Berthoz, «a visão dos objetos pode perfeitamente desencadear uma percepção de ser olhado. Mas isto, para mim, diz respeito sobretudo à ideia que podemos colocar-nos no lugar das coisas para olhar. Para ser mais explícito diria que, talvez, não tenha pensado que as coisas olham, mas que pode, com seu duplo, colocar-se no lugar das coisas para olhar. O que se junta à minha teoria da empatia»³¹⁰.

Como já o dissemos atrás acerca da constante referência do mundo desportivo e empresarial à importância da existência de objetivos comuns, tal nunca impediu que, por vezes, alguns membros de determinadas equipas expressem, de forma surpreendente, comportamentos totalmente contrários à coesão pretendida. O que nos obrigou a uma busca constante das respostas necessárias, e esta investigação é prova disso mesmo.

3. Como ensinar e treinar atletas e quadros de empresas

Regressemos então à questão do treino comportamental no qual intervi-mos profissionalmente e que motivou a nossa presente incursão pela investigação filosófica. Uma das questões centrais na nossa profissão é determinar quando emerge por vezes um bom ou um mau ambiente comportamental. Ou seja, *como ensinar e treinar cada uma das pessoas* que integram equipas – desportivas ou empresariais – *com o objetivo de, ao trabalharem coletivamente, fazerem aparecer um ambiente de trabalho positivo*. Este objetivo é particularmente difícil, pois existem nas relações entre essas pessoas *zonas anónimas do comportamento*. Quer ao nível desportivo como empresarial,

³⁰⁹ Nóbrega, «Le corps comme œuvre d'art», 279. «Merleau-Ponty leva-nos a crer que entre a pintura, a literatura e a filosofia estão criadas ligações e pacientes testemunhos secretos que formam o enigma da visão, da linguagem e do pensamento (Imbert, 1997). O enigma reside no fato que o corpo é ao mesmo tempo o que vê e o que é visto.»

³¹⁰ Berthoz, «La conscience du corps», 15.

decorre entre as pessoas que compõem as respectivas equipas um plano relacional anónimo e inconsciente que *não só se inicia de modo intersubjetivo, como continua a influenciar essas relações mesmo quando se tornam conscientes*. Torna-se, então, relevante para o treino comportamental descobrir que, sob os comportamentos codificados das pessoas envolvidas em dada circunstância profissional, existem sempre relações e influências anónimas, intersubjetivas, intercorporais e relacionais, que se fundam no próprio modo de imbricamento de corpo e mundo. Ilustra-o o exemplo da experiência de duas pessoas de uma empresa, numa viagem de elevador em que nem sequer falam uma com a outra. Apesar disso, já se estão a influenciar mutuamente. A simples presença de ambas no elevador, naquele dia, pode transformar por completo a respetiva experiência ao longo do dia. A razão disto acontecer é a de que na base dessas relações intersubjetivas existem relações intercorporais e anónimas e, ao partilharem a mesma estrutura corporal anónima e intersubjetiva, estabeleceram entre si uma determinada empatia, positiva ou negativa.

Para Merleau-Ponty, o *comportamento*, enquanto realidade fenoménica, é a correlação (*vivida*, que ultrapassa as tentativas de biologização, naturalização ou cerebralização do comportamento) entre a motricidade corporal (intencionalidade). O *comportamento humano* assenta afinal num jogo «pré-humano» de atrações, de encontros e desencontros, sobre o qual se constrói tudo o resto da cultura humana. Assim, poderia dizer-se que todo o pensamento sobre o comportamento nasce de um *irrefletido do comportamento*.

Reside no significado desta afirmação uma das grandes dificuldades contidas na tarefa dos treinadores comportamentais. O que está na base do nosso *comportamento* é uma relação pela qual o vivido do corpo se completa no vivido do mundo e o vivido do mundo aparece como aquilo que completa o vivido do corpo. O comportamento, eis a nossa tese, é um dos nomes desse modo de *estar no mundo*, que nos *completa* em tudo o que nos rodeia, e isto através do envolvimento do nosso *corpo vivido e experiencial no espaço, que nos abre para a realidade e contribui para o aparecimento dessa realidade*.

Neste sentido, poderá argumentar-se que vivemos num mundo, simultaneamente vivido e construído, natural e cultural. Melhor: o natural é já sempre cultural no mundo humano. Para este filósofo, do ponto de vista da experiência *vivida*, mundo natural e mundo cultural são uma e a mesma coisa, pois o vivido é já sempre significação prática e, portanto, o mundo já sempre algo que *faz sentido*.

Conclusão

Por esta razão é que Merleau-Ponty, ao estudar a pintura de Cézanne, afirmava que «a visão do pintor é um nascer continuado»³¹¹. Poderíamos dizer o mesmo de outro modo: o comportamento é um nascer continuado. No livro, *L'Oeil et L'Esprit*, Claude Lefort coloca no Prefácio o que considera uma questão central: «Em que consiste o milagre do corpo humano, a sua inexplicável animação assim que se estabelece o seu mudo diálogo com os outros, com o mundo e ele próprio – e também a fragilidade de tal milagre?»³¹² Questão a que Merleau-Ponty responde: «Um corpo humano está aí, quando entre vidente e visível, entre aquele que toca e é tocado, entre um olho e outro, entre a mão e a mão, acontece uma espécie de recruzamento quando se acende a faísca do que sente-sentido, quando se ateia esse fogo que não mais cessará de arder, até que determinado acidente do corpo desfaça o que nenhum acidente terá podido desfazer»³¹³.

Voltando um pouco atrás, à base fenomenológica de tal afirmação, veja-se este exemplo prosaico, mas importante, para ilustrar o que fica dito. Quando numa praia simulamos uma baliza com dois montes de areia, verdadeiramente, esta baliza só o é quando um dos jogadores se instala na posição de guarda-redes. E quando referimos a posição de guarda-redes, não o fazemos em exclusivo relativamente à postura agachada e de braços abertos de quem adota a referida posição de guarda-redes, mas também à presença de um jogador com uma bola, simulando o gesto de rematar a baliza. No fundo, necessitamos da criação global do envolvimento dos corpos dos jogadores no espaço em que se inserem, completando assim o aparecer da realidade *do campo de futebol*. Ou seja, a realidade daquela baliza precisa, para aparecer, da presença e motricidade dos corpos. E são os comportamentos corporais que fazem aparecer a baliza. Como noutras circunstâncias poderíamos também dizer que são os respetivos comportamentos corporais dos colaboradores de uma empresa que fazem aparecer a realidade dessa empresa enquanto tal. O exemplo é, no fundo, o mesmo.

Quem faz uma empresa, ou uma qualquer organização, não são as suas instalações apenas, tal como não são os computadores, as impressoras, ou os seus diferentes recursos por si só. O que faz uma empresa, a sua atmosfera

³¹¹ Merleau-Ponty, *L'Oeil et L'Esprit*, 32.

³¹² Merleau-Ponty, *L'Oeil et L'Esprit*, 11.

³¹³ Merleau-Ponty, *L'Oeil et L'Esprit*, 21.

e concretude é o *comportamento* daqueles que a compõem. A empresa aparece aí – ou não aparece de todo. E isto é que, no fundo, é o *comportamento no seu plano mais originário: o corpo vivido e a sua percepção e motricidade formam um sistema funcionando como um todo*.

4. Como desprender do corpo objetivo e reencontrar o corpo vivido

Quer para atletas de alto rendimento, como para quadros de empresas, todo o tipo de circunstâncias «ambientais» (pressão, relações humanas, objetivos, etc.) repercute-se e é repercutida no «tecido» do comportamento. O que significa que necessitam aprender a *desprenderem-se desse corpo objetivo e a reencontrarem-se no seu corpo vivido*, regressando a um centro dinâmico em que se concentram exclusivamente naquilo que treinaram habitualmente como solução para os diversos problemas com que se confrontam. E isto através de uma determinada familiaridade fundamental que, como diz Merleau-Ponty, só o *hábito incorporado* lhes permitirá *jogar dentro do corpo fenomenal*. Podemos ilustrar o que significa a expressão *jogar dentro do corpo fenomenal* considerando o seguinte exemplo, que, uma vez mais, retiramos da nossa experiência profissional: imagine-se um jogador de basquetebol que usa óculos e que, permanentemente, está preocupado com a possibilidade de os óculos lhe caírem da cara. Sendo a condição fundamental para poder executar os gestos técnicos necessários, *não dar conta dos óculos*, estes estão permanentemente a retirá-lo do corpo vivido e a *colocar-lhe à frente o corpo objetivo*, que obviamente o faz pensar e racionalizar, em vez de executar inconscientemente, incorporando a sua execução conforme os hábitos técnicos previamente adquiridos durante o treino. Que dizer, então, daqueles treinadores que, no decurso da competição, persistem em estar permanentemente a *colocar-se na frente do corpo do hábito dos seus atletas*, gritando recomendações, fazendo recriminações, aconselhando inclusive o que e como fazer? Quando afinal esses atletas precisam, acima de tudo, de se concentrar no seu espaço de familiaridade com as tarefas?

Treinadores desportivos ou quadros de empresas com funções de chefia necessitam assumir que *quem joga são os jogadores, não os treinadores*. Tal como defendi nas conclusões do meu livro *Pensar e Intervir como um*

Conclusão

*Treinador*³¹⁴, desenganem-se aqueles que pensaram que ser pai, professor, gestor de empresas, político, quadro de empresas, etc. é algo inato. Para todos eles urge que saibam retirar uma lição importante para a sua reflexão sobre o «treino comportamental»³¹⁵. Sem margem para dúvidas, somos todos seres do comportamento, o que significa que todos somos seres da relação. Enraizados no mundo, mantemos um diálogo relacional constante com os outros, com os espaços e com os objetos, que nos ajuda de forma decisiva a completar a nossa motricidade. Sobre esta base, aprendemos e treinamos, principalmente, se forem garantidos climas de aprendizagem e de trabalho onde dominem a cooperação e o trabalho em equipa. Em que todos devem ser tratados com justiça mas, por isso mesmo, também todos devem ser reconhecidos quando fazem bem e, caso errem, sejam convidados a refletir sobre o erro cometido, num processo constante de melhoria contínua.

Ressalta assim a importância de *Pensar e Intervir como um Treinador*, onde a palavra COACH ganha um significado muito para além do mundo desportivo em que começou a ser utilizada. Em COACH, o C é de *Care* (Cuidar), o O de *Observe* (Observar), o A de *Act* (Agir), o C de *Communicate* (Comunicar) e o H de *Help* (Ajudar) ganham um peso significativo. Deixando bem clara qual a responsabilidade de pais, professores, treinadores, quadros de empresas e dirigentes políticos, em tudo o que respeita a alimentarem (FEED) o potencial para ser excelentes daqueles que lideram, nomeadamente, os mais jovens: F é de *Focus*, Foco na tarefa e nos objetivos a alcançar; E de *Energy*, Energia e paixão em tudo aquilo que fazemos; e E de *Effort*, Esforço e trabalho árduo constantes; finalmente, D é de *Dexterity*, Destreza e competência técnica e comportamental.

Por debaixo deste contexto do treino comportamental, Merleau-Ponty «obriga-nos» a não esquecer qual a realidade sobre qual efetivamente trabalhamos. Aprendemos com este filósofo que o comportamento é um fenómeno relacional e que as suas «peças» fundamentais são, no seu fundo, o dinamismo da nossa corporeidade e as exigências práticas do mundo. Tais componentes

³¹⁴ Araújo, *Pensar e Intervir como um Treinador*, «Conclusões».

³¹⁵ Michel Récopé e Hélène Fache, «La sensibilité incorporée des volleyeurs les plus “ actifs ”», in *Le corps en acte : Centenaire Maurice Merleau Ponty* (Nancy: Presses Universitaires de Nancy, 2010), 97. Segundo estes autores, a apreensão percetiva do mundo baseia-se na ação de viver, dando prioridade ao ato, tal como acontece no sentir, no perceber e no agir... numa unidade do organismo no seu meio ambiente.

– porque é disso que aqui se trata – desvendam-nos a estrutura fenomenológica do comportamento, «por debaixo» de todas as técnicas e intervenções do treino comportamental. Estrutura fundamental que é relacional: o dinamismo do corpo vivido completa-se no dinamismo do espaço vivido; o «estar-no-mundo» humano, portanto, é o nome de uma vocação de convivência ao que rodeia e situa, interpela e perturba. Quando, como treinador, se tenta «intervir» sobre os «comportamentos», o que se faz é, antes de mais, trabalhar e transformar comportamentos através de situações (treinos) que não se desliguem da realidade ou contexto concreto de referência. Em seguida, tenta-se reforçar a importância da dimensão intersubjetiva. Por fim, procura-se estabelecer objetivos comuns mobilizadores da motivação individual e coletiva, tal como da partilha de valores positivos. Mas, no fundo, o que se visa, o que se «toca» é aquela estrutura em parte pré-reflexiva, corporal, vivida, que não se pode conceber como um objeto, mas apenas descrever como fenómeno. Estrutura pré-reflexiva essa que, por exemplo, entre os membros de uma determinada equipa, existe sempre como uma dimensão comum. Afinal, quando em equipa, o comportamento de uns *complementa-se* no comportamento dos outros, e assim vão *habitando* o respetivo meio ambiente: *comportando-se, instalando-se e incorporando*.

5. Síntese Final

a) Tratou-se aqui de procurar repensar filosoficamente a ciência do treino na área comportamental como *ciência do homem integral*, como sugerido por Manuel Sérgio. Afinal, o caminho está para uma *filosofia do comportamento integral* em diálogo com as descrições fenomenológicas mais profundas dos fenómenos do comportamento vivido, entendido como *relação*, convivência, pertença mundana.

Na perspetiva filosófica aqui investigada, o comportamento não é o resultado estrito de processos neurobiológicos, mas antes o nome de um imbricamento do dinamismo vivido e expressivo do corpo e o dinamismo interpelante do mundo. O ponto de partida foi essa correlação entre corpo (entendido como corpo de alguma coisa) e mundo (entendido como mundo para um dinamismo corporal). E é sobre tal correlação que tudo o mais de comportamental se constrói e configura.

Conclusão

b) Como seres humanos, estamos perante uma verdadeira circularidade entre processos corporais e processos mundanos, centrada na complementaridade dos nossos sentidos e do mundo, em que o corpo, a experiência do movimento e a percepção emergem da motricidade numa profunda relação circular entre o corpo como um todo e a totalidade do meio. Encarados globalmente e numa interação e complementaridade constantes, o corpo (vivido), a percepção e a motricidade revelam o seguinte: que o comportamento é um modo de sintonização familiar com tudo o que nos rodeia. É corporal e depende de experiências anteriores sedimentadas, estando por essa mesma razão muito para além da simples destreza mental, técnica, morfológica ou fisiológica. O comportamento – tal como esta investigação assim o procurou comprovar – é a capacidade experiencial que tem na sua base um corpo vivido: um sistema sensorio motor (visual, vestibular, propriocetivo, cinestésico), regulado inconscientemente e sobre o qual se estrutura uma corporeidade atual em que assentam as decisões fundamentais do nosso quotidiano. E *ser corpo no mundo* significa assim sermos coniventes, comprometermo-nos, coexistirmos com tudo o que nos rodeia, resumindo a motricidade merleau-pontyana essa possibilidade.

c) Somos verdadeiros *centros de ação* da nossa existência, através de um comportamento aberto ao mundo em continuado debate com o mundo físico e social. Um meio ambiente que não é nunca uma pura exterioridade, pois o nosso comportamento é sempre intencional, através de um dinamismo do corpo que se completa nas interpelações práticas do mundo. *Mundo* em que nos inserimos de acordo com significados vitais próprios e nos *oferecemos* às ações que pretendemos realizar. Fazemo-lo através de um comportamento que, para Merleau-Ponty, é sinónimo de intencionalidade. Intencionalidade que, para este filósofo, é sinónimo de motricidade, pois, quando vemos, *vejo sempre alguma coisa*, quando cheiramos, *cheiro sempre alguma coisa*, quando pensamos, *penso sempre alguma coisa*, quando tocamos, *toco sempre alguma coisa*, etc. Estamos assim perante uma intencionalidade que não é uma ação, nem um ato, mas sim uma estrutura fenomenológica que nos permite *ser no mundo*. Quando vemos, ou percebemos, *estamos dentro do mundo*, como um corpo que é o primeiro plano da consciência e da expressão do mundo.

Veja-se de novo um exemplo da nossa modalidade de basquetebol. Quando num campo de basquetebol existem duas tabelas, com um cesto em cada lado do campo, estas tabelas e estes cestos só ganham a possibilidade de serem entendidas como tabela defensiva e ofensiva, através da nossa orientação corporal, ao posicionarmo-nos para defender uma das tabelas e atacar a outra. E quando, após o intervalo, a nossa equipa troca de campo, obviamente, somos nós através do modo como orientamos o corpo que agora assumimos como tabela para onde atacamos aquela que na primeira parte era a tabela defensiva, e vice-versa. Assumindo o campo como o mundo e o jogador como o corpo, é o nosso corpo que cria uma parte do mundo através do seu comportamento.

d) Literalmente, o mundo só faz sentido quando nele nos envolvemos através da nossa experiência perceptiva, ou talvez melhor: como fenómeno, só faz sentido no nosso comportamento. O que se revela de extrema importância para o treino comportamental. Tal como já referimos, o comportamento é um dinamismo que está sempre a mudar através da respetiva interação subjetiva, automática e inconsciente entre os membros de uma equipa. O que constitui uma enorme dificuldade para o treinador comportamental, sempre que procura antecipar ou prever o que pode acontecer a nível comportamental em determinadas circunstâncias e contextos da vida coletiva das equipas que treina – experiência, aliás, paradigmática, que demonstra claramente o equívoco contido na posse intelectual do mundo: um sujeito corporal pertence ao que o envolve; e porque aquilo a que pertence é o que envolve, tal sujeito nunca o poderia possuir.

No fundo, ao treinar o comportamento, trata-se de recuperar uma espécie de familiaridade fundamental que permita, por exemplo, a um atleta de basquetebol, *treinar e jogar dentro do próprio corpo*, não se preocupando nem com o campo ou a bola, nem com o equipamento que está a usar, mas única e exclusivamente com o seu corpo vivido e os seus hábitos previamente adquiridos. Deste modo joga afinal com o corpo que incorpora, corpo que, consoante as necessidades, vai buscar de forma pré-reflexiva os hábitos que lhe permitem fazer coisas inesperadas sem ter de pensar. Sou esse corpo anónimo.

Conclusão

e) A dimensão vivida do corpo permite uma experiência fundamental e irrefletida: estamos sempre a comunicar com o mundo exterior, articulando para isso de forma continuada o espaço corporal e particular com o espaço total e generalizado. Como um dos objetivos apontados inicialmente, importava esclarecer bem o que aqui se entende por corpo. O corpo de que se trata é o nome de uma dimensão humana essencialmente encarnada e, consequentemente, mundana. O que somos acontece no mundo. *Somos percepção*, ou seja, somos primitivamente uma verdadeira consciência corporalizada aberta ao mundo. É como *corpo que compreendo o mundo: e essa compreensão é algo como uma sabedoria comportamental irrefletida, anónima, vivida*. Mas isto não significa afirmar que *um corpo*, por si só, realiza a humanidade do homem. A intersubjetividade (e a linguagem em que decorre) é que nos permite completar o sistema da corporeidade.

Pensar a intersubjetividade partindo de uma relação de mútua pertença e não de uma relação de conflito ou de desconhecimento inicial é importante.

f) Não somos seres que têm comportamentos, somos seres que são o comportamento. Os nossos sentidos não decalcam pura e simplesmente a realidade exterior, *abrem-nos ao mundo*, numa comunicação continuada e mutuamente influenciadora. A percepção é uma relação originária com o mundo e, neste sentido, é um comportamento fundamental. Neste sentido, o comportamento é uma realidade complexa que corresponde à mistura ou mútua oscilação do dinamismo do corpo e das interpelações práticas do mundo. E se acaso alteramos o nosso comportamento, alteramos a realidade em que estamos inseridos, tal como se acontecerem alterações nessa realidade, o comportamento se altera. Se o comportamento não fosse um tal fenómeno, algo como o treino comportamental não seria possível: é porque podemos mudar o comportamento, mudando o ambiente e podemos mudar o ambiente, mudando o comportamento, que o treino comportamental se torna possível.

g) Insistimos aqui no objetivo de procurarmos as explicações mais profundas e radicais para o *fenómeno do comportamento*. Interessou-nos o *fenómeno do comportamento* de modo filosófico, em particular, a possibilidade de pensar tal fenómeno a partir da experiência perceptiva e da respetiva base motora – entendendo a motricidade, por indicação de Merleau-Ponty, como a *intencionalidade originária*.

Enquanto licenciado em educação física e ex-treinador profissional de basquetebol, concluí aqui ter deixado de fazer sentido treinar meramente a anatomia daqueles com quem trabalhamos, algo primeiro sugerido por Manuel Sérgio, ele também leitor atento da filosofia merleau-pontyana. Sob a noção fundamental do vivido corporal, o treino muda forçosamente de ponto de apoio ao reconhecer que há muito da «sabedoria» de uma corporeidade pessoal a operar silenciosamente sob cada ação, gesto ou decisão. E que cada uma dessas ações se completa literalmente nas interpelações do espaço, demonstrando o que é aqui decisivo: o comportamento é um fenómeno relacional.

h) Somos verdadeiros *centros de ação*. Contribuímos para a construção do meio em que nos inserimos através de uma forma vivente, uma espécie de compreensão vital e ação orientada dotada de significado e sentido. Modulando esse meio ambiente de acordo com significados vitais próprios e *oferecendo-nos* às ações que pretendemos realizar; através de um comportamento cujo significado e sentido se direcionam ao meio em que vivemos.

Merleau-Ponty designou a intencionalidade corporal como intencionalidade operante, que se manifesta através de um corpo próprio e que atribui sempre um sentido e um significado claros a todas as suas movimentações, deixando bem claro que a intencionalidade operante a que se referia era exercida no decurso da *experiência da vida* e consequente abertura da nossa consciência ao *mundo vivido* e respetiva *teoria do corpo*. O comportamento precisa assim ser dimensionado como *pertença corporalizada*, *adesão pré-reflexiva* (ou *olhar pré-objetivo*), *motricidade significante*.

i) Concluindo, o comportamento aqui investigado tem um profundo sentido e significado humanizante: sobre a base de uma presença concreta no mundo que é relação de pertença e não de posse, pode fundar-se uma nova filosofia do comportamento no contexto da qual se poderá pensar o *treino comportamental* como atenção à coexistência vivencial entre o corpo próprio e o meio concreto que completa a respetiva situação. Podemos afirmar, assim, que é por tal circunstância relacional que somos *seres do mundo*, expostos aos que conosco se relacionam e a uma interação cultural constante, numa mistura continuada entre o subjetivo, o social e o cultural.

Excurso I

Fenomenologia da percepção e fenomenologia da vida: Uma breve incursão pelo projeto de Renaud Barbaras

1.

Na filosofia barbarasiana encontramos o projeto de «elucidação do sentido profundo da intencionalidade perceptiva em termos de relação, que nunca corresponde a nenhuma separação ou alternativa entre o olhar e o que se vê»³¹⁶. Tal como Umbelino refere, Barbaras vai para além de uma fenomenologia da vida, avançando no sentido de uma fenomenologia do desejo, na qual aprofunda o tema da vida e da intencionalidade. «Um sujeito intencional não está no mundo como o resto dos seres; o seu modo de existir implica contribuir para o aparecimento dos restantes seres.»³¹⁷ Acrescentando ainda que, para Barbaras, «viver significa ao mesmo tempo, “estar vivo” ou “ter vida”! E, igualmente, “viver algo” no sentido de construir a sua experiência. Dizer que se “vive” significa unir-se a algo, vivendo-o, [...] e o modo de ser vivo do sujeito é sempre o de uma pertença viva ao que experimenta»³¹⁸.

Barbaras reforça e questiona, em simultâneo, a fenomenologia de Merleau-Ponty. Por um lado, defendendo que contribuímos para fazer aparecer o mundo, porque lhe pertencemos, e que a vida nunca pode ser pensada se nos esquecermos que ela se torna consciência. Pelo outro, afirmando que a consciência só é possível de ser entendida integrando a vida que lhe dá origem. Também caracteriza a essência de viver como Desejo. «O sujeito, para quem e por quem há um mundo, deve ser compreendido no seu sentido de ser último, como viver, o qual conduz a caracterizar a percepção, modalidade

³¹⁶ Barbaras, *Introducción a una Fenomenología de la Vida*, 11.

³¹⁷ Barbaras, *Introducción a una Fenomenología de la Vida*, 13.

³¹⁸ Barbaras, *Introducción a una Fenomenología de la Vida*, 15.

originária da abertura ao mundo, como um tipo de movimento, [...] a definir como Desejo.»³¹⁹

Enquanto seres humanos, Barbaras caracteriza-nos por pertencermos em pleno ao mundo em que nos inserimos, afirmando que «não há fenomenologia mais do que como fenomenologia da vida; mas no que se refere ao sujeito, o sentido desta vida é determinado pelas exigências próprias da fenomenologia»³²⁰. Para este filósofo, toda a fenomenologia assenta na vida (o sujeito relacionado com o mundo), e a base da fenomenologia é constituída pela ação do sujeito transcendental na sua relação dialética com o mundo que o rodeia, onde viver «não é unicamente sobrevivência mas sim também conhecimento»³²¹. A vida não pode assim ser entendida de modo acrítico, como atividade de um organismo orientado exclusivamente para a sua auto-conservação, e, distinguindo a fenomenologia do empirismo, do subjetivismo e do idealismo transcendental, Barbaras defende que, «se o mundo está constituído pelo sujeito, está constituído como mundo na plenitude do seu sentido [...] como uma plenitude de ser de que depende a própria existência desta»³²². Acrescentando um pouco mais à frente, «é no sujeito onde confluem o pertencer ao mundo e a sua fenomenalização»³²³.

Permite-nos assim compreender que «viver é estar vivo, mas também é sentir, fazer a experiência de algo, viver uma experiência»³²⁴. E ao vivermos, naturalmente interrogamo-nos, e no decurso desse exercício podemos concluir que «a fenomenologia é sempre uma fenomenologia da vida [...] e pensar o viver conforme a sua primeira indistinção, que é o que, de verdade, a distingue, é pensar a identidade originária da consciência e da vida»³²⁵.

³¹⁹ Barbaras, *Introducción a una Fenomenología de la Vida*, 25.

³²⁰ Barbaras, *Introducción a una Fenomenología de la Vida*, 26.

³²¹ Barbaras, *Introducción a una Fenomenología de la Vida*, 31.

³²² Barbaras, *Introducción a una Fenomenología de la Vida*, 39.

³²³ Barbaras, *Introducción a una Fenomenología de la Vida*, 43.

³²⁴ Barbaras, *Introducción a una Fenomenología de la Vida*, 46.

³²⁵ Barbaras, *Introducción a una Fenomenología de la Vida*, 48.

2.

Segundo Barbaras, não é possível explicar a vida encarando simplesmente tudo aquilo que a biologia defende acerca de como funcionam os organismos humanos. «Não é a análise molecular, mas sim a nossa experiência que nos permite distinguir um gesto de apreensão, um comportamento de fuga ou uma atitude de repouso. [...] Não é na biologia que temos de investigar o que é a vida, já que simplesmente esta não é o seu objeto. A biologia não fala da vida, senão do modo de funcionamento dos organismos reconhecidos como vivos.»³²⁶

Tal como Merleau-Ponty, Barbaras defende que, para verdadeiramente conhecermos o que é a vida e como é o ser vivo, só o vivido e o experiencial tal permitirão. «Resumindo, dado que os sucessos biológicos não podem ser captados mais do que como momentos de uma totalidade, o ser do organismo deve confundir-se com o seu ser percebido.»³²⁷ Para Barbaras, o todo está presente em cada parte constituindo-se como uma totalidade que se totaliza. «Não é só uma totalidade totalizada pela percepção, mas sim uma totalidade totalizadora, ou seja, um dinamismo ou uma força que não se deixam perceber. A totalidade que o aquele que percebe apreende não é senão a cara visível de um movimento de totalização, que é no que consiste a realidade da vida em contraste com a sua fenomenalidade.»³²⁸

Diferencia-se entretanto de Merleau-Ponty ao afirmar que a dificuldade não está tanto entre o natural e o fenoménico, ou entre o em si e o fenómeno, mas sim porque «a análise merleau-pontyana deixa escapar a dimensão propriamente dinâmica e, neste sentido, subjetiva, que caracteriza o vivo, e que os conceitos de totalidade, unidade de sentido ou ser percebido não conseguem restituir»³²⁹. Razão porque vai além da tese filosófica de Merleau-Ponty ao considerar que é fundamental «entender a vida como unidade originária do ser vivo e da vivência, que exige descobrir um modo de ser singular que se dá na exterioridade, sem se desligar dele como um objeto, um ser singular que se afeta ele próprio – ou que em todo o caso não seja estranho a si próprio – sem por

³²⁶ Barbaras, *Introducción a una Fenomenología de la Vida*, 54.

³²⁷ Barbaras, *Introducción a una Fenomenología de la Vida*, 56.

³²⁸ Barbaras, *Introducción a una Fenomenología de la Vida*, 58.

³²⁹ Barbaras, *Introducción a una Fenomenología de la Vida*, 59.

ele se encerrar na imanência. Noutros termos, trata-se de pensar um viver cuja dimensão vivida não se confunda com uma experiência de si na imanência, que não exclua uma exteriorização, mas sim que a reclame»³³⁰.

Reforça também o *conceito de existência*, «a existência pode, como tal, ser uma existência humana, quer dizer intramundana, capaz desse comércio fundamental com os demais seres, comércio que supõe uma comunidade ontológica»³³¹. Idem quanto ao *conceito de vida*, «a vida dá nome à existência no sentido que esta se inscreve no mundo e com isso testemunha o seu parentesco com os restantes seres; a vida é o modo de ser de um ser cuja pertença ao mundo não exclui que se mova significativamente até ao mundo»³³². E também do *conceito de viver*, «se o viver constitui o sentido originário que andamos buscando, o próprio homem na sua humanidade deverá ser pensado a partir da sua vida e esta deverá dar razão das dimensões do homem, que, para a tradição, lhe são totalmente alheias»³³³.

3.

Na continuidade deste seu aprofundar da fenomenologia da vida, Barbaras prossegue através do reconhecimento do sentido do ser da vida. «Reconhecer a especificidade do sentido do ser da vida significa acabar assumindo, tarde ou cedo, que não há outro caminho senão o de o tomarmos a ele como ponto de partida de que temos que redesenhar o mapa do ser.»³³⁴ Para Barbaras a questão da vida não se resume à do corpo próprio. «Temos de pensar o corpo como uma realização da vida, mais do que pensar a vida como uma modalidade do corpo; unicamente com esta condição poderá ser inscrita no coração da vida a dimensão percetiva.»³³⁵ Perante alguma confusão provocada pelo conceito da carne, Barbaras procura deixar claro que corpo e carne não são uma e a mesma coisa. «Quando fala da carne, Merleau-Ponty não está

³³⁰ Barbaras, *Introducción a una Fenomenología de la Vida*, 71.

³³¹ Barbaras, *Introducción a una Fenomenología de la Vida*, 80.

³³² Barbaras, *Introducción a una Fenomenología de la Vida*, 80 e 81.

³³³ Barbaras, *Introducción a una Fenomenología de la Vida*, 81.

³³⁴ Barbaras, *Introducción a una Fenomenología de la Vida*, 107.

³³⁵ Barbaras, *Introducción a una Fenomenología de la Vida*, 107.

Fenomenologia da percepção e fenomenologia da vida

descrevendo o corpo, mas sim o sentido do ser do sujeito conforme a sua específica relação com o mundo, sentido do ser no qual se fundamenta a própria possibilidade de encarnação.»³³⁶ Aprofundando ainda mais esta questão da carne, Barbaras refere que, para Merleau-Ponty, «a carne como a identidade do sentir e da pertença, identidade cujo emblema ou manifestação é o meu corpo, mas que não pode confundir-se com ele. A minha carne não pressupõe o meu corpo como esse pedaço de matéria a que se juntaria misteriosamente um sentir. Pelo contrário, o meu corpo pressupõe sim a minha carne como o modo de ser que governa a sua existência: a carne é o sentido do ser do sujeito e, por isso, este sujeito tem um corpo [...]. Não é porque o meu corpo está no mundo (posição espacial) que é do mundo (parentesco ontológico), pelo contrário, na medida em que, enquanto carne é do mundo, pode também estar no mundo»³³⁷.

Para Barbaras (tal como para Merleau-Ponty) a carne tem relação com a pertença ontológica do corpo ao mundo em que se insere, permitindo-lhe «fazer-se ao mundo. Dizer que tenho uma carne é o mesmo que dizer que estou situado nos dois lados, diante do mundo e também para cá dele; tanto é assim que o mundo vem, com efeito, a intercalar-se entre essas duas folhas do meu corpo, que são o meu sentir e a minha carne»³³⁸.

4.

Ao descreverem a nossa relação com o mundo, Barbaras e Merleau-Ponty procuram como que fazer *emigrar a subjetividade para a exterioridade*, onde o corpo funciona como um mediador, por um lado como ser que vê e sente, pelo outro, como pertencendo ao mundo, como carne. Mas Barbaras vai entretanto ajudando a esclarecer gradualmente que a fenomenologia de Merleau-Ponty não é uma fenomenologia do corpo, mas sim uma fenomenologia da percepção. «Não é porque temos um corpo – pelo qual pertencemos ao mundo – que somos viventes; pelo contrário, é porque somos viventes – porque o nosso ser não é outro que um viver – que pertencemos ao mundo e possuímos pois um

³³⁶ Barbaras, *Introducción a una Fenomenología de la Vida*, 107.

³³⁷ Barbaras, *Introducción a una Fenomenología de la Vida*, 125.

³³⁸ Barbaras, *Introducción a una Fenomenología de la Vida*, 129.

corpo. A pertença do sujeito ao mundo – de que o corpo é, à vez, modalidade e manifestação – procede da sua vida (do seu viver) e por isto pode comportar uma dimensão de sensibilidade, quer dizer, pelo que pode fazer aparecer ao mundo a que pertence. Dito de outro modo, é a consciência mesmo (no sentido mínimo de ser consciente) a que, por sua vez, remete a vida como a dimensão da fenomenização constitutiva do pertencer. Não é porque somos consciência que podemos viver o mundo; pelo contrário, é porque estamos vivos e, como tal, inseridos no tecido do mundo, que podemos vivê-lo, quer dizer, ter consciência dele.»³³⁹ Para Barbaras estamos perante uma dupla exigência – a vida como exigência na sua qualidade de encarnada, ou o corpo apreendido na sua condição existencial; o estudo comparativo com outras teses filosóficas, para além de Merleau-Ponty (Husserl, Patocka, Michel Henry, Heidegger), permitiu a Barbaras concluir que, «se o corpo é o lugar da sensibilidade – qualidade pela qual se distingue dos restantes seres – e se o seu próprio sentido de ser é a motricidade, temos de afirmar que a motricidade é a essência da sensibilidade»³⁴⁰.

Para este filósofo, o movimento é um modo de relação com o mundo e devemos considerar-nos sujeitos percetivos caracterizados existencialmente como movimento (a nossa perceção é essencialmente movimento). Mas, em sua opinião, a perceção não vai só acompanhada de movimento, pois faz parte integrante dele, sendo ela própria movimento; um contexto percetivo que pressupõe desde logo movimento, devendo este ser considerado o verdadeiro coração da perceção. Também no que respeita à importância dos nossos órgãos dos sentidos, Barbaras defende que de um ponto de vista existencial temos dois grandes campos sensoriais: o do contacto (tato, toque) e o da visão (ver); um respeitante a todo o tipo de aproximação dos outros e das coisas, outro referente ao distanciamento (afastamento); acrescentando que enquanto seres humanos apresentamos duas grandes tendências comportamentais, a da proximidade (aproximação) e a do afastamento (distanciamento). «Não é porque estamos dotados do tato ou da visão que somos capazes de captar de perto ou de longe; pelo contrário, na medida em que a existência, devido àquilo com que se relaciona, comporta uma tendência para a proximidade ou para o afastamento, temos um campo tátil e visual e, em consequência

³³⁹ Barbaras, *Introducción a una Fenomenología de la Vida*, 135.

³⁴⁰ Barbaras, *Introducción a una Fenomenología de la Vida*, 174.

Fenomenologia da percepção e fenomenologia da vida

somos capazes de tocar e ver. O que permite concluir que o tato e a visão, entendidos existencialmente, ou seja, significando um certo modo de relação com o objeto, incluem outros sentidos (por exemplo, o gosto para a proximidade e o ouvido para a distancia). Por outra parte, devemos destacar que os movimentos para que remetem os campos sensoriais não são movimentos espaciais e, portanto, em nenhum caso se excluem um ao outro.»³⁴¹

Segundo Barbaras, a nossa existência é, ao mesmo tempo, aproximadora ou afastadora, tendências que se articulam e relacionam entre si, integradas numa mesma dinâmica existencial centrada no movimento e libertadora do sentido do ser do corpo próprio. Afinal, uma fenomenologia da vida, uma clara identificação da existência com vida e na sua verdadeira especificidade humana. «Resulta claro que esta análise parece encaminhar-nos para a via de uma autêntica fenomenologia da vida, que referimos já que deveria ser compreendida como fenomenologia do viver.»³⁴² E, uma vez mais, Barbaras reforça o entendimento da vida, não como simplesmente vida corporal tal como a biologia a interpreta, mas sim de modo existencial, como um verdadeiro impulso dos movimentos corporais. «Viver não é mantermo-nos vivos, satisfazendo as nossas necessidades [...] é existir de uma determinada maneira [...] como a base fundamental e contínua da polifonia da vida [...] um movimento que transcende a mera dimensão da atividade e da qual esta atividade não é senão o modo de realização.»³⁴³ Como Merleau-Ponty, Barbaras defende que somos seres experienciais com um claro sentido de vida e intencionalidade em todas as nossas ações. «A atividade do sujeito, como condição que é da fenomenicidade, pode ser caracterizada como viver, verbo que há que entender na sua neutralidade primeira respeitante à diferença entre estar vivo e vivenciar.»³⁴⁴

Estar vivo e vivenciar são para Barbaras uma e a mesma coisa, como duas modalidades do mesmo ser, tal como não há fenomenologia a não ser como fenomenologia da vida. «Esta fenomenologia da vida será inteiramente um interrogar acerca do sentido de viver na sua unidade originária, viver cujo sentido do ser se trata de determinar.»³⁴⁵

³⁴¹ Barbaras, *Introducción a una Fenomenología de la Vida*, 181.

³⁴² Barbaras, *Introducción a una Fenomenología de la Vida*, 183.

³⁴³ Barbaras, *Introducción a una Fenomenología de la Vida*, 189.

³⁴⁴ Barbaras, *Introducción a una Fenomenología de la Vida*, 521.

³⁴⁵ Barbaras, *Introducción a una Fenomenología de la Vida*, 522.

Apesar de difícil de fundamentar, estamos perante uma unidade originária de viver que, perante a dualidade habitual entre vida biológica e vida mental, ou vida pura e consciência, ilustra que «viver é consciência por ser Desejo»³⁴⁶.

Relativamente a Merleau-Ponty, Barbaras introduz, respetivamente, dois novos conceitos. O de Desejo, entendido em termos transcendentais como fenomenologia em «que adquire sentido o poder fenomizador da vida»³⁴⁷; e o da Morte, pela limitação que constitui para qualquer ser humano. «Dizer que o ser vivo é mortal, é dizer que a morte é uma sua possibilidade, que por assim dizer está já envolvido nela e, em consequência, esta não é uma mera negação da vida, mas sim que se enraíza originariamente nela.»³⁴⁸ Acrescentando ainda acerca deste conceito de morte que, «residiria, por assim dizer, no coração da própria vida, como seu núcleo mais íntimo [...] e longe que a morte seja a negação da vida, é a vida que é a negação da morte, no sentido em que é a própria essência da vida que se nutre da morte e no de que a vida é precisamente a obra negadora da sua própria essência»³⁴⁹.

Para Barbaras, a mortalidade não é algo que esteja no ponto de chegada da vida, mas sim no seu ponto de partida, constituindo o viver a negação da morte. Ao aprofundar a reflexão sobre a vida, Barbaras reforça a tese de que, enquanto seres humanos, pertencemos ao mundo e, ao mesmo tempo, fazemo-lo aparecer, permitindo a vida, enquanto consciência na vida, o emergir de um conhecimento vivo. «A vida é na sua totalidade o dinamismo próprio, consciência que a atividade do seu viver é a de um “tomar” consciência e que, em consequência, está inteiramente voltada para a exterioridade, que é intencionalidade.»³⁵⁰ Para Barbaras é na vida e a experimentar na ação que podemos entender a vitalidade de viver e a essência da consciência. Numa constante abertura aos outros e atenção e foco em tudo o que vemos e interpretamos, tal como num acolhimento e apoio aos que nos rodeiam, centrando a essência da vida na relação e apoio àqueles com quem nos relacionamos. «Uma fenomenologia da vida que adota como ponto de partida a unidade originária do viver reconhece *ipso facto* que a humanidade pertence de maneira

³⁴⁶ Barbaras, *Introducción a una Fenomenología de la Vida*, 524.

³⁴⁷ Barbaras, *Introducción a una Fenomenología de la Vida*, 525.

³⁴⁸ Barbaras, *Introducción a una Fenomenología de la Vida*, 526.

³⁴⁹ Barbaras, *Introducción a una Fenomenología de la Vida*, 527.

³⁵⁰ Barbaras, *Introducción a una Fenomenología de la Vida*, 194 e 195.

Fenomenologia da percepção e fenomenologia da vida

fundamental à vida e ressalta a continuidade fundamental entre o homem e os outros vivos, em vez da sua rutura. [...] A vida humana é humana porque é vida.»³⁵¹

Uma preocupação com o viver humano que também designa como existência e que, na sua opinião, exige pertencer ao mundo e, quer como consciência ou como existência, não têm nada a ver com subsistência. «A vida fica assim cindida da existência (que Merleau-Ponty também chama ser no mundo), permanece mais para cá do seu movimento próprio, quer se refira ao corpo, quer se refira a uma outra dimensão cuja descrição da vida animal mostra que é incapaz de abrir a um mundo e que está desprovida de uma autêntica transividade.»³⁵²

Ao considerar a nossa relação com o mundo como um viver, Barbaras coloca essa relação muito para além de uma mera relação intelectual. «Dizer que o mundo é o que eu vivo é excluir, tanto que esteja em mim em forma de representação, quanto que eu esteja nele em forma de fragmento extenso que padecera da sua ação.»³⁵³

5.

Concluindo, Barbaras aprofunda entre outros os conceitos da vida e da morte, da existência e do sentido da vida, da intencionalidade e do desejo, recusando limitar o sentido de viver a uma mera sobrevivência e autoconservação ao serviço da satisfação de determinadas necessidades. Privilegiando a nossa relação com o mundo e os outros e não meramente conosco próprios e, principalmente, advogando a aquisição de conhecimentos e o evoluirmos de forma continuada, para este filósofo a vida caracteriza-se por estar vivo e viver uma experiência.

Para Barbaras a fenomenologia é a unidade originária da fenomenologia da vida e deve levar-nos a «entender o viver na sua autêntica unidade, entender a humanidade e portanto a consciência como uma possibilidade da própria vida, como uma diferença no seio da vida que já não implica desta vez diferenciar-se

³⁵¹ Barbaras, *Introducción a una Fenomenología de la Vida*, 197.

³⁵² Barbaras, *Introducción a una Fenomenología de la Vida*, 199.

³⁵³ Barbaras, *Introducción a una Fenomenología de la Vida*, 200.

dela. Se a humanidade é uma possibilidade de vida, se a consciência diz respeito à vida, é preciso então reconhecer que [...] a vida deve pelo contrário caracterizar-se por uma profusão ou uma generosidade fundamentais e, em consequência, por uma transitividade no que respeita à qual a consciência e a humanidade aparecerão como limitações»³⁵⁴.

Barbaras considera que somos seres vivos porque assumimos estar abertos ao mundo segundo uma fenomenologia da vida que não é mais que um processo sempre em reconstrução, com avanços e recuos; e vivemos em desejo quando nos expomos «ao risco da própria morte sem sucumbir a ela»³⁵⁵.

³⁵⁴ Barbaras, *Introducción a una Fenomenología de la Vida*, 371.

³⁵⁵ Barbaras, *Introducción a una Fenomenología de la Vida*, 530.

Excursus II

O milagre da comunicação e da linguagem³⁵⁶: Segundo Paul Ricoeur, as línguas não falam, só as pessoas

Ao investigar a tese de doutoramento «Motricidade e Corpo Expressivo», emergiu naturalmente a importância do tema da comunicação e o da linguagem. Assunto sobre o qual Paul Ricoeur procurou desenvolver o que considerou ser a unidade da linguagem humana, nomeadamente, «o conflito aparente entre a explicação e a compreensão»³⁵⁷. Para Paul Ricoeur explicar e compreender têm uma profunda relação dialética, e «língua significa, pois, aqui algo de diferente da capacidade geral de falar ou da competência comum de falar. Designa a estrutura particular do sistema linguístico»³⁵⁸.

Através da sua linguagem expressiva, os seres humanos não só atribuem um sentido e uma significação existencial expressiva às suas palavras, como também se fazem compreender, ainda que, segundo Merleau-Ponty, a fala exija ser encarada como uma dimensão da nossa existência e uma expressão do nosso modo de sermos intersubjetivos. O que Paul Ricoeur reforça dizendo: «o evento não é apenas a experiência enquanto expressa e comunicada, mas também a própria troca intersubjetiva, o acontecer do diálogo [...] que liga dois eventos, o do locutor e o do ouvinte»³⁵⁹.

Estamos assim perante uma linguagem que se apresenta como uma verdadeira expressão da nossa sensibilidade e uma extensão da intencionalidade

³⁵⁶ Paul Ricoeur, *Teoria da Interpretação: O Discurso e o Excesso de Significação* (Lisboa: Edições 70, 2005).

³⁵⁷ Ricoeur, *Teoria da Interpretação*, «Introdução», 9.

³⁵⁸ Ricoeur, *Teoria da Interpretação*, 12 e 13.

³⁵⁹ Ricoeur, *Teoria da Interpretação*, 30.

corporal com que de modo continuado estabelecemos relação com os outros e o mundo em que nos inserimos.

No fundo, a nossa fala não é mais que uma forma de expressividade corporal através das palavras carregadas de sentido e significado; verdadeiro gesto linguístico conforme com a cultura em que estejamos inseridos, onde se expressam as diferenças que Merleau-Ponty estabeleceu entre uma *fala falante*, em que ainda não sabemos bem o que queremos dizer, mas queremos dizer esforçando-nos por criar novos significados, e uma *fala falada*, enquanto saber traduzido através da linguagem que utilizamos usando significados já adquiridos.

Para Merleau-Ponty, é através da linguagem expressiva que damos sentido ao que queremos comunicar. «A questão da linguagem encerra a questão do ser que a integra [...] a reflexão sobre a linguagem é, ao mesmo tempo, a reflexão sobre os últimos e os primeiros problemas da filosofia, não porque os reabsorva mas pelo contrário, porque é a estrada privilegiada que se expande em todas as direções.»³⁶⁰ Segundo este filósofo não seria possível aos seres humanos terem uma atitude transcendente caso não utilizassem as palavras e tivessem uma forma de linguagem. «Para compreender a linguagem é preciso portanto remetermo-nos ao movimento do sujeito, mais propriamente do ser vivo [...] na sua expressão manifesta-se inteiramente o carácter essencial do ser [...]»³⁶¹

Já Paul Ricoeur acrescenta que, na utilização de uma linguagem, «a frase não é uma palavra mais ampla ou mais complexa. É uma nova entidade. Pode decompor-se em palavras, mas as palavras são algo de diferente de frases curtas. Uma frase é um todo irreduzível à soma das suas partes. É constituída por palavras, mas não é uma função derivativa das suas palavras. Uma frase compõe-se de signos, mas em si mesma não é um signo»³⁶². Mas «no discurso falado a força ilocutória depende da mímica e dos gestos e dos aspetos não verbalizados do discurso»³⁶³. Segundo Paul Ricoeur, «as línguas não falam, só

³⁶⁰ Cornelius Castoriadis, «Le dicible et l'indicible», in *L'ARC*, n.º 46 «Merleau-Ponty» (Paris: Duponchelle, 1971), 67.

³⁶¹ Cornelius Castoriadis, «Le dicible et l'indicible», 69.

³⁶² Ricoeur, *Teoria da Interpretação*, 19.

³⁶³ Ricoeur, *Teoria da Interpretação*, 44.

O milagre da comunicação e da linguagem

as pessoas»³⁶⁴, estando perfeitamente claro que «um aspeto importante do discurso é que está dirigido a alguém. Há outro falante que é o destinatário do discurso. A presença do par locutor e ouvinte constitui a linguagem como comunicação»³⁶⁵. Acrescentando que, «para uma investigação existencial, a comunicação é um enigma e até mesmo um milagre»³⁶⁶, pois a transferência contida no ato de comunicar não é propriamente uma troca de experiências vividas, mas sim a sua significação.

«Eis o milagre. A experiência vivida como vivida permanece privada, mas o seu sentido, a sua significação torna-se pública. A comunicação é deste modo a superação da radical não comunicabilidade da experiência vivida enquanto vivida.»³⁶⁷ E se «a própria linguagem é o processo pelo qual a experiência privada se faz pública. A linguagem é a exteriorização graças à qual uma impressão é transcendida e se torna uma expressão ou, por outras palavras, a transformação do psíquico em noético [...]. De qualquer modo a solidão da vida é aí iluminada por um momento pela luz comum do discurso»³⁶⁸. Para Paul Ricoeur, «a linguagem não é um mundo próprio. Nem sequer é um mundo. Mas porque estamos no mundo, porque somos afetados por situações e porque nos orientamos mediante a compreensão de tais situações, temos algo a dizer, temos a experiência para trazer a linguagem»³⁶⁹.

A linguagem pode assim ser entendida como comunicação, onde se encontram perfeitamente definidas as funções de cada interlocutor.

«Ao locutor corresponde a função emotiva, ao ouvinte, a conativa, a mensagem, a função poética. O código designa a função metalinguística, ao passo que o contacto e o contexto são os suportes da função fática e referencial.»³⁷⁰

Ao comunicarmos uns com os outros estabelecemos assim relações fundamentais que nos permitem, através do milagre dessa comunicação, «ultrapassar a solidão fundamental de cada ser humano»³⁷¹.

³⁶⁴ Ricoeur, *Teoria da Interpretação*, 26.

³⁶⁵ Ricoeur, *Teoria da Interpretação*, 28.

³⁶⁶ Ricoeur, *Teoria da Interpretação*, 29 e 30.

³⁶⁷ Ricoeur, *Teoria da Interpretação*, 30.

³⁶⁸ Ricoeur, *Teoria da Interpretação*, 34.

³⁶⁹ Ricoeur, *Teoria da Interpretação*, 36.

³⁷⁰ Ricoeur, *Teoria da Interpretação*, 29.

³⁷¹ Ricoeur, *Teoria da Interpretação*, 30.

Verdadeira fenomenologia da linguagem que, na opinião de Merleau-Ponty, é marcadamente intersubjetiva. Antes de falarmos, temos uma intenção significativa para o fazer, evidenciando a necessidade de que as palavras a proferir sejam complementares. Enquanto falamos, expressamo-nos através do corpo vivido e da sua motricidade e gestualidade, criando sentido e significação. Tudo isto através de uma clara ligação entre a percepção, que nos abre e projeta para o mundo e para os outros, e a linguagem, enquanto verdadeiro complemento e reforço decisivo dessa percepção e respetiva compreensão da intencionalidade e significado contidos na comunicação daqueles que conosco se relacionam.

Para Merleau-Ponty a linguagem é um ser, uma existência concreta que permite a atribuição de um determinado sentido à comunicação com o mundo e os outros, evidenciando o poder de quem fala para se descentrar de si próprio e se abrir em simultâneo para os outros e o mundo. Uma fenomenologia da linguagem que, por vezes, nos surpreende quando associada à intersubjetividade sempre presente na comunicação com os outros e, principalmente, na possibilidade de dizermos tanto através do que não é dito, quanto pela expressão das palavras entretanto proferidas.

Obviamente que, para além da linguagem, temos na comunicação a questão inerente à escrita que considerámos não dever abordar por uma razão. Tal como defende Paul Ricoeur, «o discurso humano, ao fixar-se na escrita, não é simplesmente preservado de destruição, mas é profundamente afetado na sua função comunicativa»³⁷².

³⁷² Ricoeur, *Teoria da Interpretação*, 45.

Bibliografia

1. Maurice Merleau-Ponty

- Merleau-Ponty, Maurice. 1942. *La Structure du Comportement*. Paris: PUF.
- Merleau-Ponty, Maurice. 1945. *Phénoménologie de la Perception*. Paris: Gallimard.
- Merleau-Ponty, Maurice. 1948. *Sens et Non-Sens*. Paris: Nagel.
- Merleau-Ponty, Maurice. 1960a. *Éloge de la Philosophie et Autres Essais*. Paris: Gallimard.
- Merleau-Ponty, Maurice. 1960b. *Signes*. Paris: Gallimard.
- Merleau-Ponty, Maurice. 1964a. *L'Oeil et L'Esprit*. Paris: Gallimard.
- Merleau-Ponty, Maurice. 1964b. *Le visible et l'invisible*. Paris: Gallimard.
- Merleau-Ponty, Maurice. 1968. *Résumés de Cours. Collège de France, 1952-1960*. Paris: Gallimard.
- Merleau-Ponty, Maurice. 1988. *Merleau-Ponty à la Sorbonne. Résumé de cours, 1949-1952*. Paris: Cynara.
- Merleau-Ponty, Maurice. 1995. *La Nature. Notes. Cours du Collège de France*. Paris: Seuil.
- Merleau-Ponty, Maurice. 1996a. *Le Primat de la Perception et ses Conséquences Philosophiques*. Paris: Verdier.
- Merleau-Ponty, Maurice. 1996b. *Notes de Cours :1959-1961*. Paris: Gallimard.

2. Bibliografia secundária

- Andrieu, Bernard. 2010. «Le corps dans l'acte de son cerveau». In Alain Berthoz e Bernard Andrieu, eds., *Le corps en acte : Centenaire Maurice Merleau Ponty*. Nancy: Presses Universitaires de Nancy.
- Araújo, Jorge. 2010. *O Caminho do Futuro - Treino na Área Comportamental*. Lisboa: Guerra e Paz Editores.
- Araújo, Jorge. 2012. *Pensar e Intervir como um Treinador*. Porto: Team Work Edições.
- Araújo, Jorge. 2014. *Tudo se Treina*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

- Araújo, Jorge. 2015. *As Emoções e os Sentimentos também se Treinam?* Porto: Team Work Edições.
- Araújo, Jorge. 2016. *O Treino do Treinador*. Porto: Team Work Edições.
- Baldwin, Thomas. 2004. *Maurice Merleau-Ponty: Basic Writings*. Londres: Routledge.
- Barbaras, Renaud. 1997. *Merleau-Ponty*. Coleção Philo-Philosophes. Paris: Ellipses.
- Barbaras, Renaud. 2013. *Introducción a una Fenomenología de la Vida: Intencionalidad y Deseo*. Madrid: Ediciones Encuentro.
- Barrett, Louise. 2011. *Beyond the Brain: How Body and Environment Shape Animal and Human Minds*. Princeton: Princeton University Press.
- Berns, Gregory. 2008. *Iconoclast: A Neuroscientist Reveals how to Think Differently*. Cambridge: Harvard Business Press.
- Berthoz, Alain. 2010. «La conscience du corps». In Alain Berthoz e Bernard Andrieu, eds., *Le corps en acte : Centenaire Maurice Merleau Ponty*. Nancy: Presses Universitaires de Nancy.
- Berthoz, Alain, e Bernard Andrieu, eds. 2010. *Le corps en acte : Centenaire Maurice Merleau Ponty*. Nancy: Presses Universitaires de Nancy.
- Bimbenet, Étienne. 2000. *La Structure du Comportement : Merleau-Ponty*, Chap. III, 3 – «L'Ordre Humain». Paris: Ellipses.
- Castoriadis, Cornelius. 1971. «Le dicible et l'indicible». *L'ARC*, n.º 46 «Merleau-Ponty». Paris: Duponchelle.
- Cerlet, Denis. 2010. «Le corps en mouvement comme lieu de constitution du temps?». In Alain Berthoz e Bernard Andrieu, eds., *Le corps en acte : Centenaire Maurice Merleau Ponty*. Nancy: Presses Universitaires de Nancy.
- Damásio, António. 2003. *O Sentimento de Si*. Lisboa: Publicações Europa-América.
- Damásio, António. 2010. *O Livro da Consciência*. Lisboa: Temas e Debates – Círculo de Leitores.
- Damásio, António. 2017. *A Estranha Ordem das Coisas*. Lisboa: Temas e Debates – Círculo de Leitores.
- Davidson, Richard. 2012. *The Emotional Life of your Brain*. Londres: Hodder & Stoughton General Division.
- Duhigg, Charles. 2013. *The Power of Habit*. Londres: Random House Group.
- Fergusson, Alex. 2013. In «Ferguson's Formula by Anita Elberse». *Harvard Business Review*, outubro, disponível em: <https://hbr.org/2013/10/fergusons-formula>
- Frazzetto, Giovanni. 2014. *Como Sentimos: O que a Neurociência nos Pode – ou não – Dizer sobre as nossas Emoções*. Lisboa: Bertrand Editora.
- Gallagher, Shaun. 2012. «Fenomenologia da intersubjectividade: Perspectivas transcendentais empíricas». Coimbra: *Revista Filosófica de Coimbra*, n.º 42: 557-582.
- Gallagher, Shaun. 2005. *How the Body Shapes the Mind*. Oxford: Oxford University Press.
- Gallagher, Shaun, e Andrew N. Meltzoff. 1996. «The earliest sense of self and others: Merleau-Ponty and recent developmental studies». Paris: *Philosophical Psychology*, vol. 9: 211-233.
- Garganta, Júlio. 2005. «Constrangimentos da ação à liberdade de (inter)ação, para um Futebol com pés ... e cabeça». In Duarte Araújo, ed., *O Contexto da Decisão: A Ação Tática no Desporto*, 179-190. Lisboa: Visão e Contextos.

Bibliografia

- Garganta, Júlio, José Oliveira e Mauricio Murad. 2004. *Futebol de muitas Cores e Sabores: Reflexões em Torno do Desporto mais Popular do Mundo*. Porto: Campo das Letras.
- Gladwell, Malcolm. 2006. *Blink: Decidir num Piscar de Olhos*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Gladwell, Malcolm. 2007. *A Chave do Sucesso*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Gladwell, Malcolm. 2008. *Outliers: Os Melhores, os Mais Inteligentes, os Mais Bem Sucedidos*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Goleman, Daniel. 1999. *Trabalhar com Inteligência Emocional*. Lisboa: Temas e Debates – Círculo de Leitores.
- Jorland, Gérard. 2010. «L'Empire du sens». In Alain Berthoz e Bernard Andrieu, eds., *Le corps en acte : Centenaire Maurice Merleau Ponty*. Nancy: Presses Universitaires de Nancy.
- Loehr, Jim. 2003. *The Power of Full Engagement*. Nova Iorque: Free Press.
- Lehrer, Jonah. 2009. *Como Decidimos. Tome as Melhores Decisões baseado na Neurociência*. Lisboa: Lua de Papel.
- Matthews, Eric. 2010. *Compreender Merleau-Ponty*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Naccache, Lionel. 2010. «L'introspection de la perception visuelle : mythe et réalité». In Alain Berthoz e Bernard Andrieu, eds., *Le corps en acte : Centenaire Maurice Merleau Ponty*. Nancy: Presses Universitaires de Nancy.
- Nóbrega, Terezinha Petrucia da. 2010. «Le corps comme œuvre d'art : notes sur une ontologie sensible chez Merleau-Ponty». In Alain Berthoz e Bernard Andrieu, eds., *Le corps en acte : Centenaire Maurice Merleau Ponty*. Nancy: Presses Universitaires de Nancy.
- Ortega y Gasset, José. 1995. *O que é a Filosofia?* Lisboa: Edições Cotovia.
- Petit, Jean-Luc. 2010. «Corps propre, schéma corporel et cartes somatotopiques». In Alain Berthoz e Bernard Andrieu, eds., *Le corps en acte : Centenaire Maurice Merleau Ponty*. Nancy: Presses Universitaires de Nancy.
- Pillay, Srinivasan. 2011. *Your Brain and Business: The Neuroscience of Great Leaders*. EUA: Pearson FT Press.
- Pink, Daniel. 2009. *A Nova Inteligência: Treinar o Lado Direito do Cérebro é o Novo Caminho para o Sucesso*. Alfragide: Academia do Livro.
- Pink, Daniel. 2011. *Drive: a Surpreendente Verdade sobre aquilo que nos Motiva*. Alfragide: Estrela Polar.
- Punset, Eduardo. 2008. *Viagem à Felicidade*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Punset, Eduardo. 2010. *Viagem ao Poder da Mente*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Récopé, Michel, e Hélène Fache. 2010. «La sensibilité incorporée des volleyeurs les plus " actifs »». In Alain Berthoz e Bernard Andrieu, eds., *Le Corps en Acte: Centenaire Maurice Merleau Ponty*. Nancy: Presses Universitaires de Nancy.
- Ricoeur, Paul. 2005. *Teoria da Interpretação: O Discurso e o Excesso de Significação*. Lisboa: Edições 70.
- Ricoeur, Paul. 2019. *O Homem Falível*. Lisboa: Edições 70.
- Robinson, Ken. 2001. *Out of our Minds*. Londres: Capstone Publishing Limited – Wiley Company.
- Robinson, Ken. 2010. *O Elemento*. Porto: Porto Editora.

- Rochat, Philippe. 2010. «Sens de Soi et sens de l'Autre au début de la vie». In Alain Berthoz e Bernard Andrieu, eds., *Le corps en acte : Centenaire Maurice Merleau Ponty*. Nancy: Presses Universitaires de Nancy.
- Saint-Aubert, Emmanuel de. 2010. «Espace et schéma corporel dans la philosophie de la chair de Merleau-Ponty». In Alain Berthoz e Bernard Andrieu, eds., *Le corps en acte : Centenaire Maurice Merleau Ponty*. Nancy: Presses Universitaires de Nancy.
- Sérgio, Manuel. 1999. *Um Corte Epistemológico, da Educação Física à Motricidade Humana*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Sérgio, Manuel. 2003. *Alguns Olhares sobre o Corpo*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Sérgio, Manuel. 2008. *Textos Insólitos*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Sérgio, Manuel. 2015. *O Futebol e Eu*. S. Pedro do Estoril: Prime Books.
- Sérgio, Manuel. 2016. *Futebol: Ciência e Consciência*. S. Pedro do Estoril: Prime Books.
- Sérgio, Manuel. 2019. *Da Ciência à Transcendência: Epistemologia da Motricidade Humana*. Lisboa: Universidade Católica Editora.
- Shusterman, Richard. 2010. «Le corps en acte et en conscience». In Alain Berthoz e Bernard Andrieu, eds., *Le corps en acte : Centenaire Maurice Merleau Ponty*. Nancy: Presses Universitaires de Nancy.
- Sousa, Luís Francisco Aguiar de. 2017. «A intencionalidade do corpo como expressão em *A Fenomenologia da Percepção* de Merleau-Ponty». In Bernhard Sylla e Irene Borges-Duarte (eds.), *Intencionalidade e Cuidado. Herança e Repercussão da Fenomenologia: V Congresso Luso-Brasileiro de Fenomenologia. III Jornadas Ibéricas de Fenomenologia*, 53-72. V. N. Famalicão: Edições Húmus.
- Spitzer, Manfred. 2007. *Aprendizagem: Neurociências e a Escola da Vida*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Swaab, Dick. 2014. *Somos nuestro Cerebro: Cómo Pensamos, Sufrimos y Amamos*. Barcelona: Plataforma Editorial.
- Umbelino, Luís António. 2017. «Filosofia do corpo e inventário da dor: (I) Elementos para uma fenomenologia da experiência do membro-fantasma». *Revista Filosófica de Coimbra*, n.º 51: 137-162.
- Umbelino, Luís António. 2017. «Filosofia do corpo e inventário da dor: (II) Anonimato, alteridade e relação *intercorporal* segundo M. Merleau-Ponty». *Revista Filosófica de Coimbra*, n.º 52: 291-310.
- Varela, Francisco, Evan Thompson e Eleanor Rosch. 2011. *De Cuerpo Presente: Las Ciencias Cognitivas y la Experiencia Humana*. Barcelona: Editorial Gedisa.

TÍTULOS ANTERIORES

DA CIÊNCIA À TRANSCENDÊNCIA

Epistemologia da Motricidade Humana

Manuel Sérgio

DESPORTO, HUMANISMO E TECNOLOGIA

Alfredo Teixeira e João Manuel Duque (Coord.)

SABER-SE CORPO

Ensaio sobre Cinema, Desporto
e Motricidade

Alfredo Teixeira e Inês Espada Vieira (Coord.)

BREVE TRATADO DAS VIRTUDES DESPORTIVAS

Alexandre Palma e João Eleutério (Coord.)

DESPORTO E CA(U)SA COMUM

Alfredo Teixeira e Alex Villas Boas (Coord.)



CATOLICA
CITEP - CENTRO DE INVESTIGAÇÃO
EM TEOLOGIA E ESTUDOS DE RELIGIÃO



CÁTEDRA
MANUEL
SÉRGIO
DESPORTO, ÉTICA
E TRANSCENDÊNCIA

Treinar com êxito o corpo implica uma abordagem holística que convoca os sentimentos, as emoções, os sentidos, em suma, a vida. Esta perspetiva comporta riscos e, no limite, até pode parecer aterradora. Se tudo é treinável, e se há quem o saiba aplicar, é a essência da dignidade humana que pode ficar em causa ou, pelo menos, seriamente restringida. Qual a margem de liberdade que nos resta se toda a nossa educação e experiência de vida for assumida como uma aprendizagem passível de ser treinada? É com esta pergunta que desejo estimular o leitor. Lembrando Agustina, um livro não nos incita apenas ao que é «natural», isto é, ao que dele se poderia esperar, mas apenas ao que nele e por ele é «possível». José Pedro Paiva, Universidade de Coimbra

Jorge Araújo, quando abandonou a carreira de treinador e optou pela de consultor comportamental, serviu-se da sua experiência de profissional de desporto e condutor de pessoas em situação competitiva, como principal ferramenta de trabalho. O trabalho de doutoramento que apresentou faz a síntese entre o treino desportivo e a gestão comportamental inspirado na fenomenologia de Merleau-Ponty. O desafio é intelectualmente estimulante. Para a ciência do treino e para a filosofia do comportamento humano.

José Manuel Constantino, Presidente do Comité Olímpico de Portugal

